

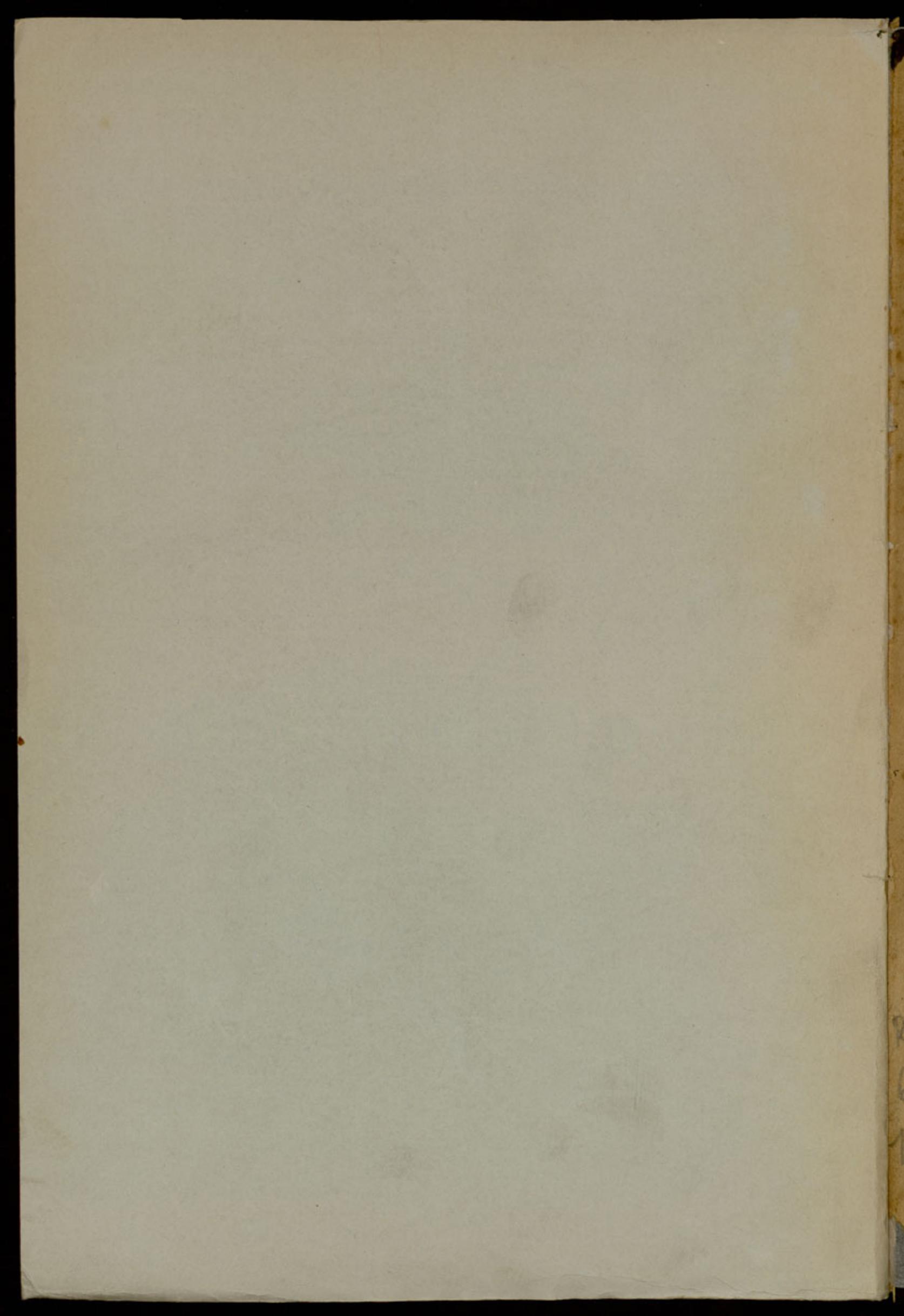


A FARÇA  
1909-1910  
N<sup>os</sup> 1 A 6  
INCOMPLETO

RP

6

14



Anno 1.º

Numero I

RP  
6  
14

*Handwritten signature*



# PARARCA

50 réis

Coimbra, 20 de dezembro de 1909

RP  
6  
14

# A FARÇA

Quinzenario humoristico illustrado

Numero avulso Portugal — 50 réis.  
Brazil — 400 réis (moeda fraca)

## ASSIGNATURA

(Por serie de 12 numeros)

Portugal e colonias . . . . . 600 réis  
Brazil . . . . . (moeda fraca) 3\$800  
Estrangeiro . . . . . 5 francos

A responsabilidade de cada artigo pertence individualmente aos seus autores. A direcção litteraria unicamente é responsavel pelos artigos que assigna.

Adiada seccessivamente a apparição d'*A Farça* por motivos em todo alheios á nossa vontade, ainda este numero e o seguinte não poderão ter a regularidade que contamos imprimir-lhe a partir do 3.<sup>o</sup> numero. Vai este primeiro numero manchado ainda pelo luto recente que feriu o Director artistico, e que naturalmente arrastou demoras e delongas na apparição da revista. Tambem a direcção litteraria só muito tarde se constituiu e definiu um programma, alterando assim em muito o primitivo projecto, alinhado noutros moldes. *A Farça* apparece hõ e com um corpo de redação, litteraria e artistica, que a garante de qualquer eventualidade, e espera nos numeros seguintes introduzir novos e successivos melhoramentos. E' assim que a par de paginas a côres, a primeira das quaes virá já no proximo numero, nos apressámos a annunciar a collaboraçãõ artistica de alguns dos mais notaveis artistas estrangeiros. Para a execuçãõ deste programma conta *A Farça* naturalmente com o acõihimento correspondente em Portugal e no Brazil.

São nossos obsequiosos correspondentes no Brazil:

NO RIO DE JANEIRO:

o sr. Carlos de Azambuja, rua do Hospicio, 13.

NO PARÁ:

o sr. Augusto Marques Coelho, Travessa da Industria, 4.

EM S. PAULO:

o sr. Dr. Antonio Augusto, illustre professor.

## Concurso de cartazes artisticos

Num dos proximos numeros abriremos um concurso de cartazes artisticos para diversas casas commerciaes e a que concorrãõ artistas nacionaes e estrangeiros.

Iniciará esta serie de concursos uma casa de Lisboa, muito conhecida pelas grãndes transações que effictua e pela sua ousada iniciativa.

## ANNUNCIOS

	Em um só numero	Por serie de 12 numeros
1 pagina . . . . .	3\$000 réis	25\$000
1/2 " . . . . .	1\$800 "	15\$000
1/4 " . . . . .	1\$000 "	10\$000
1/5 " . . . . .	800 "	8\$000
1/8 " . . . . .	600 "	5\$000
1/10 " . . . . .	450 "	4\$000
1/16 " . . . . .	350 "	3\$000

Tiragem: 3000 exemplares

## No proximo numero:

*O baile dos ursos*, chronica de Veiga Simões, (illustrações de João de Brito, José de Meyra e Luiz Filippe).

Artigo de João Chagas, com que o illustre publicista iniciará a sua regular collaboraçãõ em todos os numeros d'*A Farça* (com desenhos de Jorge Cid).

Uma pagina de Manoel Gustavo Bordallo Pinheiro.

*Conticure omnes*, artigo de Luis da Camara Reys.

*Conto do Natal*, de Ramada Curto.

Pagida central, *a côres* — de Luiz Filippe.

Artigo de Alfredo Mesquita.

Artigo de João Pinto de Figueiredo.

Artigo de Camara Lima.

*Entre les deux* . . . , desenho de Christiano Cruz.

Artigo de João de Lebre e Lima.

*Lysias, filho de Bacho*, conto de Antonio de Monforte.

Uma carta inedita de Camillo Castello Branco, em que o grande escriptor attinge o maximo da ironia, precedida de palavras do Doutor Lobo d'Avila Lima.

*Dialogo sobre o Centenario*, de Hippolyto Raposo.

## MERCEARIA LUZITANA

Gaitto & Cannas

1, Rua do Cego, 7 — COIMBRA

Especialidade em

Chá, café e vinhos finos

Deposito dos vinhos da

Real Companhia Vinicola

e da

Associação da Bairrada

Materiaes de construeçãõ

Agencia de seguros. Transferencia de dinheiro

TELEPHONE, 8

Anno I

N.º 1

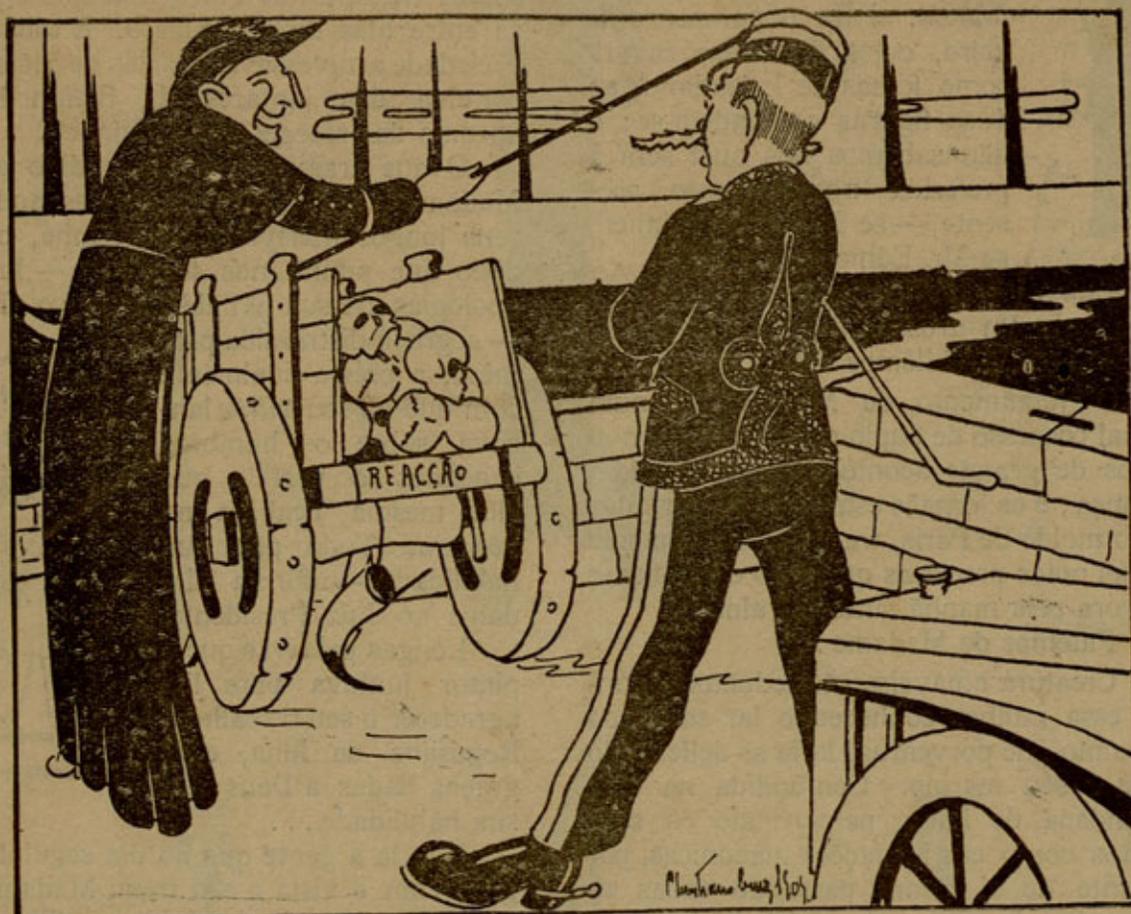
# A FARÇA

COIMBRA, 20 DE DEZEMBRO DE 1909

Director artistico — Luiz Filipe  
Direcção litteraria de Veiga Simões  
Administrador e proprietario,  
Thomaz d'Alvim

Redacção — RUA ALEXANDRE HERCULANO, 7  
Administração — LARGO DA MATHEMATICA, 16  
Composição e Impressão,  
TYPOGRAPHIA LITTERARIA — COIMBRA

## A historia da Regencia



— Então quem foi que arredou, eu ou tu?

## Chronica

**D**EBATEM-SE em Paris dois acontecimentos nacionaes: a *première* do *Chantecler* e o julgamento de Madame Steinheil. E ao que dizem os jornaes, os logares do Palacio da Justiça sam disputados com obstinação egual



Velga Simões

ao delírio elegante e patriótico que comprime a França junto á bilheteira do *Porte-de-Saint-Martin*. Para o parisiense ligeiro, cujos dias vam caíndo como folhas de calendario, as duas figuras confundem-se; e não sabemos nós qual será a preferida no momento presente, — se Madame Steinheil, se Mr. Edmond Rostand. Pois que os jornaes estampam hoje em grossos typos a absolvição de Madame, — fallêmos della.

O julgamento de Margueritte, num banal processo de duplo assassinato, tomou fóros de grande acontecimento em toda a França; e os jornaes estrangeiros, cortados pelo molde de Paris, traduzem avidamente essas notas preciosas que todo o parisiense devóra pela manhã, antes de almoço.

Falêmos de Madame . . .

Creatura amavelmente seductora, nunca essa mulher conheceu o lar socegado e calmo que porventura faria as delicias do pintor seu marido. Confundida na vida mundana de Paris, percorrendo os seus grãos como em iniciações maçonicas, por deante de si foram passando todas as camadas da sociedade, desde o *maire* da sua aldeia, primeiro requestador duns doze annos gaiatos, a Mr. Felix Faure.

Perdida nos cançãos da vida futil Madame depressa reconheceu que o seu primeiro ponto de honra iria residir em não baixar do horisonte a que a guindára a sedução do corpo. Desfeita em lagrimas, rememora o seu interrogatorio toda essa vida de artificios, a vida estreita no lar, traços de miseria cortando dia a dia a apparencia triumphal, e que era preciso apagar, custasse o que custasse. Pelos salões elegantes de Paris, Madame erguia-se entre alas de murmurios. E toda essa sociedade atravessava as salas de Steinheil, conviva dos jantares de Steinheil, no aprumo das recepções de Steinheil.

O que eram esses jantares di-lo agora Madame ao Juiz Presidente, desfiando os seus longos martyrios na cosinha, o cuidado que punha nos tempêros, — longas apologias da sua habilidade ante o pintor, — a graça distribuida pela mêsá, a prêsá finalmente com que no seu *toilette* lançava sobre os hombros cançados o vestido que ella mesma acabára na vespera. Tudo pela sua habilidade, — affirma Madame ao Juiz Presidente.

Longas palavras que o pintor juntava para lhe agradecer o seu trabalho... Regosijos da filha, com graças dadas a Deus pela sua habilidade . . .



Luiz Philippe

E toda a gente que no dia seguinte seguia com a vista o seu trem, Madame recostada mollemente, Martha, a filha, perdendo um sorriso, — invejava do fundo aquella vida facil, ligeira como a propria

vida, gasta ao de leve sem dar por isso.

Porque me havia de surpreender a salva de palmas com que o publico premiou a decisão?

Levantando esse gesto absolutorio que restituía Madame á vida de Paris, o publico affirmava bem alto o espirito parisiense, defendendo-se, com um garbo que o mundo inteiro teria adivinhado, e terá aplaudido.

A bôa Madame...

Durante esses dias longos do julgamento, o publico de Paris disputava a preçosreaes conhecer de mais perto o processo, a vida de Madame, as suas confissões. Aprehensivamente, o publico lançou-se pela *affaire Steinheil* com um interesse e um cuidado que só inspiram as proprias causas. Com que satisfação elle foi reconhecendo que as palavras de Madame, o embrulhar do caso, as suas contraditas, tudo nasceu do desejo parisiense de ir cobrindo com o proprio manto

as miserias de casa, sem reparar que quanto mais cobria umas logo as outras apareciam, pequeno como é o manto da mentira para as poder cobrir todas,—ainda mesmo em Paris.

Agora mesmo, a nota miudinha que um jornal lançou a um canto, me vem dizer que ainda na prisão, Madame recebeu a proposta de cem mil francos para a exhibição durante um mês, num grande theatro da capital. Decididamente é a

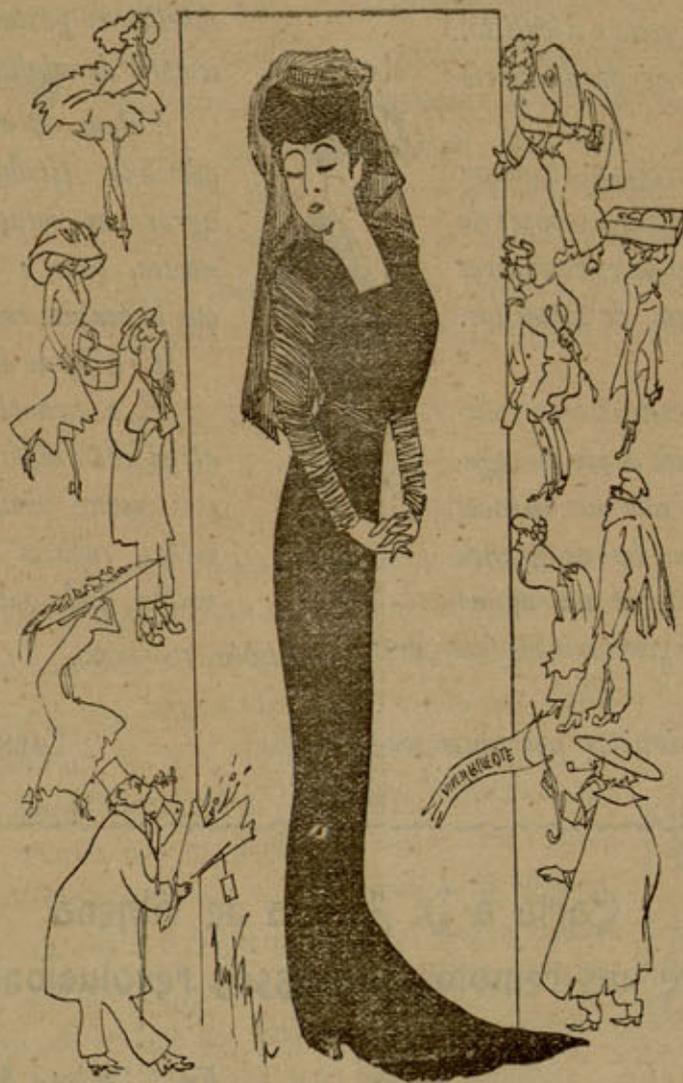
fortuna que aparece a Madame, embrulhada na amavel cobertura do espirito francês.

Ah! Paris deve sentir-se bem feliz em ter de novo nos seus braços a graciosa Madame, que era todo o seu espelho!

A bôa Madame...

E como o publico irá agora bem menos apprehensivo completar o seu gaudio nas recitas de Mr. Rostand...

14 Nov.



Madame Steinheil

Veiga Simões



# A FARÇA

*Não sabemos por que extranha degenerescencia as classes dirigentes da nossa terra caíram na vida mentirosa da farça.*

*Guerra Junqueiro, o grande critico e o emocionante poeta, finge-se philosopho do... radium, e provador de vinhos. Farça.*

*Theophilo Braga, poeta e scientista, finge-se chefe politico, e é do directorio republicano.*

*Na politica monarchica, abundam cavalheiros, aliás conspicuos, capazes de serem optimos regedores ou enxertadores de videiras que fingem de estadistas. Farça.*

*Na familia nas escolas e na sociedade, a farça é a grande escola em voga.*

*Estróinas ha que não são capazes de comprehender o que ha de grande na harmonia do lar, e que na rua, no theatro e nos salões fingem carinhos familiares e ternuras de farça.*

*Plebeus ostentam brazões nos aneis com-*

*prados com o lucro do balcão; estupidos alargam a elevação da testa para fingirem de talentosos; alguns ha que usam oculos fixos para fingirem de sabios á moda allemã. Tudo farça.*

*Ha professores que só leem os indices dos livros, para fingirem de eruditos. Ha quem não coma para ostentar automoveis, e para ter assignatura em S. Carlos.*

*Meninas ha que para fingirem grandes cabelleiras gastam muito dinheiro na compra de cabelo atheio. Sempre farça.*

*Falam ás vezes meigamente com ademanes estudados, os que só teem agrura no coração. Fingem de carinhosos, bons e bem educados, muitos que só pensam em ferir ou atraiçoar.*

*E' a farça da vida.*

*E o exemplo vae tão fundo que até já não é difficil encontrar nas gerações novas, victimas da imitação dos velhos, rapazes que mentem a uma mulher linda que lhes pede amor.*



Thomaz Alvim

Lisbõa, 10-12-909.

CARNEIRO DE MOURA.

---

## Carta a D. Filippa de Vilhena sobre uns remotos successos revolucionarios

*Ex.<sup>ma</sup> Senhora Minha:*

A alma patriotica de V. Ex.<sup>a</sup> deve docemente regosijar-se, grata e enternecida, perante a constancia e afferro com que nós — indignissimos rebentos da raça viril e nobre dos conjurados — continuamos celebrando com pontualidade e feriados, com patriotismo e stearina, o dia em que ella rebentou, o grande dia historico, que no dizer de escrupulosos chronistas «amanheceu puro e alegre». No vago e nebuloso «Alem» donde V. Ex.<sup>a</sup> contempla as nossas luminarias e a nossa alegria, deve parecer-lhe bem sincero e bem sentido o nosso espolinhar patriotico, tantas e tão densas são as camadas de azul que nos separam; mas se o historico pé de V. Ex.<sup>a</sup> voltasse agora a pousar no pardo lodo terreno, se V. Ex.<sup>a</sup> consentisse em baixar da commodidade sôfa da Bemaventurança até ás durezas asperas da vida moderna, tremendas e acabrunhantes seriam as suas desillusões, minha excellente senhora.

Tremendas e acabrunhantes seriam, na verdade, essas desillusões, porque — com descarado desplante o confesso — se hoje ainda alguém dá importancia a 1640 não é propriamente a data da revolução, é a quantia em réis, tinindo no bolso em tres reluzentes *c'roas*, num fôsko tostão em nickel e em dois sonoros vintens. Desse remoto feito e das suas consequencias só nos importa o feriado, que o Estado, mandrião e tradicionalista, commemorativamente concede, porque, de resto, toda essa sarrafusca de fidalgos de sombreiro de arrogante pluma, com o seu tinir de ferros, os seus brados de aclamação, as suas duquezas que empalidecem, tudo isso nem mesmo vive, na nossa memoria ou, pelo menos, só vive num calendario-reclame duma fabrica de bolachas, onde, por signal, ha um Miguel de Vasconcellos muito mal feito dentro dum armario ainda mais mal feito.

Ha-de parecer desairoso para V. Ex.<sup>a</sup>, sr.<sup>a</sup> D. Filippa, que nós não celebremos sinceramente o facto de ter para a gloria que o caso se *armam* seus *fi-banca* e que nós armado cavalleiros os seus dois rapazes, empurrando-os nobremente da patria, mas todo o desaire desaparecerá se eu disser a V. Ex.<sup>a</sup> repete hoje frequentemente, que todos os dias mamãs heroicas lhos com duas *c'roas* e os incitam, tambem nobremente, á gloria da não celebramos por isso as mamãs heroicas.

Eu não de V. Ex.<sup>a</sup>, mas airozas razões.

Depois que commum, «sa-uma coisa com annos passa-veiu depois o sr. José Luciano; nasceu a crise vinicola; publicou-se o *Diario de Noticias*, coisas minimas e coisas maximas decorreram e hoje estamos a paginas treze da casa de Bragança, com uma carta constitucional, tres actos addicionaes e muita paz e prosperidade, garantidas solemne-



Folletiano Santos

os contemporaneos de V. Ex.<sup>a</sup>, no dizer arrebicado do gasto logar cudiram o jugo de doze lustros» (no que fizeram muito mal, porque tanto lustro, mesmo um jugo, devia conservar-se) longos, monotonos ram: deslisou suave ou atropeladamente uma longa serie de reis;

esposa do engenheiro Carvalho. De maneira que, está V. Ex.<sup>a</sup> vendo, enfreado correr dos terapos nós perdemos a «osga» atavica pelo támos ás boas com a Hespanha e ainda ha pouco, até, lá mandamos dar dois dedos de palestra com o rei hespanhol, um optimo rapaz, julgo, não pensa em invadir-nos, porque tem mais que fazer (elle pae todos os annos), a não ser que por isso mesmo, «por ter mais nha a sentir necessidade de mais territorio para alojar a familia.

Entretanto nem tudo é serena confiança na Hespanha, porque repuxando o olho finorio, assegura que ella «tem a sua fisgada», que ella de ha muito nos vem invadindo. Embora isto peze a V. Ex.<sup>a</sup> dizer que ha alguma verdade no afirmar dos patriotas finorios. Para concupiscencias do sr. Palma Cavallão, que «só aprecia a bella hespanhola», nós vimos de ha annos a esta parte introduzindo no paiz, — todos os annos e, em geral, ná primavera — um saldo de hespanholismo, com as suas castanholas e os seus sapateados, verdadeiramente perigoso para a nossa autonomia. Não se entra num cinematographo, não se passa numa rua que se não ouça uma voz a ganir que tem uma pandeireta *mui regular* ou se não sinta pousar sobre nós, pedinchão, faminto e negro, um olhar que rebusca no fundo do nosso bolso a *c'roa* apetecida e no fundo dos nossos olhos um laivo de desejo. E' a Hespanha que nos faculta o amor vadio, que nos rouba a



Emilio Martins

com este des-castelhano, vol-o nosso rei a que, segundo arranja a ser que fazer», ve-

muito patriota, affirma mesmo devo no entanto satisfação das

Carteiras, que nos faz os tostões de chumbo e as notas falsas e é ainda a prestante Hespanha que se encarrega de as passar. A Hespanha tornou-se, na verdade, imprescindível na nossa vida: ella sollicitamente e sem ganancia tudo nos offerece desde o tabaco de contrabando até ao amor tambem de contrabando; desde o prestante moço de fretes até ao egualmente prestante gatuno que põe a arejar cuidadosamente o recheio duma ourivesaria.

Tanta sollicitude enternece e se ella tem realmente a intenção de novamente dominar-nos de tão pacifica maneira, substituindo os tiros por beijos, fuzilando-nos com tostões de chumbo em vez de balas, aturdindo-nos com danças lascivas e com as sensações fortes do escamoteamento da nossa carteira, então, sr.<sup>a</sup> D. Filippa, tambem eu, — eu que ainda sou um pouco patriota e costume chamar tezissimos aos antepassados, que andaram na India a dar cutifraqueza. V. Ex.<sup>a</sup> falla bem porque é mulher e já morreu ha muito tempo; porque se V. Ex.<sup>a</sup> fosse homem e homem de hoje eu queria vêr como é que se arranjava deante dos olhos duma hespanhola, estonteantes e negros, a cocagarem-lhe o fundo da alma. Olhe que até ministros de estado, homens de patria e familia, teem descido ao sacrilegio de abençoar *la sangre* e outras miudezas hespanholas, babados e rendidos sobre o seio moreno das Lolas e das Conchas. A Hespanha é habilidosa e eu sou com muita consideração e desculpas da maçada



João Brito

ladas e a vender pimenta — então tambem eu applaudo e desejo essa dominação, e que bemdita seja ella entre as dominações porque, embora repudie com nojo honesto a vitrine arrombada, a nota falsa e outras trapacices, prefiro render-me deante duns seios turgidos e nus de mulher a faze lo deante do peito chato e condecorado dum general.

Estou vendo o claro espirito de V. Ex.<sup>a</sup> entenebreecer-se de iras e furores, perante o desfilar da nossa amorosa

res, perante o desfilar da nossa amorosa

*Sr.º humilde*

Feliciano Santos

## NO BAILE DOS URSOS:

Retalho de conversa dum juriconsulto amoroso para uma timida da alta:

- ... ansioso por encontrá-la...
- Mas o papá...
- O poder paternal não tem efficacia alem da maioridade. E sua mãe, é conivente na recusa?
- ?
- Se favorece pretensões de terceiro?
- Por enquanto, são dois e é V. Ex.<sup>a</sup> aquelle por quem a mamã tem mais filé.
- E do papá, não teremos o consenso?

— Encascou-se-lhe na pinha abichar para genro aquelle gajo...

— Que não é de muito bons costumes e um grande cabula! Inda hontem me disseram...

(Ia-se recommear a dança)

— O Sr. Dr. não vem dançar?

— Eu em materia de bailes não sou perito.

— Sempre é bom toscar de tudo...

— A outorga do pae, a outorga do pae!...

E numa poltrona João V, vendo

a loira galopar uma valsa nos

braços dum quintanista, toda

esquecida d'elle, continuava

a repetir:

— Art. 170 — O poder paternal termina:

... 3.º Pela emancipação ou maioridade dos filhos...

## NOTAS DUM CATURRA

### SOBRE UM LIVRO ANTIGO

Gosto dos dias d'inverno, em que, como hoje, uma nesga de sol entra no meu quarto pela janella aberta. Umas nuvens brancas dão ao ceu, d'um azul claro e delido, a mobilidade graciosa d'um sorriso. A natureza, nos dias assim, tem um aspecto de convalescença. E, como eu tenha passado estes dias em casa bastante doente e só hoje me sinto melhor, agrada-me a conformidade da natureza com o meu estado e estou contente, por me parecer que o dia foi feito para mim. E' sempre a velha mania humana de nos julgarmos em todos os momentos da vida, o centro e a razão do Universo. Decerto pensam da mesma fórma as creanças que, na rua, por debaixo da minha janella, brincam, saltam e riem, sob a caricia tepida do sol e um pardalito esperto que, no beiral do telhado fronteiro, procura, philosophicamente, entre as frinchas da telha, alguma gulodice. Ninguem se ria d'esta hypothese. Sabe-se lá a natureza das locubruções que podem povoar o espirito caprichoso e vivo d'um pardal de telhado.

Tenho aqui sobre a minha secretária um voluminho curioso, encadernado solidamente em carneira, que ha dias, a troco de duas moedas de cobre, tirei do mostruario d'aquelle velho que vende livros mais velhos do que elle, á porta da Universidade. Ao lado, ainda por abrir, está uma brochura amarella, com o nome do editor «Calman-Levy — Paris» e, ao alto, outro nome de escriptor conhecido, com fama d'um terrivel psychologo. O meu alfarrabio tem a data de 1668, edição de Lisboa e este titulo, prolixo: «Algûas Raridades da Natureza e outros casos dignos de mençam de que o auctor deu testemunho em quinze annos que assistiu na cidade de Coimbra» e, mais abaixo, em typo miudo acrescenta — «e onde tambem se refere a historia da donzella que enguliu um aranhão ma-

cho e do mais que depois se passou». Decididamente opto por este ultimo.

Eu adoro o commercio dos livros antigos não só pela salutar lição que ás vezes trazem, pelo perfume do passado que se evola das suas paginas, mas tambem porque, no geral, os seus auctores são espiritos com quem é sempre agradável conviver, cheios de bonhomia e complacencia.

O voluminho abre-se, por si mesmo, n'um logar marcado por uma fitinha verde, delida, quasi desfeita. Ha quantos annos ella marcaria entre aquellas duas paginas amarelladas, a passagem preferida e qual a mão do leitor, consciencioso e lento, que alli a collocára é o que eu não posso avaliar. Deito os olhos á pagina e leio. E' a tal «historia da donzella que enguliu o aranhão macho e do mais que depois se passou». A curiosa historia, e o facil, claro estylo em que foi escripta!

Lamento não a poder transcrever tal como está no livro. Era impossivel. Nas columnas d'um jornal não ficariam bem os archaismos de locução do auctor e perder-se-hia até o encanto da composição da pagina — com os seus caracteres typographicos primitivos e ingenuos como o conto que traduzem. Sei que a vou estragar, modernizando-a um pouco, mas não resisto á tentação de a reproduzir e ella allí vae.

— *Historia duma donzella que enguliu um aranhão macho, &c . . .*

— «N'aquelle tempo vivia na cidade uma donzella notada entre todas as da sua condição e nascimento, pelos dotes naturaes de formosura que Deus lhe concedêra e pela modestia e compostura de seus modos e dizeres.

«E tal como era, não havia ninguem que d'ella se apartasse sem pezar e que della se aproximasse sem prazer. E assim era por todos geralmente estimada e tida na conta d'uma honra da cidade e de seus paes. Era esta moça tão prudente e receiosa que a mais pequena coisa a punha em tal tremura a afflicção que, a um tempo, fazia pena e dava grande riso a



Ramada Curto



# BARBAS PROPHETICAS

*Quem o viu! e quem o vê! Dantes metia medo  
O seu genio terrivel, furibundo.  
Matou o D. João . . . Não foi para o degredo,  
Porque se receiou, — isto aqui em segredo, —  
Que elle arrazasse o mundo!*

*Era medonho! A um pobre velho inofensivo,  
Que morava no ceu, quietinho e mudo,  
Não o matou, fez-lhe peor! Deixou-o vivo,  
Mas tratou-o depois de algemado e captivo,  
Como a um velho d'entrudo!*

*Agora é vê-l'o! — Olhos no ceu, fronte inspirada,  
Com barbas de propheta ou ermitão,  
Canta o luar, a flôr, a luz da madrugada,  
E as aves do ceu, ao ouvi i'o, em revoada,  
Veem-lhe comer á mão.*

*S. Francisco d'Assis prégava, antigamente,  
Ao irmão lobo e ás andorinhas.  
Este tambem. Prêga sermões a toda a gente,  
E só tem gasto o seu latim inutilmente  
Co'a maromba das vinhas.*

*Diz a lenda que, outrora, o diabo se fez frade,  
Mas não logrou esconder o rabo . . .*

*. . . . .  
D'esta comparação pôde, á sua vontade,  
O leitor concluir . . . Tire a moralidade,  
Que eu, cá por mim, acabo.*

CLAUDIO JUSTO

quem, em tal estado, a via. Um rato que, de certa vez, atravessou deante d'ella se-l'a, de prompto, perder todos os sentidos e ficar como morta. Pelo que, um parente proximo que tinha, moço destemido e de bons dotes, lhe fazia grande censura, rindo-se e causando-lhe medos e receios constantes, com que conseguiu mais do que os paes com recatos e cuidados, pois que ella junto do tal parente parecia mais aquietada e em socego.

«E isto vem aqui para mostrar como, pela sua formosura e timidez, ella era estimada de todos e como, pelo que depois lhe veio a acontecer, era presentimento que ella tinha, o seu constante receio de ratos, cobras, baratas, e aranhas. Pois que um dia a moça entrou de entristecer e as côres que tinha no rosto lhe fugiram, e o pouco que comia não lh'o consentia o interior, antes sempre o deitava fóra de manhã em meio de grandes agonias. E o mais feio da doença que a pobre tomára foi que o corpo lhe ia engrossando de mez a mez, a tal ponto que já perdera a graça natural do talhe e nem podia apertar os vestidos.

«Não davam os cirurgiões e mestres que a viam com a razão de mal tão mo-fino e todos diziam que se deixasse o tempo dar-lhe allivio, com o que a familia muito se afligia, visto o mal não ceder antes de um dia para outro ir em augmento. Até que o tal parente da donzella foi buscar ás afóras da cidade uma mulher que lá vivia e de quem corria fama de ser mais entendida em molestias que todos os phisicos do reino. E a tal mulher vendo a donzella viu logo que a razão do dito mal estava n'um aranhão macho de pernas negras que ella tinha engulido havia seis mezes.

«Ouvindo isto, a pobre bradou para o parente que muita razão tinha ella em seus receios e muitas vezes lh'o havia dito, do que elle fizera sempre grande zombaria. E a tal mulher disse que ella tinha artes de fazer sair o aranhão do interior da donzella, se a deixassem ir tres mezes com a mesma, em sitio ermo, nas afóras da cidade, onde só as duas estivessem, pois que d'outra

fórma, o aranhão sentindo mais gente fóra tomava receio de sair e não saia. E que para o fazer sair bastava pôr uma mosca na bocca da donzella, pois que sendo os aranhões muy gulosos de moscas este subiria ao engodo e facilmente se tirava depois. O que havia de custar á doente algumas fórtes dôres pois que o animal havia de forcejar por não sair. Mas que, com isto se não assustasse muito a pobre, pois que muitas outras creaturas e desde que havia mundo tinham soffrido semelhante mal.

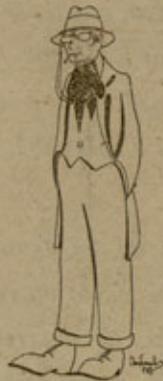
«E assim se fez como a mulher disse, indo a doente com ella e voltando a casa de seus paes volvidos trez mezes, já curada e, como todos foram de parecer, mais fórt e mais augmentada em formosura pelo que a familia teve grande alegria. E o aranhão o trazia dentro d'uma bocêta já morto, tão negro e cheio de pello que todos tomaram asco em lhe pegar, faltando só acrescentar que os paes da donzella recolheram em casa uma creança recém-nascida que era pobre e era da mulher que tratára da donzella e, por gratidão o fizeram e a tratavam como se fosse neta propria d'elles e filha da donzella a quem chamava mãe.

«E d'estes successos de que dei noticia se tira a lição e o proveito de que — sempre que uma donzella engula um aranhão se lhe deve pôr, para que elle saia, uma mosca na bocca».

Talvez o conto seja ingenuo mas ninguém lhe poderá negar a virtude de o ser.

Que a ingenuidade é uma virtude e muito de apreciar. Especialmente em litteratura onde é já rara, nos torturados, complexos tempos que vivemos — como o prova sobejamente o livro de capa amarella que tenho sobre a mesa e que é do terrivel Bourget, um analysta que se compraz com a miseria humana.

RAMADA CURTO



Christina o Cruz



## CINEMATOGRAPHO

1.<sup>a</sup> Sessão

Parece que Alexandre Herculano nasceu ainda no tempo dos francêses. Assim o affirmam pelo menos os srs. Marçal e Castro, que, ao que tambem parece, sam estudantes da Universidade, propondo essa coisa simples e quotidiana que se chama um centenário.

Alegremente eu hoje recolhi no *Seculo* a grata noticia de que a Academia de Coimbra, generosa como uma ama e bôa como o bom melão, tinha entregue aos supraditos cavalheiros a realisação desse centenário, ruidosamente abraçado pelos estudantes do paiz.

Ignorando em primeiro lugar quem sejam Marçal e Castro, se porventura, como Herculano, seram do tempo dos francêzes, e ignorando por igual a razão do centenário, pedimos ao Sr. Herculano que nos diga quem é Castro, quem é Marçal, e a Marçal e Castro que nos digam quem é Herculano.

\*

Porventura aquella velha *blague*, afanosamente reeditada como traço definitivo de psychologia — *les portugais sont toujours gais* —, chegou a Londres, em Londres se repetiu; e os olhares londrinos reviam-na inconscientemente no sorriso matinal do sr. D. Manoel.

Dahi constar que o sr. de Fife, grave como um *baronet* legitimo, opôs á coscuvilhice das chancelarias o constante sorriso de El-Rei, talvez mesmo a velha *blague* sobre o espirito portuguez. Assim se parece deprender da nota que a Havas communica a quinhentos mil jornaes, annunciando num periodo lapidar que o Rei Manoel, em certo dia (ignoro se sua Magestade porventura estaria em Windsor) correu varias lojas de Londres, adquirindo objectos da maior utilidade; pelo que todos foram concordes em louvar a regia discreção.

Parece que, no seu reino, devotados patriotas se commovêram com esta noticia,

vislumbrando logo o povo inglêz, parado, admirado, fascinado, extasiado, saudando as disposições praticas do moço rei com versiculos da Biblia.

E como tudo neste mundo é relativo, eu, legitimo portuguez, sem o sentir da proporção, pergunto a mim mesmo o que terá comprado El-Rei.

Porventura um cofre-forte?  
Simplesmente um bidet?  
Ou um canhão Amstrông?

Oh! o espirito inglêz!  
—A sabedoria das Nações!...

—

## COIMBRA

### Historia alegre do Manoel

O Manoel foi o rapaz mais alegre do seu tempo. Não tinha a pallida alegria dos doentios e azedos chasqueadores de profissão. Era saudavel, viril, desempenado e bom. Tinha uns músculos d'aço, um estomago de avestruz, uns dentes de carnívoro. Protegia os caloiros perseguidos e namoriscava sentimentalmente, aos domingos, nos dias de musica no Caes.

Durante o curso dos Lyceus foi apanhando alguns puxões d'orelhas, do pae. Mas, á medida que ia accumulando as suas approvações nas sciencias e nas letras, o velho, com um respeito supersticioso de homem do campo pelas coisas de estudos e diplomas, foi espaçando cada vez mais esses methódicos puxões d'orelhas.

No último anno do lyceu, o Manoel foi tratado em sua casa como um ser superior, que se ia formar em direito. E de muito lhe valeu essa veneração familiar porque, mais do que nunca, elle se mostrou esturdio, cábula e estoira-vergas. Eram os preparativos e ensaios para a bohémia de Coimbra.

E elle foi, na verdade, um bohémio exemplar.



João de Meira

## Ultimos echos duma viagem real



- Creia que essa é ainda mais formosa do que a outra.
- E para isso não é preciso muito...

## Ultimos echos duma viagem real



— Ouve lá, Eduardo, não ha nenhuma... americana?...

Levantava-se ás onze da manhã e ia a correr para a aula, sem lavar a cara, com um trapo vermelho em volta do pescôço. De mez a mez era chamado e, lendo mal a sebenta da sua *aza*, tinha invariavelmente uma péssima nota. Depois das aulas ia dormir até ao jantar. Depois do jantar passava as noites no Marquês Pinto ou no Lusitano, a tomar café, a beber cognac, a discutir cavallos, cães e mulheres, e a jogar o bilhar ou a batota.

O Manoel também teve aventuras amorosas. Depois das ceias no Magrinho e das serenatas ao luar, muitas vezes, adoçando a garganta rouca do vinho num caricioso tom de confidencia, elle se amparava ao braço d'um amigo, murmurando:

— Sabes, amo uma mulher divina, uma mulher que...

Era sempre a mesma coisa. Uma rapariga loira, que passava na Baixa, que elle seguia e que olhava para elle...

Essas paixões eram ás vezes para Manoel um compromettimento terrivel. No dia um do mez, pontualmente, o carteiro entregava-lhe o vale de vinte e cinco mil rs., da mesada. Mas a maior parte do dinheiro ia no pagamento de dividas urgentes. O resto sumia-se em duas noites. E ahi andava amigo Manoel de bolsos virados, côr terrena pallida, á lebre pelas repúblicas de intimos, sem um tostão para a barba, com os lençoes, os cobertores, os colchões e o fato no prégo, não tendo um collarinho lavado para tapar o pescôço!... E era justamente nessas horas de angústia que as paixões mais lhe esfogueteavam a alma.

Ia á republica do João para elle lhe fazer a barba, para o Pedro lhe emprestar um collarinho, dos altos, e uma daquellas gravatas que elle sempre trazia da ultima viagem a Lisboa.

— Vamos a esfolar este porco, dizia o João com um riso feroz, ao passar o pincel pelo sabão.

— Pelas cinco chagas, filho, apura-te e não me enchas a cara de lenhos.

— Vamos a isto, vamos a isto!

E empurrava-lhe a cabeça de encontro

á parede. A navalha raspava os queixos como uma serra mal afiada. De vez em quando ouvia-se um urro de dôr. O João parava, verificava, impunha um: *silencio!* e continuava o trabalho... Quando elle se afastava do Manoel, terminada a tarefa, nós, os assistentes, dávamos um grito de horror. Havia sempre quatro ou cinco sulcos de sangue na cara do Manoel.

Elle levantava-se, olheirado, extenuado:

— Dizem que o amor não faz soffrer...

Punha um collarinho e uma gravata do Pedro, e sahia.

As raparigas gostavam d'elle. Encontrava a mesma sympathia nos sorrisos das burguezinhas pudibundas.

Um dia, José Sampaio, que era também como elle de Miranda do Corvo, disse lhe que tinha de lhe fallar em particular, por um motivo grave. E lembrou-lhe que elle, Manoel, andava a fazer um namoro descarado á Rosinha de Santa Clara—rapariga sobre que o Sampaio tinha direitos de antiguidade no cêrco...

— Mas, ó José, olha que o essencial é a rapariga dar sorte. E ella a mim dá-me mesmo muita sorte...

O outro, muito pallido, ia desfallecendo. Mas ficaram tendo a mesma cordealidade de relações. E, como para lhe mostrar que não ficava menos amigo, o José Sampaio preveniu o de

que, por noticias recebidas da terra, sabia que o pae do Manoel estava furioso com a vida que elle levava em Coimbra...

— Mas como é que elle soube?! como é que elle soube?! Só se foste tu?!

— Eu?! Estás doido! — Homem, essas coisas sabem-se sempre.

Dias depois o José Sampaio recebia um bilhete assim:

«Sei, por uma carta do meu amigo para seu pae, que o meu Manoel está levando má vida por ahi. Peço-lhe que me diga se acha bom que eu vá lá».

A resposta foi laconica: «Venha, snr. Manoel Ventura».

Tres dias depois explicava elle ao velhote:

— Seu filho é bom rapaz, mas precisa



Lebre e Lima

de ter mais juizo. Gasta dinheiro sem lhe deitar as contas, mette-se em pandegas e desinquieta raparigas sérias . . . O melhor é o senhor comprar um chicote, para lhe metter medo, eu levo o rapaz lá para minha casa, o senhor apparece-me a berrar se está lá o seu filho, quer-lhe bater, eu intervenho e elle apanha um susto dos diabos . . .

— Homem, isso custa-me muito, mesmo a brincar . . . Elle já vae caminhando para doutor . . .

Mas o José Sampaio pintou-lhe as cousas em negro. E o velhote lá se decidiu.

Foi-se esconder no portal fronteiro á casa do Sampaio, de chicote em punho. E, depois de vêr entrar o Manoel, muito pallido, pelo braço do amigo, pôs-se a berrar:

— O' snr. Sampaio, está ahí o meu filho, que'o quero rachar?!

— Está, está! Suba, snr. Ventura!

O pae subiu, com um fingido furor nos olhos. Levantou o chicote e estirou-o nas costas do filho. Então o Sampaio, cruzando os braços, tranquillamente, pôs-se a dizer, numa voz apagada, sem convicção:

— Deixe lá o rapaz, snr. Ventura! deixe lá o rapaz!

O pae não se fez rogado. Mas nessa noite o proprio Sampaio se offereceu para dar uma fricção de arnica nas costas do Manoel. E com tamanho entusiasmo o fez que, no dia seguinte, o pobre rapaz não se atreveu a sair de casa, curtido de dôres e desesperado por não poder ir rondar, enternecidamente, a casa da Rosinha de Santa Clara.

LUIS DA CAMARA REYS



## CINEMATOGRAPHO

Segunda sessão

Deliciosa soberania theorica essa de Muley-Hafid! Agora mesmo acaba elle de enviar a Espanha embaixadores que longamente estudaram com o sr. Caballero a qnestão do Riff. Muley apressa-se a declarar que a sua intervenção nem sempre foi feliz, dada a independencia em que vivem as kabylas. A Espanha, pelo seu lado, generosamente affirma que ella mesma é interessada em manter a existencia do Imperio.

Muley-Hafid, de consciencia satisfeita, estira-se ao comprido sobre a divida enorme e o abraço das potencias. E sonha o seu sonho de opio, regalado.

Solido esteio — este das tradições seculares. . .

\*

E' grave o receio de que o sr. Sonnino chamado a constituir governo pelo rei Victor Manoel, não consiga encontrar ministros.

Aqui tomâmos a liberdade de lembrar ao sr. Sonnino cinco milhões e meio de homens de talento que em Portugal esperam um breve gesto seu.

\*

Parece que o ex-sultão Abdel-Aziz perdeu o direito ás joias que um antigo valido entregára a um penhorista, em Paris. Vai, receiando-se o escandalo internacional, no momento em que o leiloeiro offerecia ao publico um collar de perolas, acompanhando-o do desenho palavroso do cóllo em que algum dia assentára, — o representante do sultão, simplesmente, prohibiu a venda.

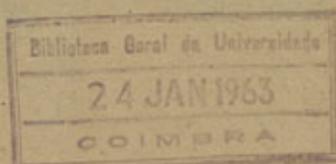
Por seu turno o Tribunal Civil, para onde o penhorista levára o caso, decidiu a favor do ex-sultão.

A logica dos immortaes principios é profundamente grande, ainda mesmo quando o soberano que os encarna — deixou de o ser!

# São mais as vozes . . .



— Ora adeus, a reacção não é tão intolerante como a pintam!



# Papelaria Borges

COIMBRA

CASA EDITORA DE BILHETES POSTAES  
ILLUSTRADOS

## Apparelhos e mais material para Photographia

Para os Ex.<sup>mos</sup> Academicos faz  
preços excepçionaes nos grupos  
de cursos e em retratos, que se  
encarrega de mandar reproduzir  
na Allemanha.

*N. B. — Ha já grande numero  
de assignaturas para encomendas;  
e pôde fornecer amostras de algu-  
mas, executadas com a maxima  
perfeição.*

## Pastelaria e Confeitaria Telles

Fabricação esmerada de finos  
doces de ovos, e de fructa de to-  
das as qualidades, em seccos,  
crystalisados e em calda.

### Variada pastelaria em todos os generos

Pudings de diversas qualidades, Pão de  
lô pelo systema de Margaride, Galantines di-  
versas, Patés Saucisses.

Vinhos, Cognaes, Champagnes e Liéores finos das  
princepaes mareas

Cartonagens, Amendoas, Chocolates, Bom-  
bons, Drops, Queijos, Chás e artigos de  
novidade

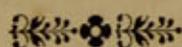
Unica casa que vende a finissima  
manteiga da QUINTA DE FON-  
TELHO—Paços de Ferreira e os  
deliciosos rebuçados de fru-  
etas especialidade da Pada-  
ria FÁRIA do Porto

150. Rua Ferreira Borges, 156 — COIMBRA

Telephone n.º 23



## Grandes Armazens do Chiado



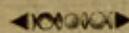
E' o estabelecimento  
que melhor e mais bara-  
to vende em

# Coimbra

## Rua Ferreira Borges



## A Elegancia de COIMBRA



### SAPATARIA DE

MANUEL TEIXEIRA

Rua Infante D. Augusto, 6 a 14

Esta casa, conhecida em todo  
o Paiz, não recommenda o seu fa-  
brico.

### DROGARIA VILLAÇA

Coimbra

Completo sortido de drogas, productos chimicos  
e pharmaceuticos.

Fornecimento para pharmacias e laboratorios

### LOUIS FONTAINE

*Accordeur diplomé de la Maison Pleyel de Paris*

Pianos, afinações, concertos

VENDAS E COMMISSÕES

Provisoriamente

28, Rua Sá da Bandeira, 28 — COIMBRA

# Grandes Armazens de Lisboa

11, AVENIDA NAVARRO, 31

entrada pela Moura da Estrella, 2

PREDIO TODO

COIMBRA

O mais vasto estabelecimento da provincia, com as mais sortidas secções de *modas, chapéus, confecções, lanifícios, fanqueiro, retrozeiro, perfumarias, estofados e brinquedos*. Ateliérs de chapéus, modista e alfaiate.

SORTIDO MONSTRO.

**PREÇOS SEM COMPETENCIA**

Um dia por mez

**Fazendas de Graça!**

Pedir instrucções nos

**Grandes Armazens de Lisboa**

## LIVRARIA MODERNA

A. GONÇALVES CUNHA

23 — Marco da Feira — 25

COIMBRA

Livros portuguezes e estrangeiros sobre todas as materias, novos e usados com grandes abatimentos.

Revistas, jornaes, illustrações. Musicas. Cordas e outros pertences para instrumentos. Papelaria. Bilhetes de visita. Postaes illustrados. Encadernações. Gravuras. Sellos para colleções. Tabacos. Perfumarias.

Compram-se quaesquer livros em grandes ou pequenas quantidades.

## ALFAIATARIA E CAMISARIA

Francisco M. de Souza Nazareth e F.<sup>o</sup>

20 — Rua Ferreira Borges — 24

COIMBRA

Completo e variado sortido de casemiras para fatos e sobretudos, luvas, collarinhos, gravatas, suspensorios, ligas de camurça, cache-col em seda, veludo e lã. Camisas brancas e de côr.

Agencia da Companhia de Seguros Bonança, a mais poderosa e antiga de Portugal.

## GRANDE CAFE CONCERTO

Antigo Café MARQUES PINTO

PROPRIETARIO

Manuel J. Telles

Praça do Commercio

COIMBRA



50 réis

Coimbra, 10 de janeiro de 1910

# A FARÇA

Quinzenario illustrado

Numero { Portugal — 50 réis  
avulso { Brazil — 400 réis (moeda fraca)

## ASSIGNATURA

(Por serie de 12 numeros)

Portugal e colonias . . . . . 600 réis  
Brazil . . . . . (moeda fraca) 3\$800 >  
Estrangeiro . . . . . 5 francos

Por virtude da irregularidade que as ferias trazem, ainda *A Farça* não tomou a ordem que pretendiamos imprimir-lhe, e que só poderá ter a partir do numero proximo. As festas do Natal e Anno Bom atrazaram em muito a gravura; dos originaes annunciados só podemos hoje publicar os recebidos até 31 de Dezembro. Todos os outros tiveram que passar para o n.º 3, visto as gravuras que os illustram só tarde haverem chegado a Coimbra.

Ainda defeitos e lacunas, inevitaveis nos primeiros numeros, não poderam neste ser evita dos. A redacção d'*A Farça* põe entretanto todo o seu cuidado para que em breve todos esses defeitos desapareçam e a revista possa aparecer tal qual nós desejamos que ella saia.

Mas apesar de tudo, muitos jornaes portuguezes foram para comnosco duma amabilidade extrema, já nas suas referencias á *Farça*, já nas palavras com que quizeram distinguir os seus directores. Vai para todos a nossa gratidão pelo carinho dispensado a esta revista.

*São nossos obsequiosos correspondentes no Brazil:*

NO RIO DE JANEIRO:

o sr. Carlos de Azambuja, rua do Hospicio, 13.

NO PARÁ:

o sr. Augusto Marques Coelho, Travessa da Industria, 4.

EM S. PAULO:

o sr. Dr. Antonio Augusto, illustre professor.

## Concurso de cartazes artisticos

Num dos proximos numeros abriremos um concurso de cartazes artisticos para diversas casas commerciaes e a que concorrão artistas nacionaes e estrangeiros.

Iniciará esta serie de concursos uma casa de Lisboa, muito conhecida pelas grandes transações que effectua e pela sua ousada iniciativa.

## ANNUNCIOS

	Em um só numero	Por serie de 12 numeros
1 pagina . . . . .	3\$000 réis	25\$000
1/2 " . . . . .	1\$800 >	15\$000
1/4 " . . . . .	1\$000 >	10\$000
1/5 " . . . . .	800 >	8\$000
1/8 " . . . . .	600 >	5\$000
1/10 " . . . . .	450 >	4\$000
1/16 " . . . . .	350 >	3\$000

Tiragem: 3000 exemplares

## Nos proximos numeros:

Chronicas de João Chagas;

Artigos de:

Annibal Soares, Alfredo Mesquita, Camara Lima, Antonio de Monforte, Alberto Monsaraz, João Correia de Oliveira, Luis de Camara Reys, Hippolyto Raposo, Eduardo de Carvalho, M. Cardoso Martha, Carneiro de Moura, J. Lobo d'Avila Lima, Canavarro Valladares, Mario Beirão, Alfredo Guimarães, Afonso Duarte, Augusto Casimiro, Ramada Curto, Augusto Pinto, Feliciano Santos, João de Lebre e Lima, João Figueiredo, Sousa Costa, Ladislau Patricio, Candido Guerreiro, etc.

Desenhos de:

Manoel Gustavo, Virgilio Ferreira, José Campas, João de Brito, Christiano Cruz, José de Meyra, Emilio Martins, João Valerio, Mario Pacheco, etc.

Toda a correspondencia relativa á parte litteraria, e em geral á redacção d'*A Farça*, deve ser dirigida ao Director litterario, R. de Sub-Ripas, 26 — Coimbra.

A correspondencia relativa á parte artistica deve ser dirigida ao Director artistico, R. Alexandre Herculano, 7.

## MERCEARIA LUZITANA

*Gaitto & Cannas*

1, Rua do Cego, 7 — COIMBRA

Especialidade em

**Chá, café e vinhos finos**

Deposito dos vinhos da

**Real Companhia Vinicola**

e da

**Associação da Balrada**

**Materiaes de construeção**

Agencia de seguros. Transferencia de dinheiro

TELEPHONE, 8

Anno 1.º



N.º 2

# A FARÇA

COIMBRA, 10 DE JANEIRO DE 1910

Director artistico — Luiz Filipe  
Direcção litteraria de Veiga Simões  
Administrador e proprietario,  
Thomaz d'Alvim

Redacção — RUA DE SUB-RIPAS, 26  
Administração — LARGO DA MATHEMATICA, 16  
Composição e impressão,  
TYPOGRAPHIA LITTERARIA — COIMBRA

## Natal



-- Então o ourêlo delle vale mais que o nosso polimento?...

Desenho de Luiz Filipe

## Chronica

Carta ao prof. Luigi Rossi,  
publicista italiano.

*Meu estimavel confrade:*

A sua primeira carta, pedindo-me simples e geralmente um inquerito dessa ordem, lançou-me na maior das confusões. Por isso me aventurei a pedir-lhe o favor de precisar. A sua carta de hoje precisa,—e ainda bem.



Excellentemente, um successo annual de Coimbra acaba de ter logar; e eu posso, talvez a contento de ambos, ceder-lhe traços curiosos para o seu livro — *A Dança atravez dos seculos.*

Porventura este *Baile dos Ursos* de que lhe fallo, remonta aos tempos de D. Diniz, e teria sido caçada pelas câmpinas do Ribatejo; então os cuidados pelas *toilettes* seriam simplesmente um cuidar de lebreus, o falcão toda a noite dormindo no espaldar da cadeira do senhor, escolar dos *Estudos* que Mestre Aymeric premiava. Terá apparecido esta nobre instituição a par da debandada para as Indias? A historia é muda a tal respeito; mas quando algum dia se estudarem as razões simplesmente moraes que leváram D. João III a recambiar para Coimbra a Universidade (sabe: o Dom João III? aquelle da Inquisição, da Companhia) talvez se descubram ellas num sarau por demais tumultuoso nesses Paços da Ribeira que a sua erudição conhece; e esta

longa ponta-de-veu a levantar terá talvez principio nas representações dos estudantes, legitima reacção de vãos profanos divorciados de Justiniano. — Seria elle por acaso sedosa reunião em fins do seculo XVIII, com secias e peraltas e motes a glosar, ao riso de charão duma senhora Marqueza?

Quando os meus olhos o viram reinava nelle a rigidez correcta das casacas; e desse seculo pezado a oiro velho na historia do meu país, nada mais encontrei que um damasco escarlata finando-se pelas paredes.

O *Baile dos Ursos*, em resumo, é a Universidade engalanada, é a festa nobre da Universidade que segue logo a distribuição de premios aos alumnos laureados, sabido que esta palavra *urso*, — em que a sua erudição um momento tergiversou, — indica apenas a força oculta da sciencia. Longe de ter a simples curiosidade archeologica, o baile de que lhe fallo é uma festa nacional; e a ter em conta a definição que Lucrecio ainda mesmo na decadencia de Roma nos legou, seria talvez expressão das forças vivas do país, se porventura a walsa algum dia nascesse em Portugal.

Deixemos poranto os *ursos* e tomêmos pelo baile.

O meu prezado confrade conhece o silencio impenetravel duma casaca preta; conhece a expressão doirada desses vestidos do Imperio que a nossa decadencia resuscita na sedução do talhe. Ora imagine os dois aspectos a par, cobertos pela luz variada que caía das véllas e do gaz,



e terá o mais bizarro colorido que porventura esse pintor de Murger daria á *Passagem do Mar Vermelho*.

As epochas dissolvidas teem para mim uma sedução rara:—a sedução do estudo. Mas pois que tem na frente os typos de Balzac, essas mulheres espalhadas em vincos geniaes por cento e um volumes, peço-lhe que os recorde; resuscite o mobiliario, os trajes do tempo, — e não lhe digo já que procure os fatos de Raphael, mas simplesmente a casaca de Nucingen. Compare, erudito confrade, este rosto acanhado no decorrer do seculo, cruzamentos novos que vieram fixá-lo mais, parando-o: recorde Madame Recamier e uma menina de-

cente ahi da sua Bologna. Creio que ha-de achar esta ultima num *travesti* interessante.

Pois Coimbra pacata realiza, com o nosso mundo, o *travesti* interessante. Perfis tecidos duma expressão egual alinham-se egualmente, talvez um pouco na timidez do lyrio,—lyrios brancos plantados a egual distancia á beira duma parede vermelha. A' sua frente, na mesma eterna posição, aprumo constante ou constante dobra do corpo, rebentavam do chão corpos esguios e graves, o corpo cheio do silencio da casaca, a face a transparecer em unica expressão o brilho arredondado do monóculo.

Na minha frente um moço deixa cair o olhar; e como se o olhar o arrastasse inteiro, pendem-lhe as mãos ao acaso, paradas no ar dormente, á espera da vibração que as bula. Revejo o agora mesmo, numa curva larga riscando-me a retina; e considero esse moço abatido ante a suprema obra de arte que se chama — a Mulher. Por uma sala onde entro a custo escoam-se na serenidade das commendas bustos que sam ovaes rematadas. Mal teinho tempo para ver um sujeito atravessando, a entalar a *claque*, e esse longo olhar

azul, azul-faiança, intensamente vidrado, a descer pela face em vincos fundos de elypse; e as pernas procuravam-lhe o tronco por uma curva apressada.

Ah! estimavel confrade: creio que a resurreição do Imperio pelas *toilettes* das damas tem um fundo detestavel de homens e de coisas. Parece-me que agrada ao nosso olhinho vasio; mas ha-de por certo fazer mal ao seu olhar de artista cultivado.

Considero de novo esse moço, pendente do espaço, a apoiar-se no chão, ao acaso; e na sua frente figuras agradaveis de Giotto, com a mesma timidez de tintas e a mesma timidez de gesto que Giotto punha nas figuras. Numa sala do lado, a orchestra, de perna traçada, adormece curvas de walsa ou pica garridamente compassozinhos curtos de quadrilha. Dos homens escorre no fundo preto um lustro de engommado, meridional e correcto; e soltam as damas pelo collo esses vestidos airosos que me enchem a retina de Imperio, obstinadamente...

Apenas num perfil de estatua antiga o meu olhar vára mais longe,—e evoca a Grecia da dança e da tragedia. Atravez do gaz, caindo dos candelabros, eu sinto a transparencia doutro ar, revejo a natureza espeelhada na dança grega; a mesma harmonia do país passava no gesto nobre da dançarina; e para elle se curvavam olhares atentos de artistas e philosophos.

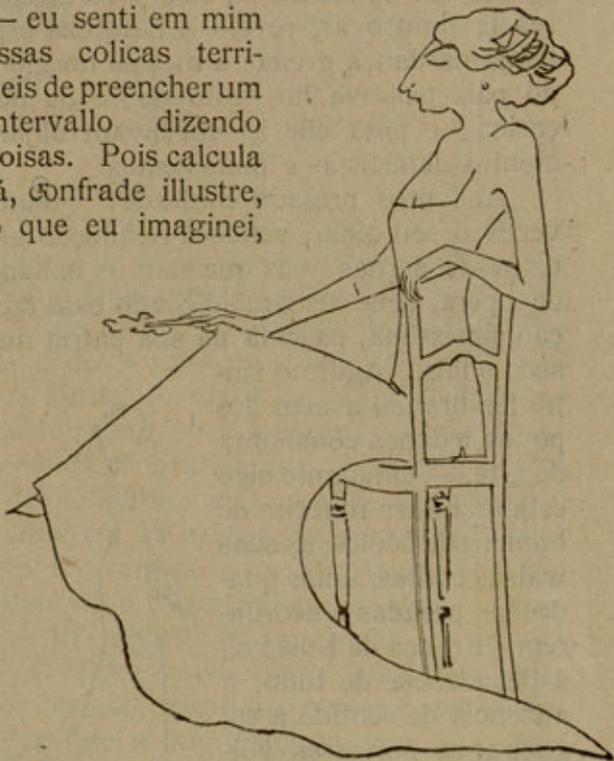
Ah! meu presado confrade! Quãntas vezes o seu olhar, vendo a exhibição grotesca de pernas nuas que sam os bailados de opera, deve ter amaldiçoado essa criação falsissima, nascida na sua patria num seculo falso. Agora o sinto, lembrando a arte dos povos, a dança como obra de arte,— emquanto sigo esta orchestra ronqueira de homens de óculos, as suas walsas catitas, umas quadrilhas pesadas a acordarem a França de Luis XIV, a decadencia de tudo, a auzencia de sentido a esgueirar-se por essas voltas confusas que fizeram



sonhar orgias a esse erudito arabe Djeberben-Hamsa, de que falla Anatole France—a querer ver tudo atravez do seu sangue oriental...

Depois, uma coisa me espanta, meu illustrissimo amigo: a imaginação profunda desses rapazes pudentes, dançando toda uma noite, conversando com damas a noite inteira.

Creio que conhece o meu extremo interesse, talvez mesmo a minha certa pratica em trabalhos de imaginação. Pois bem, meu caro amigo: aqui lhe juro que, partindo de dados certos — a dança, as outras pessoas, o calor, a hora, isto emfim que é chamado não sei bem porquê *amabilidades* — eu não consegueria aguentar uma hora a dizer coisas com geito. Numa senhora eu surpreendi a afirmação de que nessa noite todos os rapazes lhe tinham dito a mesma coisa. Porventura esses moços gastarão o seu tempo em apostrophes, phrases cortadas, ditos de acaso? Mas então essa conversa deve ser um bocejo enorme, com o arco do tamanho duma apostrophe. Francamente lhe confesso que uma vez na minha vida — chegado á idade da rasão e da vista — eu senti em mim essas colicas terribes de preencher um intervallo dizendo coisas. Pois calcula lá, confrade illustre, o que eu imaginei,



voltas que dei a lapidar a phrase... E como um vago rubôr me sóbe ainda ás faces quando a recordo, essa unica phrase janotinha,—peço-lhe licença de a calar, na imminente ameaça de não poder proseguir...

Decididamente, meu caro senhor Luigi Rossi, como expressão artistica, a dança de hoje nada exprime — a não ser a banalidade. E é de todo o ponto lamentavel perder uma noite, banalissimamente, neste tempo em que a velha phrase inglêsa *time is money* entrou na nossa casa e vive dentro em nós.

Dançar *assim* porque?

Para quê?

Eis uma longa interrogação.

E quando porventura eu queira sentir a dança como arte viva, resuscitada, numa decoração faustosa e larga, — calcula lá onde eu tenho que ir?

— Ao cinematographo.

\*

Mas do tempo que se perde, alguma coisa nos fica, — quanto mais não seja a impressão de o ter perdido. Sagrado Nome de Deus! não foi assim por agora. E se eu lhe falasse como creatura, iria aqui desfiar rosarios pessoases de gentilezas. Mas pois que como artista me interroga, e se eu tam só como artista lhe tenho fallado da festa, deixe-me ainda poisar um ou dois traços vibrantes, coalhados na retina desde essa noite amavel.

Será pelo mais leve que eu começo, — por essa figura calma, traçando-me um momento columnas doricadas, gestos serenos, um olhar branco e horisontal. Nesse perfil lançado a traços de estatuário, poisado num corpo simples de mulher de hoje, eu revia uma tunica ligeira esvoaçando á aragem descida dos laranjaes da Argólida. Um momento meus olhos víram nesse perfil simples não a grega humana das saudades de Ulysses, não já essas figuras irmãs dos deuses que seriam as mulheres de Sopho-

des, mas a filha da suprema perfeição de linhas, mais estatua que creatura, contemporanea de Platão, dos sophistas discutindo em bosques frescos, da linha clara da Rhetorica e da Sabedoria. Lembrava o seu olhar as aguas mansas do Egeu onde as naus triremes sussurram pelo mar á viração ligeira; e se eu porventura poisasse um dia os beiços na serenidade dum rosto igual, o meu beijo seria de marmore, como se tivesse a minha boca collada aos flancos suavissimos da Venus Akropolis.

E esta expressão do beijo, arroxendo o corpo da Venus, me lembra esse corpo de hoje, de mulher de agora, a levar para bem largo a impressão da Grecia que no perfil entrevi. E' já mais uma sombra vã, apagando-se e diluindo-se, que só deixa de pé essa mulher olympica e magestosa que eu me lembro de ter visto algures — creio que no Capitolio ha dois mil annos. Atravez do seu todo, evóco o tempo em que fui legionario, em pleno Imperio; e sinto no olhar ardente, na cabeça dominando, no gesto do braço, feito de linhas de botões doirados, a um tempo indolente e incisivo, toda a Roma pagã florindo em flores de sangue pelo jardim das arterias. No seu collo airoso e longo, ponteadado ao de leve e levemente trigueiro, ao atirá-lo para traz, na curva viva e lésta do dominio, reconheço a patricia romana deitando fóra um amante.

Creio que foi de Caius Junius, Governador da Peninsula, que esse corpo nasceu do sol vibrante da Andaluzia. Ficáram-lhe ainda manchas do sol esmaltando a pelle. Levada para Roma, crescida nas festas, quantas vezes o seu riso claro se teria quebrado pelos frescos das thermas! . . . E em certo dia, sem dar por isso, dominando naturalmente, inconscientemente, soberanamente bella e naturalmente dominadora, achou-se Imperatriz, sentindo a seus pés as mais bellas patricias. No mais alto logar dos banquetes ruidosos, correndo a vista pelos triclinios, ainda a mesma natural inconsciencia a faria perguntar a si mesmo porque motivo se encontrava alli, senhora do Imperador e do Mundo Romano. Haveriam de erguer-lhe estatuas colossaes ar-

tistas gregos encommendados de Roma; e revendo-as distrahida quereria saber a razão dellas. Porque a sua belleza dominava naturalmente, porque nascêra dominando, — e as estatuas formidaveis apenas conseguiam dominar como collossos de pedra.

Mais nada. De tudo o mais — perfis perdidos no mesmo claro-escuro crepuscular, sombras que passam, a esgueirar-se da memoria.

O que lhe deixo aqui? Uma figura antiga resuscitada uma noite.

Bem vê: como expressão dos usos e costumes do meu paiz — um baile é pouco.

Confrade  
affectuoso,

VEIGA SIMÕES

13 Dez.



---

## Uma carta inédita de Camillo Castello Branco

*Meus presados camaradas e amigos:*

*Lamento profunda e sinceramente que a minha completa escassez de tempo, todo preenchido pelos meus devêres academicos, me impeçam de correspondêr desde já á vossa gentil deferencia, appellidando-me magnanimamente ao quadro dos collaboradôres da «Farça».*

*Vou-lhes, porem, resgatar o meu compromisso e por forma opulentissima. . . Tenho ha tempos em meu podêr, devido a uma penhorante attenção familiar, algumas cartas de Camillo Castello Branco a Rebello da Silva; destaquei uma, cuja copia remetto.*

*Assiste-me a certeza de que a «Farça» archivará orgulhosa e commovidamente essas linhas, que representm a um tempo um precioso documento auto-biografico do Mestre e uma pagina ensopada de lagrimas, das mais amargas que entre nós se tem chorado, tamanha é a ironia dos seus dizêres.*

Do resto, como sabem, a existencia desse homem pouco mais teve que desillusões, travadas da mais funda amargura — elle, cuja estatura litteraria era enorme, constantemente oppresso pela ruindade do meio, pelas contingencias ultrajantes do salariado das lettras: «eu inclinava o peito sobre uma banca para jantar? escrevendo e tres-suando sangue, o pão d'uma familia. A luz dos olhos bruxuleava já nas vascas percursoras da cegueira. E eu escrevia, escrevia sempre».

Oxalá os meus amigos, relembrando-o pertinazmente, com brilho e com talento, construam o plano da commemoração justiceira de Camillo. N'um país, que tivesse a recordação civica dos seus homens genuinamente illustres, S. Miguel de Leide seria um sanctuario, repleto dos objectos queridos e familiares do Mestre; e já a estas horas o perfil alquebrado de Camillo Castello Branco conheceria de pleno direito as honras da praça publica, para que as creanças da escola portugêsa usassem contemplar e descobrir-se perante uma das creaturas, que mais genial e puritanamente lhes ensinou a falar e escrevêr a lingua da sua patria. Mas, pelos modos, a synthese desastrada da mentalidade lusitana persiste em ser... o conde de Gouvarinho!

Creiam-me, com estima cordeal,

Camarada e am.<sup>o</sup> grato

J. Lobo d'Avila Lima

Meu amigo:

Comuniquei ao E. Basto a deliberação de V. S.<sup>a</sup>, e brevemente irão os nomes dos dose assignantes, e desde o dia 11 as correspondencias.

Vejo-o disposto a favorecer-me na sua avaliação de poetas e prosadores do Porto. Se me convence que eu sou alguma coisa dessas, sopra-me a vaidade, e faz de mim um impertinente (mais ainda do que tenho sido?! ) rabiscador. Sinceramente lhe digo que tenho escripto muito, a meu modo. Nasci ahi. (A minha byographia limita-se a dizer que nasci, e mais nada: não tenho byographia) Aos quinze annos não tinha pae nem mãe: o meu tutor era um lórpa convicto: encinou-me a atirar ás perdizes, nas montanhas transmontanas, e fez-me

irmão da Confraria da Senhora dos Remédios. Um dia, (tinha eu 16 annos) escrevi em pessimas linhas a quatro de fundo uma satyra contra um prégador. Disseram-me que eu era poeta. Fugi da aldeia para Lisboa, e sinto dizer-lhe que, se não fujo de lá, reduzia-me a Gilbert de feira da ladra. Vim para o Porto, e matriculei-me na Polytechnica. Frequentei não sei que annos de sciencias medico-cirurgicas, e fui para Coimbra estudar direito, que nunca estudei (honra me seja feita!) Um anno depois, tinha eu gasto o mais romanesca-mente que se póde o meu patrimonio, e, no auge da minha dôr, voltei-me para Deus, com quem me relacionei por meio da theologia, trago substancioso de que alcancei uma indigestão de scepticismo que ainda hoje me incommoda. Tenho trinta annos, e não sei nada, não valho nada, e faltam-me habilitaçõens para exercer com intelligencia as funcçõens de juiz eleito, ou sacristão.

O meu primeiro livro foi, hade haver 15 annos, uma cousa impia, chamada «Juizo final». E' uma asneira que o meu amigo não conhece felizmente. Depois escrevi dous dramas, um romance que V. S.<sup>a</sup> me encareceu (*O anathema*) 3 volumes de poesias, e mais sete volumes de romances, e vou escrever uma obra monumental, cujo prospecto V. S.<sup>a</sup> terá a bondade de fazer transcrever na *Patria*, quando lhe for entregue com alguns exemplares das minhas obras. Do que V. S.<sup>a</sup> decerto se maravilha é dizer-lhe eu que tenho vendido tudo. O paladar provinciano é tolerantissimo. Os padres dizem que eu sou um consummado theologo, e as raparigas desde a cosinheira até á baronesa presumptiva, reputam-me poeta algumas vezes; outras, não me entendem, e n'isso acontece-lhes o mesmo que a mim. O Julio Ccsar disse que era um *mytho!* o bom do litterato não sabe o que é *mytho*. Um *mytho* funcionando em plena physiologia e anatomia, desde o estomago até á glandula pineal!

O meu amigo faz-me justiça? Eu não podia fallar de mim com outro estylo. Sei que lh'o devo serio e circumspecto; mas não me creia por isto menos respeitador da

generosa intenção com que me mandou depor sobre o que sou.

Trago em incubação um pensamento. Fizeram-me addido honorario (*risma...*) da legação no Brazil. De lá propõem-me vantagens, muito superiores ás que tiro aqui, para collaborar n'um jornal. Talvez vá. Se quizerem, posso fazer-lhe de lá serviços ao jornal... Aqui falla-se na fundação d'um jornal grande *em papel*, e offerecem-me a commissão de correspondente do Rio. Não creio que vingue o pensamento.

Está moído, meu caro amigo? Eu não abuso da sua bondade. Dê-me as suas ordens e conceitue-me de V. S.<sup>a</sup>

Am.º e respeitoso creado

7 Dez. 1856.

*Camillo Castello Branco*

## CARTEIRA

O sr. L. Oscar, que na *Patria Nova* — jornal cá do burgo — vem publicando umas piadinhas a varios figurões historicos, dá, no seu ultimo artigo, uma novidade intima a respeito da mãe de João das Regras.

Segundo o tagarelar indiscreto do sr. Oscar a respeitavel *madame* das Regras «casou em segundas nupcias com Alvaro Paes», cavalheiro ao que parece, «dotado de exceptionaes qualidades». Esta encantadora noticia — que me força a concluir que a digna senhora seria por essa epocha uma viuva muito bem conservada — parece-me, porem, que está deslocada e que só por uma lamentavel troca de graneis foi parar ao erudito artigo do sr. Oscar. Muito naturalmente a noticia era destinada ao *Carnet-Mondain* do jornal e por ventura viria completada com os nomes dos padrinhos, referencia ao «delicado» copo d'agua, indicação da «pitoresca estancia» para onde o casal partira.

Mas se assim não é, se realmente a preciosa novidade nasceu da erudição nupcial do sr. Oscar, então perdoe-me S. Ex.<sup>a</sup> que lhe desfibre a natural modestia e o proclame o Momen das intimidades caseiras de toda a Historia de Portugal.

Sendo assim, e com a respeitosa admiração de leigo para iniciado que eu ouso perguntar ao sr. Oscar se sabe onde pára o celebre barão de Egas Moniz, o aio leal.

Talvez pareça extranha a curiosidade ao sr. Oscar: mas é que o barãozinho convinha-me muito cá em casa, para estender o lençol do banho.

F. SANTOS

*Num pais cuja litteratura é julho ardente e deserto, Camara Reys acaba de publicar os «Contos de Março.» E como março primaveril e viçoso, o seu novo livro affirma nobremente um talento em plena posse de recursos, e um raro artista que é já hoje uma consoladora realidade.*



## Intermezzo

*Na farça continua que é a vida de Coimbra, e onde a arte, reflexo natural da vida, é um rebento natural da farça, abrem-se miraculosamente três parenthesis de arte viva.*

*Mimi Aguglia, a formidavel actriz siciliana dá-nos a «Malia», a «Figlia de Jorio, e a «Zázá». M.<sup>me</sup> Aussenac, artista altissima, annuncia um proximo concerto de piano, parece que a 21. E finalmente o mais illustre «conferencier» deste paiz, Antonio Arroyo, tratará no «Instituto», a «Arte para o povo».*

*Com o mesmo jubilo com que se dá esta noticia, aqui se farão largas referencias.*

## Dialogo sobre o Centenario

No dia em que certo curioso de ephemerides recolheu num manuscripto amarelado que Herculano tivera a fatalidade de nascer vae para um seculo — Alvaro Pires leu a noticia meuda no fundo dum diario e abysmando se logo na profundeza da revelação, clamou com um murro na mesa de pinho :

— «E' preciso glorificar o genio!»

Pela cabeça lhe passou então o projecto do centenario em que elle, Alvaro Pires, viria a ficar envolto na mesma gratidão nacional, de braço dado com o Historiador! Um deslumbramento! Meditou, remoeu phrases para a hypothese dum discurso que logo começou a tumultuar-lhe nos miolos quasi liquidos de ebullicão, e a sair-lhe da bôca, ás lufadas, para o silencio do quarto :

— Está em festa a Patria Portugêsa... Não. A Patria agradecida vem render as suas homenagens ao maior... *Banal.* A geração nova glorifica o maior historiador peninsular. *Fracô para começo.* A luz do genio, eis Herculano!

*Phrase de effeito — a luz do genio. C'os diabos, mas isto não é meu! Ora adeus! ainda ha muito tempo. Depois, depois...*

E ali partiu Alvaro Pires á procura do seu amigo Januario Gomes e, mal o avisando á volta do Caes, espetou o dedo no lusco-fusco do ar :

— Coisa de importancia, amigo!

— Outro retrato, alguma dedicatória de pessoa...?

— Nada disso?

— ? —

— E' preciso glorificar o genio!

— Qual genio?

— Herculano, aquelle do *Eurico.*

— Ah! Mas então?

— Pois tu não te lembras que nasceu em 29 de abril de 1810?

— E depois?

— E' preciso celebrar condignamente esta data nacional! Herculano não é bem um particular, pertence mais á nação, é o maior historiador — só

isso! — um dos fundadores do romantismo em Portugal — lá vem na *Historia* do Mendes dos Remedios, a seguir a Garrett. Merece bem as homenagens.

— Mas como?

— Pois tu ainda não comprehendeste?!

Faz precisamente um seculo que viu a luz, em 29 de abril no mesmo dia do mês em que foi outorgada a Carta por que elle se bateu: são duas galas juntas.

— E' notavel, é verdade.

— Tenho mesmo alinhavadas umas palavras para o caso de fallar, alguém terá que fallar em nome da Academia, ahn?

— De certo, tem de se representar...

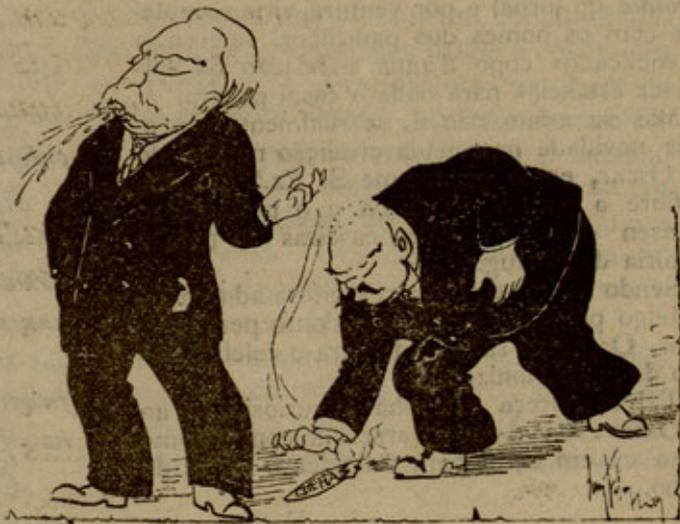
— (Recordando-se.) Dia duplamente festivo para a nação portugêsa! Alexandre Herculano e a Carta Constitucional! Em nome da Academia de Coimbra, a mais rissonha esperança do resurgimento nacional...

— Boa entrada! Tens-me a teu lado, bem sabes. Mas que ha a fazer?

— A propaganda, Januario. E' preciso semear a ideia, faze-la transpôr as fronteiras, chamar alerta os lyceus, arranjar adeptos, alguns nomes consagrados...

— Não é desconfiança, Alvaro: mas não será arrojô?... Nós poderemos realmente tentar semelhante empresa?

— Ingenuo! essa grandeza é que dá a coragem. Nem ha grandes homens sem grandes acções e a nossa, Januario, ha-de



O primeiro charuto

Valer mais que toda a propaganda revolucionaria, os discursos, os comícios . . .

— Mas, ó Alvaro, o Herculano era monarchico com certeza e poderemos nós, sem sacrificar as . . .

— Era um convicto, coitado! Hoje seria anarchista e é como se o fôsse... para nós.

— Sempre é um defeito. Bateu-se pela Carta e ainda outro dia o Bernardino dizia que o constitucionalismo é uma burla, tem-o sido sempre, nem representa o avanço nenhum no campo das ideias. Atrazo e mais atrazo, a obra de Herculano.

— Mas é preciso agora pôr de lado a politica. Camões tambem era monarchico e a Academia, essa geração de teu tio André, promôveu-lhe o centenario e consagrô-o naquelle *monumento do leão*. Ora eu quero, Januario, que agora se faça o mesmo, percebes? Abatem-se as bandeiras politicas e a Academia honra-se, é a unica maneira de se rehabilitar. Vamos reuni-la, lançar a ideia e o triumpho é certo. Uma grande commissão . . .

— Mas a Academia não reúne. Uma parte olha para o Ramada, outra parte olha para o Pacheco; estas dissidencias politicas produzem balburdia, não ha maneira de chegar a um accordo, a eleição não pode ser rigorosa em tal confusão; é preciso tambem uma sala grande . . .

— Outra coisa: a Academia não precisa reunir; ha outro meio mais commodo e mais democratico. A Academia compõe-se dos 25 cursos das faculdades, como o todo se compõe das partes. Cada curso dá um membro, com nós dois, 27, sim que nós adherimos, temos direito . . .

— Bello! Mãos á obra — clamou Januario.

E ali ficou resolvida para logo a consagração que presta a Herculano a *briosa de Coimbra*, sobre cujo dorso A. Pires e Januario Gomes fazem cortesias á memoria do Historiador.

25 Dezembro 909

HIPPOLYTO RAPOSO

## PORTUGAL VELHO

*Merendas de arroz-doce e marmelada  
que em honra do doutor juiz-de-fôra  
servia aquella avó que foi morgada,  
fazem gulosa inveja ao neto agora!*

*Senhora d'algum dia, ás Musas dada,  
de mote improvisado a toda a hora,  
levava o bom doutor á gargalhada,  
quando na glosa a rima se ia embora.*

*Mas o sisudo vate, mal a ouvia,  
entre gostosos bolos e chá-preto  
achava lógo a inspiração tardia . . .*

*Assim, d'agua na boca, eu te revivo,  
tempo das lindas Marcias do soneto  
com ricos «papos-de-anjo» por motivo.*

ANTONIO DE MONFORTE

# COIMBRA

# NO MUSEU

## Em ceroulas, á porta de Minerva

Numa noite de maio, uma dessas noites de Coimbra com luar, em que parece haver, deramada nos campos, uma toalha de leite, vagamente azulada, estava eu á varanda abrangendo, num olhar, a cidade, os campos e o Mondego, desde a Lapa dos Esteios até á curva do Choupal. O coaxar ríspido e monótono das rãs cortava a solidão com um ruído áspero e triste. Nos esteios da ponte, a água, enrugada e espumante, resmungava em surdina, sem descanço.

O ar tranqüillo, embebido em luar, vibrava nitidamente aos sons longínquos: latidos de cães, apitos de comboios, ou rolar de carros na ponte. Claridades frouxas esmoreciam pelas penumbras vastas.

Estava sósinho, á varanda, no vago estado de alma, agradável e somnolento, em que as palpebras se cerram voluptuosamente. Uma lassidão pesada invadia-me o corpo. Olhei, extasiado, a paizagem sobrenatural, rutilante no céu e nas águas, sombria nos arvoredos e nos carcavões dos valles. Bocejei. E, com um arripio leve, recolhi ao quarto, — a estudar a lição de processo, para o padre Dias...

O padre Dias ainda era mais sobrenatural que a paizagem do Mondego, vista ao luar. O padre Dias, incommensurabilíssima mentalidade jurídica, exigia de nós quantos artigos o Código Civil e o Código de Processo encerram: todos os commentarios, addendas, annotações, criticas e emendas com que elle e a vastíssima coorte de jurisconsultos d'estes ultimos cem annos têm enriquecido o direito portuguez; e era feroz, angustiador, implacavel, nas suas exigencias de lente...

E a lição desse dia era tão estúpida... cheia de artigos variados... envolvia-me na revisão de materias já esquecidas... suppunha solidos principios scientificos, de direito civil e processual... — Bocejei... olhei a paizagem novamente... Hesitei entre a paizagem e a cama... E ignobilmente optei pela cama, por um somno reparador...

Estava eu já em ceroulas e camisa de dormir, quando me appareceu um grupo de rapazes. Entram pelo quarto dentro, indignados... A metter-me na cama, ás dez horas da noite! Estava um luar lindo.. Uma noite linda... O Penedo da Saudade devia estar de uma belleza estonteante...

Eu resmungava, estirando os braços. Estava cheio de somno, não sabia cantar nem tocar guitarra. Que falta lhes fazia?... Demais a mais não tinha pachorra para me ir vestir novamente...



— Este é o ultimo quadro de Leonardo de Vinci.  
— Mas o anno passado era differente...  
— Ah! sim... Mas esse foi roubado!

— Mas isso não tem nada, homem... Deitas a capa por cima de ti, não está frio nenhum, e prompto...

Não quizeram discutir mais e levaram-me, quasi á força, para a rua. Eu logo me resignei, rindo de boa vontade. Ia de chinellos; as meias pretas não encobriam uma orla das ceroulas, que alvejavam debaixo da capa. A cada movimento brilhava a camisa de dormir, alva e longa, descendo-me até aos joelhos. De maneira que, em certos momentos, se hesitava, ao verem-me passar, sem saber se eu seria um estudante, um fantasma ou um mascarado de entrudo...

A noite estava realmente lindíssima e a lua, na maior altura, banhava as lages das ruas e a cal dos predios com uma luz muito limpida, muito clara e transparente. Havia esparsos, aromas subtis, indefiniveis, em que varios aromas se fundiam. As estrellas palpitavam, no céu desmaiado de côr, com um baço clarão. Nós iam em silencio, vagarosamente... Mas um começou recitando, em voz baixa, o soneto de Olavo Bilac:

Quando uma virgem morre, uma estrella apparece...

Outro tambem brandamente, apaixonadamente, o amoroso canto de Dalila, ao encostar

à cabeça, carinhosa e traiçoeira, não sei de Samsão:

S'apre per te il mio cor.

De repente um voltou-se para mim e deu um risada:

— Estás divino, menino? com essas ceroulas e essa camisa de dormir...

Com um movimento rapido agarrou-me a capa e quiz arrancar m'a dos hombros... Os outros applaudiam-no e ajudavam-no:

— Bravo! bravo!

Estavamos á porta de Minerva. Os lampiões mortiços allumiavam frouxamente a rua. Mas o luar era vivissimo e na casa quasi fronteira, onde morava o juiz, uma janela estava aberta e a filha do magistrado olhava candidamente a rua, com os seus olhos ingenuos de donzella...

— Oh diabos, olhem a filha do juiz! Olhem o escandalo! Deixem-me!...

Com um puxão maior, rasguei a capa de um e larguei-os então, desanimado.

A capa voou-me dos hombros. E, ao som de uma gargalhada geral em que eu tomei parte, corri para a porta de Minerva e encostei-me ás grades. Uma velha, que passou nesse momento, apressou os passos, deitou-me um olhar de esguelha e, murmurando esconjuros, foi-se benzendo pela rua fóra...

Agora, realmente, estava com um bello ar de fantasma. Do pescoço aos joelhos, a camisa de dormir, muito ampla, envolvia-me num sudario alvacento, semelhante ao dos dois personagens do *Noivado do Sepulchro*. As meias lançavam uma bella mancha negra na alvura das ceroulas. O que me me despoetizava eram as chinellas burguezas, umas chinellas de pelle de vitela, prosaicas e coçadas.

Os risos não acabavam. Eu murmurava machinalmente:

— Olhem a filha do juiz! olhem a filha do juiz!

Senti que a phrase não produzia effeito e que a brincadeira se podia prolongar até altas horas. Tive uma inspiração luminosa. Olhei para o fundo da rua, com um ar apavorado, e gritei-lhes:

— Vem ahi o Assis! Se vocês não me dão a capa, estou perdido!

Os risos affroxaram logo e, momentos depois, estava eu de posse da minha capa. Fora realmente devido, um pouco, á invocação do Dr. Assis que a brincadeira acabara mais depressa. Os rapazes perceberam, e com razão, que ser visto pelo Assis, em ceroulas, á porta de Minerva, correspondia verdadeiramente á *morte civil*. Era, sem duvida, a minha morte civil. E assim, aquella inoffensiva camisa de dormir podia transformar-se, de um momento para outro, na minha mortalha juridica.

LUIS DA CAMARA REYS

## Oh! Jean Richepin! oh!

8 de janeiro

Vae um entusiasmo grande por essa Lisboa, que se boquiabre em ohs! d'admiração descomedidos, parvinhos — oh! Richepin, Richepin! (revirando o bugalho do olho) — um entusiasmo apelintrado e falso p'la conferencia no D. Amelia do maior poeta da França, segundo a opinião de varias gazetas, entusiasmo delirento em que visionar se podem p'ra logo os esgares clownescos d'uma gente palhaça, que, á força, quer espantar a galeria — oh! a *chanson des gueaux*, oh! as *Blasphèmes*: oh! *la mer*!

E os jornaes veem cheios da conferencia, das impressões da conferencia, sem dizerem nada, sem nos fazerem saber o que Richepin disse, mas, a compensar, trahindo em todas as linhas, amassadas de logares communs fedorentos, nojentos, estylentos, a febre funda que marcou a alma do reporter que as espremeu p'ro papel e que assistiu á falacia cabeceando de somno — aquelle reporter, coitado, magro e de casaco coçado, atirado asperamente p'ras lides jornalisticas por um chumbo fatal no seu exame de francês.

Sendo certo que p'ra se ter comprehendido a conferencia de Richepin era preciso, alem d'outras condições, saber perfeitamente o francês, e sendo certo que raros assistentes o sabiam — facil torna concluir-se que a mór parte da assembleia ficou a vêr navios. Entanto, todos berram: — que sim senhor, ... muito bonito, ... a voz d'oiro do poeta, ... a phrase quente... a fórma brilhantissima!... Pantomínice safardana que puxa o vomito e que faz com que nunca e em nenhuma circumstancia, alguém diga claro e forte o que pensa, o que atinge, o que sente! Uma deshonestidade incommensuravel, mixto de receio escolhido e de basofia grosseira que tolhe toda a gente, obrigando-a a descambar n'uma falta de sinceridade de que só ha dar-lhe correctivo a pontapé. Até o sr. Julio Dantas, ao apresentar o conferente em palavras academicas e ôccas, entre outras coisas, disse, p'la voz do sr. Chaby, pouco mais ou menos: — que a maior parte dos ouvintes conhecia o seu Richepin como os seus dedos, de cór e salteado! Julio Dantas sentia isto, julgava isto, pensava isto? Não! O que Julio Dantas sentia era que a maior parte da assistencia os unicos versos que sabia de cór eram os do «Noivado do Sepulchro». Não o disse — teve medo! Foi insincero; e a esta insinceridade a assistencia corresponde, é claro, com um snobismo refinado, quintessenciado e põe-se a dar ares de têr comprehendido aquillo, tão magnificamente

## Entre les deux...



— Afinal tantos zelos, quando isto é uma questão de ... soldo!

# A questão de Macau



— Não houve maneira de tombar este maldito sempre-em-pé! [Também é mais colônia menos colônia...]

como se o sujeito fallasse em portuguezs.

E ninguem quer, como sempre, em todas as situações identicas, ser o primeiro a romper a intrugice na duvida do que fará o visinho: — se, tocado por tanta franqueza, confessará: eu tambem não pesquei patavina — ou se rudemente, rindo-se, lhe chamará ignorante e burro. E vá d'alardear uma sabença pulha, numa grande pose, que faz com que se ouçam coisas estupendas como a que eu ouvi a um litterato que, virado p'ra outro dizia: — Estou morto por ouvir a conferencia de Richepin: *la mer, la mer!* Deve ser enternecedor esse grande genio a falar commovidamente sobre o *senti-mento maternal!*

E devia!

Mas eu já lhes conto.

Conheço um individuo que pratica a litteratura e é grande admirador d'Anatole France. Quando, no meio de collegas fala d'Anatole é sempre d'uma maneira tal que deixa em quem o escuta a certeza inabalavel de que, alem d'um precioso temperamento d'artista, tem o conhecimento perfeito de todos os segredos da lingua francesa:—oh! o Anatole! Não se passa um só dia em que eu não leia um pedaço do *Lys rouge*. Que subtiliza d'estylo! A tragedia gigantesca e ao mesmo tempo simples d'aquelle ciume!

E aquelle ceu de Florença!

Um dia declamava como de costume, d'olho esgazeado e tinto, a sua admiração p'lo grande romancista — quando um francês de barba ar-ruivada e crescida, coberto de farrapos, estendeu contra um grupo um papel seboso e safado no qual se explicava a desgraça triste que o empurrára a mendigar e se pedia o auxilio de todos os cavalheiros generosos... completando os dizeres do papelucho com uma lenga-lenga ramerramesca, n'uma voz alcoolica e difficil que, aqui e allí, sifflava afflicta, como se lhe apertassem o gasnete e não pudesse respirar. O meu conhecido, depois de largar um vintem, fitando aquellas barbas cor de fogo que o vento amaranhava, revoltas como a sua vida, grandes como a sua miseria, levado talvez por uma curiosidade subita e cheia de sympathya, nada extranhavel n'uma alma d'artista, delicada, commovida, bohemia — p'ra mostrar o seu interesse p'lo homemsinho, vae e pergunta-lhe quantos annos tem n'este incomparavel francês: — *Quant d'annès avez vous?* O homemsinho, nada de responder. Todo elle era carêtear um sorriso idiota, abstracto, que ia enfurecendo o meu amigo que, suppondo o franciù surdo, se lhe põe a berrar junto á face sordida? — *Quant d'annès, quant d'annès, quant d'annès...*

O franciù, sempre com o sorriso idiota, vira p'ró meu conhecido um olhar grande, espantado, alheio, em que a agua-ardente punha um brilho humido; e, depois de balancear os hom-

bro, safou-se, rosnando não sei què e torcendo as pernas cambaleantes. O meu conhecido murmurou: — Que bebedeira! Ao que outro (esse era poeta e delirava com Baudelaire que costumava cantarolar balouçando o pepino — *alors, oh ma beauté, dites à la vermine...*) retrucou-lhe, muito a serio, com um ar chocado: — Sim, o desgraçado estava bebedo, mas, coitado, fizeste mal em estares a insultal-o, a chamar-lhe p'rahi — cão damnado, cão damnado!

Oh! o Anatole, o Anatole!

Que estylo!

Oh! Richepin. Que conferencia! *La mer!*

*La mer!* (a mãe, a mãe como o outro queria!)

Que comedia! Que pouca-vergonha!

JOÃO PINTO FIGUEIRÉDO

## CARTEIRA DUM BANAL

(Notas dum provinciano no Porto)

Nove da manhã. Já se não pôde parar na cama. Uma restolhada festiva de sinos não me deixa pregar olho. Talvez voltando-me... Nada, não ha meio; os sinos lá estão, impertinentissimos despertadores, a frustrar-me as tentativas. Decididamente vou levantar-me.

\*\*\*

Está um domingo encantador de primavera. A espaços riscam o azul revoadas de passaros e o sol põe nodoas doiradas no macadam. Tudo parece dormir em torno, na placida beatitude dos bons domingos portuguezes. Na rua, encostado a um candieiro, um policia chupa o cigarro. Mais longe um municipal bórda vulcanicos madrigaes a uma creadita, que, muito atarantada, dá mil voltas ao chale, dobrado sobre o braço. Passa um electrico bimbalhando a irritante campainha. E tudo recae na calma habitual. Só os sinos estrondeiam epilepticos convidando os fieis para a missa ao som da *Maria Cachucha* ou do *Ora vae tu*.

\*\*\*

Uma hora. Os sinos badalam ainda e eu ja não resisto ao convite. Vou até á Trindade, á missa da uma.

E' estúpida a tal missa, com todo o seu aparato de *reprise* theatral. Começa pela nave bem lançada um farfalhar de sedas, um ruido de leques nervosamente agitados, a encobrir palestras cochichadas baixinho, e um rumôr impertinente de pés masculinos, arrastando pelo soalho as

agonias d'um verniz muito justo. As meninas teem risos abafados de ironia grossa e os leões, de vidraça, fazem prodigios de gymnastica cervical para, através d'aquella seara de cabeças bem penteadas, lhes apanharem as olhadellas assassinas, que ellas tão prodigamente distribuem. Faz-se critica e combinam-se diversões. Quando o padre sóbe os degraus do altar, o rumor extingue-se; mas o olhar é livre e namora-se com desafôro. E, emquanto lá ao fundo o sacerdote indifferente mastiga o lithurgico latim, vão entrando para igreja os retardados.

Termina a diversão.

Pelo portão central escôa se o anonymo, o apagado. A saida protocollar faz-se por uma porta estreita que dá para as ruas detestaveis. No passeio enfileiram-se os elegante indigenas e quando *ellas* passam gelatinosas, quebradiças, os chapéus cortam o ar em rasgados comprimentos de meninos hystericos. E ellas, as *ellas chics*, baixam dengosamente as loiras cabecitas encharcadas d'agua oxygenada e afastam-se com um *frou-frou* estontecedor de rendas caras.

E' vão todós fazer horas para o Palacio de Crystal.

\* \* \*

Fechados os theatros, exgotaram-se as diversões do Porto. Resta a praga dos cinematographos, como cogumelos na humidade. Por toda a parte se erguem barracões desgraciosos como a pasta d'um inglez e se lhes affixam compridas tiras de panno com enormes letras vermelhas:

#### CINÉMA DE TAL-ABRE BREVEMENTE

E, no dia seguinte, o trepidar d'um motôr e o zumbir irritante de campainha electrica annunciavam ao burgo mais uma nova casa de diversões. Ha cinematographos por todos os cantos, nas praças, nas ruas, nas viellas, nos beccos. Pedaco de terreno desoccupado contaê que, em breve, mais um cine surgirá, novinho em folha. E' claro, assim como nascem assim desaparecem. D'entre elles, porem, alguns resistem e são esses que fazem o regalo do mercieiro ricoço, que lá vae dominicalmente largar os patacos sovinas, na companhia das filhas, biliosas donzellinhas de cavadas olheiras dos romances de meio tostão e das noites passadas em claro a derriçar com os caixeiros do papá. São poucos, três ou quatro. Escolhi um ao azar. Passos Manuel. Fui até lá e de longe deu me a impressão d'um pagode chinez illuminado a cópinhos. Entrei. Afôra o salão, este possui um jardim rasoavel, uma fonte luminosa pelintra e grutasinhas com lampadas vermelhas, que lhe dão o aspecto phantasmagorico dos finaes d'acto do Carlos Alberto.

Pelos arruados passam grupos de jovens d'ambos os sexos, que teem risos destrambilha-

dos de gente mal educada; e nas sombras do arvoredado, hirtas serenas, brancas de pó d'arroz, com póses de Medêa de fancaria e sorrisos convidativos de Rigolboche, algumas mulheres affrontam as olhadellas obliquas dos velhotes. A um canto, junto ao bufête e empoleirados sobre um palanque de romaria alguns *Zês-da-Gaita* assassinam um estafado *pasa-calle*, que faz as delicias dos garotos. E por sobre tudo isto o obrigado tilintar da campainha, marcando o fim d'uma sessão e o começo d'outra.

Arrastado no turbilhão dos que entram, sinto-me, de repente, não sei como, arrumado para o canto d'um barracão enorme, com estrellas de papel doirado pela parede, entre a obesidade asphixiante duma matrona e o fedorento dandysmo dum parvo, que diz coisas a uma creaturinha tuberculosa, de cabelleira lambidamente arrepanhada. O tercetto, ao fundo, estropia um trecho d'operetta-buffa, que o publico acompanha assobiando. E no panno branco das projecções começa a desfiar-se o programma.

Aproveitando a escuridão, o meu visinho da esquerda repenica um beijo na creaturinha tuberculosa. Affl'ctissima, ella passeia um olhar investigador á roda. Eu faço que a não vejo e a virgem dispensa se de córar.

Uma gargalhada vem distrahir-me d'este incidente. E' uma anedocta que se desenróla de corrida no *écran* de linho. Abafa-se. Não supórto a tal sessão. Vou para casa. Que estupidos domingos estes!

JOÃO DE LEBRE E LIMA

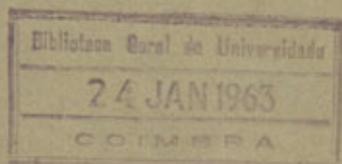


Mlle. Marie-Antoinette Aussenac  
(Simile-gravura de Thomas Bordallo-Pinheiro)

# A submissão das ultimas kabyilas



— Então não trabalhas?  
— Não; por estes dias descansam as ourivesarias em signal de regosijo...



# Papelaria Borges

COIMBRA

CASA EDITORA DE BILHETES POSTAES  
ILLUSTRADOS

## Apparelhos e mais material para Photographia

Para os Ex.<sup>mos</sup> Academicos faz  
preços excepçionaes nos grupos  
de cursos e em retratos, que se  
encarrega de mandar reproduzir  
na Allemanha.

*N. B. — Ha já grande numero  
de assignaturas para encomendas;  
e póde fornecer amostras de algu-  
mas, executadas com a maxima  
perfeição.*

## Pastelaria e Confeitaria Telles

Fabricação esmerada de finos  
doces de ovos, e de fructa de to-  
das as qualidades, em seccos,  
crystalisados e em calda.

### Variada pastelaria em todos os generos

Pudings de diversas qualidades, Pão de  
ló pelo systema de Margaride, Galantines di-  
versas, Patés Saucisses.

Vinhos, Cognacs, Champagnes e Licores finos das  
principaes marcas

Cartonagens, Amendoas, Chocolates, Bom-  
bons, Drops, Queijos, Chás e artigos de  
novidade

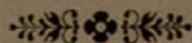
Unica casa que vende a finissima  
manteiga da QUINTA DE FON-  
TELLO—Paços de Ferreira e os  
deliciosos rebuçados de fru-  
etas especialidade da Pada-  
ria FÁRIA do Porto

150, Rua Ferreira Borges, 156 — COIMBRA

Telephone n.º 23



## Grandes Armazens do Chiado



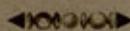
E' o estabelecimento  
que melhor e mais bara-  
to vende em

## Coimbra

Rua Ferreira Borges



## A Elegancia de COIMBRA



### SAPATARIA DE

MANUEL TEIXEIRA

Rua Infante D. Augusto, 6 a 14

Esta casa, conhecida em todo  
o Paiz, não recommenda o seu fa-  
brico.

### DROGARIA VILLAÇA

Coimbra

Completo sortido de drogas, productos chimicos  
e pharmaceuticos.

Fornecimento para pharmacias e laboratorios

### LOUIS FONTAINE

Accordeur diplomé de la Maison Pleyel de Paris

Pianos, afinações, concertos

VENDAS E COMISSÕES

Provisoriamente

28, Rua Sá da Bandeira, 28 — COIMBRA

# Grandes Armazens de Lisboa

11, AVENIDA NAVARRO, 31

entrada pela Moura da Estrella, 2

PREDIO TODO

COIMBRA

O mais vasto estabelecimento da provincia, com as mais sortidas secções de *modas, chapéus, confecções, lanificios, fanqueiro, retrozeiro, perfumarias, estofador e brinquedos*. Ateliérs de chapéus, modista e alfaiate.

**SORTIDO MONSTRO.**

**PREÇOS SEM COMPETENCIA**

Um dia por mez

**Fazendas de Graça!**

Pedir instrucções nos

**Grandes Armazens de Lisboa**

## LIVRARIA MODERNA

A. GONÇALVES CUNHA

23 — Marco da Feira — 25

• COIMBRA

Livros portugêses e estrangeiros sobre todas as materias, **novos e usados com grandes abatimentos.**

Revistas, jornaes, illustrações. Musicas. Cordas e outros pertences para instrumentos. Papelaria. Bilhetes de visita. Postaes illustrados. Encadernações. Gravuras. Sellos para collecções. Tabacos. Perfumarias.

☛ **Compram-se quaesquer livros em grandes ou pequenas quantidades.**

## ALFAIATARIA E CAMISARIA

Francisco M. de Souza Nazareth e F.<sup>o</sup>

20 — Rua Ferrelra Borges — 24

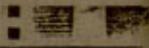
COIMBRA

Completo e variado sortido de casemiras para fatos e sobretudos, luvas, collarinhos, gravatas, suspensorios, ligas de camurça, cache-col em seda, veludo e lã. Camisas brancas e de côr.

Agencia da Companhia de Seguros Bonança, a mais poderosa e antiga de Portugal.

## GRANDE CAFE CONCERTO

Antigo Café MARQUES PINTO

**PROPRIETARIO;** 

**Manuel J. Telles**

*Praça do Commercio*

COIMBRA



50 réis

Coimbra, 25 de janeiro de 1910

# A FARÇA

Quinzenario illustrado

**Numero avulso** | Portugal — 50 réis  
| Brazil — 400 réis (moeda fraca)

## ASSIGNATURA

(Por serie de 12 numeros)

Portugal e colonias . . . . . 600 réis  
Brazil . . . . . (moeda fraca) 3\$800 >  
Estrangeiro . . . . . 5 francos

Toda a correspondencia relativa á parte litteraria, e em geral á redacção d'*A Farça*, deve ser dirigida ao Director litterario, R. de Sub-Ripas, 26 — Coimbra.

A correspondencia relativa á parte artistica deve ser dirigida ao Director artistico, R. Alexandre Herculano, 7.

A administração desta Revista pertence de hoje em diante á *Livraria Editora F. França & Armenio Amado*. Para lá deve ser dirigida toda a correspondencia que lhe diga respeito, e para lá tambem poderão os nossos assignantes reclamar contra a feita de remessa de algum dos primeiros numeros, ou outra qualquer irregularidade.

*São nossos obsequiosos correspondentes no Brazil:*

**NO RIO DE JANEIRO:**

o sr. Carlos de Azambuja, rua do Hospicio, 13.

**NO PALMÁ:**

o sr. Augusto Marques Coelho, Travessa da Industria, 4.

**EM S. PAULO:**

o sr. Dr. Antonio Augusto, illustre professor.

## Concurso de cartazes artisticos

Num dos proximos numeros abriremos um concurso de cartazes artisticos para diversas casas commerciaes e a que concorrerão artistas nacionaes e estrangeiros.

Iniciará esta serie de concursos uma casa de Lisboa, muito conhecida pelas grandes transações que effectua e pela sua ousada iniciativa.

## ANNUNCIOS

	Em um só numero	Por serie de 12 numeros
1 pagina . . . . .	3\$000 réis	25\$000
1/2 " . . . . .	1\$800 "	15\$000
1/4 " . . . . .	1\$000 "	10\$000
1/5 " . . . . .	800 "	8\$000
1/8 " . . . . .	600 "	5\$000
1/10 " . . . . .	450 "	4\$000
1/16 " . . . . .	350 "	3\$000

**Tiragem: 3000 exemplares**

## Nos proximos numeros:

Chronicas de João Chagas e Albino Forjaz de Sampaio.

Artigos de:

Annibal Soares, Alfredo Mesquita, Camara Lima, Antonio de Monforte, Alberto Monsaraz, João Correia de Oliveira, Luis de Camara Reys, Hippolyto Raposo, Eduardo de Carvalho, M. Cardoso Martha, Carneiro de Moura, J. Lobo d'Avila Lima, Canavarro Valladares. Mario Beirão, Alfredo Guimarães, Affonso Duarte, Augusto Casimiro, Ramada Curto, Augusto Pinto, Feliciano Santos, João de Lebre e Lima, João Figueiredo, Sousa Costa, Ladislau Patricio, Candido Guerreiro, etc.

Desenhos de:

Manoel Gustavo, Virgilio Ferreira, José Campas, João de Brito, Christiano Cruz, José de Meyra, Emilio Martins, João Valerio, Mario Pacheco, Manuel Monterroso, Cerveira Pinto, Correia Dias, etc.

## Photographia Conimbricense

**José Maria dos Santos**

**COIMBRA — Avenida Navarro, 2**

Retratos em todos os formatos até tamanho natural, pelos processos mais modernos. Vistas de Coimbra, Bussaco e Batalha. Encarrega-se de todos os trabalhos fóra do atelier.

## MERCEARIA LUZITANA

*Gaitto & Cannas*

**1, Rua do Cego, 7 — COIMBRA**

Especialidade em

**Chá, café e vinhos finos**

Deposito dos vinhos da

**Real Companhia Vinicola**

e da

**Associação da Balrada**

**Materiaes de construeção**

Agencia de seguros. Transferencia de dinheiro

TELEPHONE, 8

Anno 1.º

N.º 3



# A FARÇA

COIMBRA, 25 DE JANEIRO DE 1910

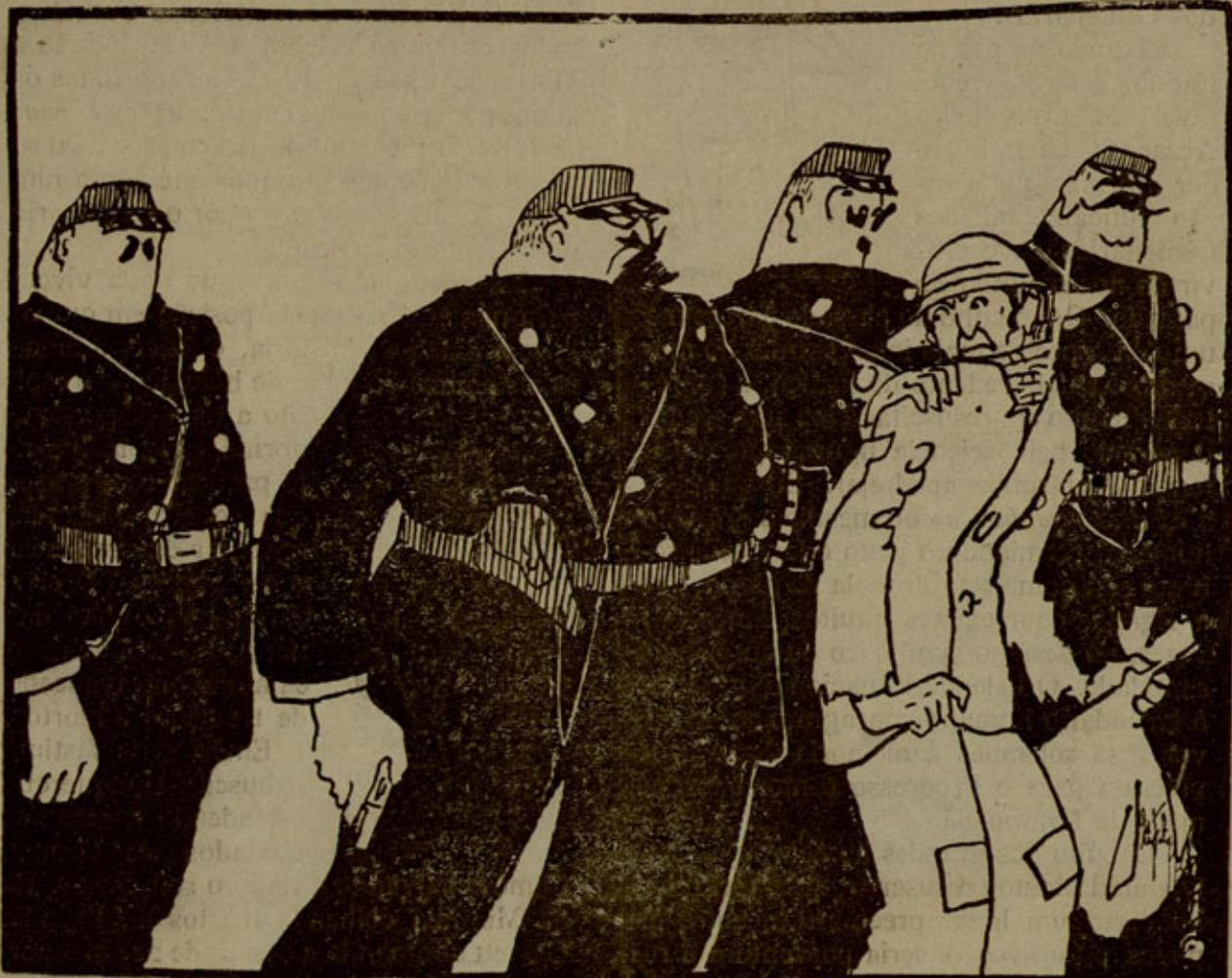
Director artistico — Luiz Filippe  
Direcção litteraria de Veiga Simões  
Proprietario, Thomaz d'Alvim  
Administradores, F. França & Armenio Azaao  
Livrelros-editores

Redacção — RUA DE SUB-RIPAS, 26  
Administração — ARCO D'ALMEDINA,  
Composição e impressão,

TYPOGRAPHIA LITTERARIA — COIMBRA



## PREPOTENCIAS POLICIAES



— Senhor policia, não ha motivo para ferrar comigo na pildra; sou apenas um honesto gatuno que nada tem com essa gente da Revolução . .

## Crónica

Num recente artigo da *Revue*, Mr. Camille Flammarion advoga com a mais poderosa logica e o melhor cabedal scientifico o próximo Centenario da lunetas de ver ao longe. Este curioso artigo de Mr. Flammarion põe de novo ante os meus olhos uma coisa banal que porventura se chamaria — a razão dos Centenarios.

Deixando na paz do tumulto a figura veneravel do Conselheiro Accacio,—eu creio poder affirmar que a razão fundamental dos Centenarios deve provir do nosso culto pelo passado. Ora o culto do passado parece-me um dos aspectos mais interessantes do momento actual, sedento de justiça, e sobretudo sedento em resuscitar á luz dum seculo dominado pela sciencia figuras que o seu tempo mal soube apedrejar. Surge então a «*patria reconhecida*» ou mesmo a gratidão humana, premiando o justo e lançando sobre o seu nome esta aureola de gloria, que a Igreja, com eguaes intuitos, lança por vezes, no designo symbolico de auréola de santidade. O kalendario nacional ou ainda o kalendario humano consagram assim novos dias solemnes á memoria desses que vivêram para o Progresso e morrêram ás mãos da Ignorancia.

O culto dos grandes homens, que Carlyle ainda tentou resuscitar, desempenhava ao certo um lugar preeminente entre os povos primitivos; e seria porventura a religião o laço conductor que o foi trazendo ao nosso tempo e o faz viver atravez dos Centenarios.



Affonso d'Albuquerque

Extranho phenómeno é este numa epocha dominada pela curiosidade ardente e pela vida do futuro, que ponhâmos luminarias ao passado. E só eu poderia explicar a commemoração duma figura quando pela sua obra ella vivesse de tal modo em nós, na nossa consciencia vivesse de tal modo, que ella propria, num impulso espontaneo, se erguêsse a consagrá-la *publicamente*. E' assim que a Religião Cathólica todos os annos celebra a Vida, Paixão e Morte de Christo. E' assim que todos os annos nós celebrâmos com foguêtes e *Hymno da Carta* o Primeiro de Dezembro. E eu só tenho a lamentar que inda até agora ninguém se arriscasse a propôr o Centenario de D. Affonso Henriques.

Mas acordar figuras que nada vivem para nós a não ser pela posição em que as encontrâmos na historia, é de certo modo isolarmo nos do meio de hoje, jogar o espirito a uma distancia enorme, e regaladamente praticar esse prazer que o genealogista tem ao achar descendencia a certo ramo. E' arriscarmo-nos a não dar um passo sem achar o caminho atravancado de tradições e mortos.

Então seria lastima ir buscar Albuquerque estendendo a mão aos enviados de Ormuz,



Sã de Miranda

Camões salvando a nado o seu poema, Sá de Miranda colhendo fructos na Tapada, Garrett abotoando a casaca de 22. Mas porventura não sam estes os gestos historicos que dessas figuras nos ficâram? o traço como vivem aos olhos de toda-a-gente?



Garrett

Por outro lado, ir festejar uma coisa velha como as lunetas de alcance ou se que.

Bartholomeu e leva um pouco longe o amor pela tradição. E ocorre então perguntar a nós-mesmo se a razão que nos leva a co-roar com o loiro do nosso tempo o *passaróla* e as lunetas de alcance não será porventura a mesma que

deixa ficar no esquecimento a invenção do pergaminho, as armaduras de ferro, ao menos a estratégia dos castellos, atravez dos quaes toda uma epocha vive reflectida.

Outra coisa me leva tambem a pensar na razão dos Centenarios: e essa é o desprendimento com que os mais altos espiritos, esses em quem naturalmente as grandes obras acham echo, adherem (creio que adherem é o termo consagrado) ao movimento aberto por dois ou três. E porventura eu teria de in ocar aqui a opinião deste ou daquelle philósopho illustre, se me não occorresse agora mesmo que se trata de publico manifesto de consagração; e este publico manifesto ou é um circulo vicioso porque parte do publico e dirige-se ao publico, ou tenta viver uma obra, conscienciente resuscitada, e o peor meio para isso é de certo a philarmonica e o discurso laudatorio.

Ora, felizmente, quando o sr. Conselheiro X. se lembra de propôr um Centenario, como meio de facilitar o intercambio de dois paises, ou quando o litterato-amador Y. lança a commemoração para ostentar num môno de pedra o seu dinheiro, não se pensa na obra desse grande homem.

Desta forma, eu sou levado a reconhecer que se trata de agradecer a figuras historicas o seu gesto. Tanto mais que é este o meio empregado na Igreja para as canonizações. Porventura a Igreja canoniza Joanna d'Arc por ter libertado a França?

Nada disso: redime-a apenas desse gesto da fogueira.

Requer-se então um metro para esse

gesto, — não haja o perigo de sup. cencia. Geraldo Sem Pavôr a escalar as muralhas de Evora, D. Antonio Caetano do Amaral talhando cerimoniosas memorias para a Academia, ou o sr. Hintze Ribeiro assumindo as precipuas responsabilidades.

Agóra que por ahi se fälla num Centenario a Herculano, parece-me esse metro de indiscutivel alcance.

Uma larga figura chamada — *Consciencia Nacional* será rogada e ha-de vir aos periodicos celebrar Herculano. Entretanto, — que sabe ella de Herculano e o que cêlbra em Herculano? . . .

Porventura o romantico liberal, enojado do tempo e dos homens, fugindo para Valle de Lobos?

O autôr do *Eurico*, porventura? E então ocorre perguntar a relação entre *Eurico* e a Consciencia Nacional.

O historiador dos municipios? Mas o

povo portuguez, algum dia, em pòs de Herculano, manifestou a consciencia da autonomia municipal?

Nada disso. Essa enorme Consciencia celebra esta coisa simples que ha setenta annos decóra nos jornaes: — um nôme.

E celebrar um nome não será porventura mistér pessoal do Conselheiro Accacio?



Herculano

VEIGA SIMÕES

## EM 2.<sup>a</sup> classe

A principio eu ia só, n'uma carruagem de *segunda*, o que me permitia desfructar o panorama e gosar uma relativa commodidade. Mas



Typos de Coimbra

mais adeante, n'uma estação qualquer, mal o comboio parou, a portinhola abriu-se e o meu compartimento foi invadido d'assalto por uma familia inteira que atravancava tudo: bancos, redes, o menor espaço disponivel, com malas, embrulhos e cestinhos, — uma infinidade de volumes!

O chefe da tribu era um homem nédio, sanguineo, que rebocava uma senhora pesada (onde eu adivinhei a esposa) e mais duas raparigas e um garoto de marinheiro, magrinho, lymphatico e triste.

Auxiliei-os. Fiz menção d'ajudar as damas a subir. E quando a machina apitou e o trem se poz em marcha com um ranger de molas e d'engates, ainda nós todos dispunhamos a bagagem amontoada nas proporções d'um Himalaia!

Agradeceram, muito penhorados; e depois d'installados convenientemente, o dono de tudo aquillo, que limpava com um lenço enorme as bagas de suor, pediu-me licença para « tirar o casaco e envergar o guarda-pó. »

— Parece que estamos no Congo! justificou. Este calor está mesmo a exigir tanga...

Eu sorri, relanceando um olhar ás donzellas, que sorriam tambem, ruborisadas, d'aquella ideia africana do papá. E este, fariscando em mim uma índole communicativa, inqueriu satisfeito:

— O cavalheiro vem de Lisboa?

— Não senhor. Eu sou da Beira!

— Ah, da Beira!... Então é de Vizeu?

Sorri de novo, mas discretamente, respeitando as noções corographicas do viajante simplorio, que o Acaso collocára na minha presença, e em cujo bestunto se desenhava a pittoresca imagem d'uma cidade — que abrangesse a Beira...

Apressei-me por isso a confirmar:

— Sou de Vizeu...

— Então conhece lá o Gastão...?

— O Gastão?!

— Sim; o Gastão Nogueira, dos Impostos!

Achei divertido conhecer o Gastão. Recordei-me:

— Ora o Gastão!... Estou doido! Conheço perfeitamente; se conheço!...

Mas depressa cahi em mim, reflecti que podia

ser colhido na mentira. Foi portanto para eximir-me a perguntas que ferviam já nos labios do companheiro, que eu perguntei do meu lado:

— E V. Ex.<sup>a</sup>?... V. Ex.<sup>a</sup> é d'aqui, d'estes sitios?...

— Sim senhor. Mas agora vamos para banhos! Isto que o senhor aqui vê, (e com um gesto circular indicava a familia) pertence-me! O rapaz é fraquito, tem escrófulas, (apontou o pescoço de fedelho) olhe! — Dizia-me o dr. Maia... conhece?

Eu declarei que não.

— Pois admira!... Espere, agora me lembra: deve conhecer! Elle até costuma ir muito a Vizeu. E' irmão do padre Levy, Levy da Maia, d'uma familia muito illustre que tem uma irmã viscondessa. O senhor conhece com certeza...

E como eu insistisse na negativa:

— O padre Levy, homem! o que escreve no *Commercio*... não conhece o senhor outra coisa!

Tive de lhe dizer que sim.

Havia-me insinuado já no animo d'uma das meninas com quem mantinha desde a ultima estação um namoro matreiro: e apontava-lhe como flechas os olhos amorudos, revirando-me ella os seus, redondinhos, negros, timidos olhos sertanejos...

— Pois o dr. Maia, — tornava o pae, — dizia-me muita vez: « Alves, leve você o rapaz ao mar; leve você o rapaz ao mar, que se cura. » Mas ó doutor, veja lá, tenho agora tantos affazeres... E tinha! Se o rapaz fosse coisa que se pudesse ahi endireitar, que demonio! tomando uma drogas... « Não, não; sem banhos não se põe direito. » Que havia eu de fazer? Que fazia o senhor nas minhas condições?

Esperou resposta; e como lh'a não dêsse:

— Sahia, não é verdade?...

— Pois claro!

— Foi o que eu fiz. Mando arranjar as malas, tranco a porta, metto toda esta tropa no comboio... e elles ahi vão!

— Fez muito bem.

— Acha?... — e poisava a sua mão sapuda na minha côxa, todo familiar. — Acha então o cavalheiro que fiz bem?...

— Mas isso nem se pergunta! applaudi, sem reservas. — Mesmo que não houvesse precisão, que infelizmente ha; bastava só a ideia d'irem gosar!

— Gosar! Mas olhe que se gasta um dinheirão!

— Pois gasta. E isso que tem? A gente, costuma-se dizer, não vive só do que mette no estomago. E' preciso ver, dar de comer aos olhos...

— Dar de comer a quê?...

— Aos olhos.

— Hum!

Não percebeu. E suava com o calor, nas fronte, nas bochechas, mórmente nos refêgos do

cachaço. Entrou depois a divagar sobre economias, expondo-me n'uma franqueza saloia o orçamento da viagem; e tentou por ultimo justificar pela hereditariedade a compleição morbida do filho:

— Isto é de familia! O avô d'elle, meu pae, tambem assim era: sempre doente, sempre com remedios! Mas a avó, é curioso! — robusta, córada, parecendo que vendia saude... Eu, onde me vê, sahi a ella. Olhe que nunca tive uma dôr de cabeça! Nunca! Mas já um tio que nos morreu ha tres annos...

Alves dispunha-se a fazer-me seguir todas as ramificações pathologicas da sua ascendencia! Passei a não lhe responder, dizendo-lhe a tudo *que sim*, com a cabeça... E a rapariga, de lá, muito terna... Um amor!

No meio d'esta felicidade, porém, a certa altura, — na altura d'Ovar, — passou-se um episodio triste, de que fui victima, o qual despertou profundo desgosto em todos nós! Fôra o caso que, sobranceira ao meu logar, ia uma cesta; senão quando, ahí se pôe ella a mijar sobre mim, no meu chapéu, qualquer gorduroso liquido, em fio... Ergo-me d'um pulo! Houve um alvoroço no compartimento. Alves gritou: oh, demonio! oh, demonio!

Entretanto, alguém explicava que tinha sido molho de peixe que se entornára...

Molho de peixe!

Eu tinha então já tirado o meu chapéu, e olhava desolado a nódoa negra, enorme, que alastrava, se embebia no feltro da aba, inutilizando-o sem remedio!

Côro de lamentações e desculpas:

— Ora esta!

— Uma assim!

— Só a nós é que acontece...

E de coração alanceado, com ancias d'espantar aquella gente barbara, eu ainda ganhei forças para lhes dizer:

— Não faz mal; não se incomodem... —

E com um sorriso amarello, que era toda a minha bilis a extravasar: — Até tem graça!

Graça!

Passou-se porém aqui uma coisa galante que me captivou: essa das duas meninas que me havia já endoidado o coração, n'um movimento impulsivo e no mais acceso da balburdia que se estabelecera, tira do seio o lençinho d'assoar, e veio enxugar com elle a nódoa indelevel!

Esquivei-me desvanecido:

— Oh, minha senhora!...

E com o lenço enrolado á laia de esponja, ia chupando, chupando...

— Se calhar era novo... — disse-me.

Respondi:

— Era novo.

— E bom?

Fiz um gesto de grandeza:

— Dezoito tostões!

Alves voltou-se espantado para a esposa que segredou a importancia á outra filha, a quem o irmãosito — que viera á janella do wagon a ver a machina — pedia choramigando e arregalando um dos olhos, que lhe tirasse um *alguero*...

D'ahi a momentos o comboyo parava: — Espinho! — Era a estação onde elles ficavam. Alves foi o primeiro a levantar-se; tirou a carteira e entregando-me um bilhete offereceu-me os seus *fracos prestimos*, pedindo mais uma vez desculpa do desastre. As senhoras cumprimentaram igualmente, e quizeram tambem que eu as desculpasse. Eu desculpei-as... E a mão-sinha da minha ephemera namorada, ao despedir-se, tremia como um passarinho quando lh'a apertei na minha, n'uma pressão significativa. Segui-a com a vista até desaparecer pela porta da estação; e n'uma ultima vez que ella se voltou a olhar-me, quiz-me parecer que lhe vi lagrimas.

Não o juro!

Encostei-me então, só, a um canto, sorumbatico, a fumar. O meu espirito oscillava como um pêndulo, entre a suave lembrança d'aquella trigueira (eu ainda lhes não disse que ella era trigueira) e a ideia negra do meu chapéu manchado! Ambos perdidos já agora para mim! ambos, pela força do Destino! Pela distancia que ia separar-me d'ella, para não mais talvez a tornar a ver; pela mácula que d'elle me apartava, para nunca mais porventura o poder usar!

Encarava eu philosophicamente a situação por este lado, quando á janella do compartimento assomou de novo o focinho do Alves, a farejar-me, a dizer:

— V. Ex.<sup>a</sup> faz-me um obsequio? Não se esquece, apenas regressar a Vizeu, de me recomendar ao meu amigo Gastão. Eu tambem quando lhe escrever hei-de fallar muito de V. Ex.<sup>a</sup> e da sympathia que nos inspirou a todos. Creado de V. Ex.<sup>a</sup>...

Ouviram-se os signaes de partida! Estendemos as mãos cordealmente; e ao por-se o comboio em andamento, Alves, a caminhar com a minha mão apertada, lembrou:

— Ah! E que lá recebi as pèras! Diga-lhe tambem isso, sim? Deliciosas! Deliciosas!...

Corria junto da carruagem, ao longo da *gare*, gritando ainda com quanta força tinha:

— Deliciosas!

LADISLAU PATRICIO.



Typos de Coimbra

## A pasmaceira de Lisboa

E' inutil procurar. Pasmaceira, a mais caracteristica do que a que notamos todos os dias, ao choque da maior futilidade, na população lisboeta, não a encontramos em Borne d'Aguiar nem na Pampilhosa da Serra. Em qualquer d'estes logares, fechados entre muralhas de montanhas, a generosidade da civilização não conseguiu introduzir senão a custo e a medo, o relógio de prata, marca *Ancora* e o chapéu alto inverosível, transmittido d'avós a netos com a religiosidade d'uma reliquia, ahí a pasmaceira comprehende-se e justifica-se por maiores que sejam as suas proporções. A vida decorre igual, desde o nascimento á morte, monotonamente como o cahir da agua duma fonte no tanque que lhe preparam. Não ha fortes interesses a desviar os ouvidos, os olhos, o espirito do repique dos sinos á missa conventual dos domingos, da tosquia das ovelhas em janeiro, da lavoura aspera no isolamento dos campos, da ingenuidade dos serões, á lareira,

### O espirito francez



Nem tudo se perdeu da visita de Mr. Richepin...

durante os invernos em que o fogo substitue o agasalho das lãs manufacturadas, e em que velhas e moças fiam linho e estopa — enquanto uma voz pautada, sincera, lamuriosa, escutada com devoção, conta historias de soldados perdidos na guerra, ou de lindas virgens requestadas por lobishomens. Nesses fofos remotos, o imprevisto raras vezes excede o *Senhor Fóra* a muribundo, a enxurrada que se precipita da serra, arrazando hortas e pomares.

Não admira, sendo assim, que uma povoação inteira pare boquiaberta deante do gallo do Manoel do Adro, que cantou na véspera antes da meia noite, ou que largue a espadella, o arado se um homem de calções e capote

a tiracolo entra na *venda* do Diogo a matar a fome e a sede de leguas sem descanço.

O que admira é que o mesmo gallo ou o mesmo homem causem sensação identica nas ruas buliçosas de Lisboa. Aqui, sim, admira; porque existe tudo o que é preciso para desviar a attenção do futil e do mesquinho. Ha a variedade d'aspectos, a corrente constante de impressões derivando da multidão afadigada ou preguiçosa que corre para o trabalho ou que expõe e que admira os encantos do corpo e da alma. E ha ainda o movimento dos electricos, o ruido dos automoveis, a attracção capciosa das *vitrines* insinuando se pelo brilho das pedrarias ou pela disposição dos estofos.

E apesar de tudo isto, apesar dos mil contrastes de luxo e da miseria, da multidão que passa exhibindo caricaturas de seres humanos e fructos deliciosos de carne triumphante, a pasmaceira da capital revela-se até deante da *varina* que regateia o peixe com a creada dum terceiro andar. Uma ninharia, um simples grão d'areia faz estancar em plena praça publica o curso de centenaes de creaturas. Tudo lhe serve de pretexto para o abrir da bôcca e o esgazear dos olhos — o gato que brinca com a cauda do semelhante n'uma janella; o cartaz mais os menos colorido, afixado nas esquinas; o buzinar especial dum automovel e o traço exquisito d'um forasteiro. Não ha dia em que se não vejam damas sumptuosas, das que arrastam sêdas e ondulam os movimentos do corpo pelo compasso dos andores em procissão, estacando de repente n'um passeio, de *lorgnon* assestado, felinamente curiosa, para outra dama que lhes passou ao lado. Examina-a com a minucia cuidadosa de quem procede a um inventario, investigam-lhe o córte da saia e as applicações do corpete e sorriem depois, ou acenam gravemente a cabeça, naquelle gesto lento, compenetrado de quem pondéra as verdades fundamentais dum alto problema.

A rua do Ouro, leito facil por onde se arrasta amodorrada, a ociosidade perfumada duma população inteira, é um exemplo flagrante da pasmaceira alfacinha. Allí se concertam destinos, se decotam intimidades secretas, se adquirem corcundas e cabellos brancos, d'olhos gulosos, embrutecidos de lascivia, seguindo curvas sensuaes, e de labio pendente escorrendo galanteios d'uma infecciosa viscosidade.

Gastam-se vidas desde o alvorecer ao ultimo crepusculo, explorando-se credores, ha até quem esqueça todos os interesses de brio e de coraçao pelo poiso á esquina do Grandela ou pela marcha lenta, quasi funebre, no espaço que se estende do Rocio ao Banco de Portugal. De maneira que, para essas creaturas, a rua do Ouro é a unica razão de ser — como para Gargantua, a unica razão de ser estava n'um macio

collo de mulher que lhe lisongeasse o instinto e a vaidade. E' a rua do Ouro e uma sobre-casaca, um collete phantasia, um vestido alfaiate, córte rigidamente inglez.

A pasmaceira, tomando para motivo essencial a carne palpitante e as habilidades da casa de confecções, fecha-lhes a luz interior na muralha impenetravel do egoismo bestial de desejo excitado, com moldes de figurinos e tecidos da moda calafetando-lhe todas as fendas. Dentro d'esta muralha não dariam fé, sequer, d'um cataclysmo que arrazasse a cidade, e com a cidade os habitantes extranhos ao protocolo elegante — contanto que ficassem intactos a rua do Ouro, o borbolino discreto dos que a frequentam, a casa da modista e do alfaiate e ainda, era indispensavel como o sol e o ar, umas duzias de pasteis sob uma taboleta acreditada pelas mandibulas do *tom*.

Evidentemente: — no meio d'uma população com tão accentuada tendencia para o offício leve de gastar horas e dias de bôcca aberta, no cultivo da pasmaceira ou no fervor exagerado da linha externa, da forma visivel, alem de se dissolverem pouco a pouco os estímulos das virtudes recatadas, desaparecem costumes e tradições que só poderiam viver á sombra d'uma indulgente indiferença, d'um respeito tacito. E' vêr o que succede ao namoro da janella para a rua, que era como um oásis que nos surprehendia ao treparmos uma calçada, na lucta aspera do pão de cada dia, deliciando-nos, afagando-nos com a sua emanção envolvente de sonho e de romantismo. Elle tende a desaparecer, batido pela curiosidade irritante dos que passam, privando assim a mocidade de emoções como as que agitaram Romeu ao comparar o brilho da estrella d'Alva, surgindo por sobre o telhado dos Montechios, no céu purissimo de Verona, com a serenidade innocente do olhar de Julieta. Apenas um ou outro Romeu, dos que conquistam Julieta nos bairros alfastados, onde os transeuntes são apressados e raros, conserva, o velho habito do *gargarejo*. E ai da namorada que se atravesse a sacrificar-lhe o somno d'uma hora, na rua do Carmo ou no Rocio! Minutos depois dos cumprimentos ao *escolhido*, deixaria de ser namorada d'um Fernando d'um Alfredo para ser uma oradora de comicio, fallando a uma multidão boquiaberta na aspiração d'um filhinho loiro com olhos escuros como os do papá...

E d'onde vem, qual a origem d'esta pasmaceira doentia que nos faz convencer de que o alfacinha, por fóra d'uma correcção impertigada de figurino, ou d'um desdem imperial de escudeiro de casa nobre, traz alapardado nas cellulas da curiosidade o instinto compromettedor d'um serrano do Caramulo? Não sei, e será talvez difficil o explica-lo. O mais provavel é que ella seja uma consequencia da regra inal-

teravel dos contrastes — a que coloca a suprema miseria junto da suprema ostentação, os valles mais verdejantes ao fundo das serranias mais escavadas, o infinito da luz, essa luz que palpita, fulgura e desce dos astros a guiar-nos os passos e a colorir o setim dos roseiraeas em flor, no mysterio impenetravel, negro como a treva, do infinito espaço...

E quem sabe? — pôde ser tambem o resultado d'um descuido absoluto pelas necessidades cerebraes. Como tudo no mundo, desde o orçamento da mercearia aos phenomenos biologicos, se sustenta e vive das leis do equilibrio, o alfacinha, que não estabelece o equilibrio entre o cerebro e os órgãos inferiores no socego recolhido do seu lar, com o espirito vazio como uma jarra sem flores, ao chegar á rua indaga, procura, revolve, com a soffreguidão dos sequiosos, o facto, a occorrença, a futilidade que lhe leve ao cerebro a impressão de uma idéa...

Mas... será, não será assim? Não sei, francamente. O que sei de positivo, é que um homem como eu, com os seus dois kilometros de pernas, traz sempre o crédito na bôcca n'uma cidade de *pasmados*. Se um dia falta o gato á janella, o boneco das mesuras nas *vitrines*, a dama com menos uma fita no chapéu do que as prescriptas no Rigor da Moda, um homem de pernas excessivas arrisca-se a ter de requisitar policia e municipal, devidamente armada, todas as vezes que quizer chegar de sua casa ao Martinho para o inoffensivo prazer de tomar um inoffensivo *bock*...

SOUSA COSTA

### Mayonaise de Richepin



R.º

«Juntem ao tórso musculoso d'um semi-deus pagão a face ardente e expressiva d'um berbere, além a bravura elegante d'um gaulês a truculencia fidalga d'um hespanhol de Lope da Vega; corcem da juba leonina d'um hercules, a mascara intensa e aguda d'um semita, — ahí tem, n'um aspecto rapido, essa figura altissima de poeta.

(Agite antes de usar).

JULIO DANTAS

# Jean Richepin no D. Amelia

OU

A Academia Francesa ao serviço do sr. Visconde de  
S. Luis Braga

Os jornaes alfacinhas gastaram, numa profusão louca, a deslumbrante pyrotechnia dos seus adjectivos, a tanto a linha, na glorificação do auctor do *Chemineau*, a proposito das duas conferencias que o illustre academico se propôs fazer no theatro D. Amelia.

Essas duas conferencias, serviram para alguns patetoides gosarem a deliciosa illusão de que sabiam francês e para o proclamarem bem alto nas columnas de varias gasetas. De resto, a estreia do sr. Jean Richepin não teve outro merito que não fosse o de demonstrar que em França, na luminosa França, ha traducções do sr. Augusto de Lacerda correctas e augmentadas.

\*

O sr. Jean Richepin, das *Chansons des gueux* e outras obras igualmente notaveis, sophismou as attribuições do seu logar. Pôz o seu talento e a cadeira da Academia Francêsa ao serviço do empresario d'um theatro, não podendo esquecer-se de que fôra, em tempos menos prosperos, um actôr abortado.

Semelhante maneira d'encarar o talento, pondo-o num cartáz, ao lado das choreographias de Ritta Sachetto e do beneficio de Palmyra Bastos, é vergonhosa para os quarenta immortaes gaulezes e para os creditos do barbudo algeriano. O genio, essa planta hoje rarissima no terreno francêz, devia estar acima das especulações gananciosas da ribalta, emittindo-se por algumas libras. Dependurar-lhe um guizo e cobri-lo com um barrete conico é faltar ao dever que nos impõe a reputação com que, justa ou injustamente, o mundo nos rodeou.

As conferencias do D. Amelia, sob esse ponto de vista, são um desapontamento. Espera-se que o sr. Richepin seja um artista da Palayra, grave na posição a que o guindou o conceito

dos criticos; e o sr. Richepin sae nos — um pe-lotiqueiro!

\*

E é-o, não pelo facto de fazer conferencias, mas pelo facto de as fazer em D. Amelia. Fazer conferencias é mais do que licito — é civilisadôr. Fazê-las, porém, no theatro do sr. S. Luiz Braga, previamente apresentado por phrases descabidas do sr. Julio Dantas, postas na bôcca virginal de Chaby, constitue um acontecimento scenico e não um acontecimento litterario.

As conferencias do actor fallido e festejado poeta — digam as folhas o que disserem — fôram dois monologos mal recitados e em que abundava demasiado amôr proprio. Os effeitos do sr. Richepin, exercidos sobre os tympanos do auditorio, provinham-lhe de forçar os verbos e arrastar os *rr*, o que não constitue virtude oratoria. E a preocupação de fallar sempre de si, de recitar, antes de mais nada, poesias suas, tambem não constitue virtude recommendavel n'um tempo em que as obras sobrelevam as palavras e o elogio, em bocca propria, continua a ser vituperio.

\*

As duas conferencias do notavel academico não mereciam a viagem de Paris aqui. A primeira foi banal; a segunda foi pessima. Sobre o mar, o sr. Jean Richepin disse o que todos nós sabemos e mostrou erronea comprehensão da Arte quando ejaculou uma poesia-cinematographica. A theoria exposta, de que as aguas do oceano substituem o sangue, não dá grandes creditos scientificos ao auctor do *La Mer* e ex-critico d'elle mesmo.

E o que elle disse de Napoleão, santo Deus!

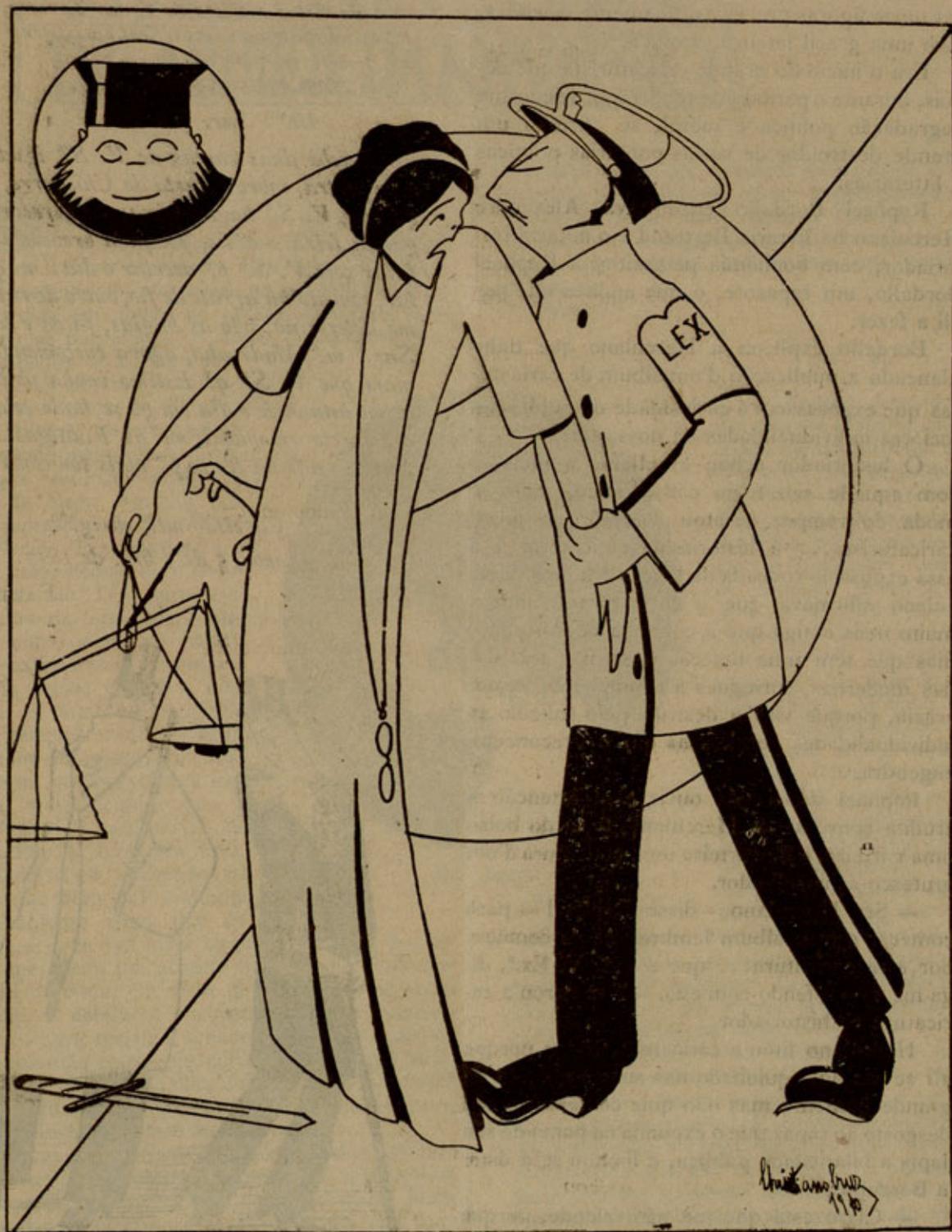
Servindo-se de poetas duvidosos, porque estavam numa epoca sentimental e romantica, exaltou Bonaparte ás culminancias dum Christo moderno. Bonaparte — esse outro comediante!

\*

Em resumo: o sr. Richepin illustrou um intervallo de comedia com a sua figura de frade antigo, de larga tonsura e comprida barba. Fês da sua immortalidade uma fabrica de moeda falsa. Era justo, pois, que os 39 restantes immortaes lhe fechassem agora na cara a porta do seu olimpo, tão certo como *La neige est belle* ser um mau sonêto!

EDUARDO DE CARVALHO.

# A Justiça e o aferidor



— Deixa lá ver a balança!

## A CARICATURA

Já lá vão muitos annos.

Raphael Bordallo Pinheiro começava a traçar umas figuras grotescas, finamente lançadas, com uma gracil intenção ironica.

Era o inicio do grande caricaturista que depois, durante o periodo de 1878-1899, de enorme degradação politica e moral, se afirmou um grande destruidor de varias porcarias politicas e litterarias.

Raphael Bordallo encontrava Alexandre Herculano na livraria Bertrand e o notavel historiador, com bonhomia perguntou a Raphael Bordallo, um rapazote, o que andava elle por ali a fazer.

Bordallo explicou a Herculano que tinha planeado a publicação d'um album de caricaturas que expoessem á curiosidade do publico as maiores individualidades da nossa terra.

O historiador achou excellente a ideia, e com aquelle seu feitio cathedratico, tanto á moda do tempo, desatou a expôr ao joven caricaturista... a historia da caricatura. Foi essa exposição rodeada de lances eruditos. Herculano affirmava que a caricatura é antiga, muito mais antiga que a columna de Pasquino, mas que tem uma funcção nova nas sociedades modernas, entregues á triumphante democracia, porque visa a destruir pelo ridiculo as individualidades perniciosas que o preconceito engendra.

Raphael depois de ouvir com attenção a erudita conversa de Herculano, tirou do bolso uma carteira, e da carteira uma caricatura d'um grotesco achincalhador.

— Sr. Herculano — disse Raphael — para começar o meu album lembrei-me de começar por esta caricatura... que é a de V. Ex.<sup>a</sup>, diga-me se o offendo com ella. — E mostrou a caricatura ao historiador.

Herculano fitou a caricatura, córou porque ali se via amesquinhado nas suas ambições de grande homem; mas não quiz confessar o seu desgosto ao rapaz que o expunha na ponta do seu lapis á hilariedade publica, e limitou-se a dizer a Bordallo:

— Claro está que me não offende, porque se me offendesse... dava lhe dois ponta pés. E ficou se com a recondita vontade de lh'os dar.

CARNEIRO DE MOURA

## Coisas do tempo antigo

### I — Carta dum Capellão ao seu fidalgo

*A. C. Ill.<sup>mo</sup> Snr. José Francisco Fuzarte da Silva e Costa de Sousa Favares; Fidalgo da Casa Real e assistente na V.<sup>a</sup> — de — Monforte. com hua encomenda.*

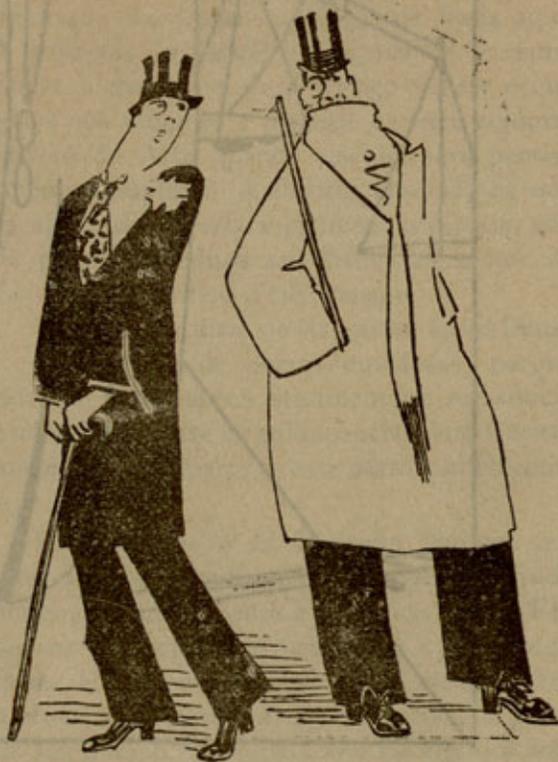
*Ill.<sup>mo</sup> Snr.*

*Recebi duas cartas de V. S.<sup>a</sup> igualmente a canastra, sobre a carta do Chichorra, já asigurei a V. S.<sup>a</sup> havia deixar no correio de Sigmunda feira, o q. fiz, Joaquim brevemente hirá falar com V. S.<sup>a</sup> p.<sup>a</sup> acertar o dia e m. q. hade hir, remetto hu arrate de fio, outro de rapé como me determina, vão as bugias, facas e leque da Snr.<sup>a</sup> m.<sup>a</sup> Madrinha, agora encommendarei as mais que V. S.<sup>a</sup> q.<sup>r</sup> Estimo venha já p.<sup>a</sup> v.<sup>a</sup> e q. me annuncie o dia em q. se hade celebrar o consorcio recomende-me as Fidalgas minhas Snr.<sup>as</sup> e não ha tempo p.<sup>a</sup> mais sou como sempre de V. S.<sup>a</sup>.*

*Capellão mt.<sup>o</sup> obrig.<sup>mo</sup>*

*Estremoz, 5 de 7 bro. de 1817.*

FARTEL.



— Não vens ao Richepin?

— Ah?! Que isso, é lyrico ou cinematographo?

# LA FIGLIA DI IORIO TRAGEDIA PASTORALE DI GABRIELE D'ANNUNZIO

**M**IMI Aguglia acaba de vir a Coimbra, e em Coimbra representou *La Figlia de Iorio*. E se o primeiro facto teve consigo o mais extranho dos successos, no dominio absoluto da artista em todas as nossas actividades, eu ignoro se porventura os meus contemporaneos, illuminados de entusiasmo e de calor por um palminho de corpo onde as paixões tumultuam, generosamente saberiam distinguir o alcance que tem este simples facto de Mimi Aguglia nos ter representado *La Figlia de Iorio*. Tam extranha e rara coincidencia dum gesto cyclico de D' Annunzio, nascido na terra dos Abruzos como o autor, encontrar exteriorização completa numa artista comple a nascida na Sicilia, é para nós, nos tempos brancos e horizontaes de agora, um caso virgem, que porventura merece mais demóra que a profusão tumultuaria do adjectivo. E' uma róta nova, abrindo-se, e enchendo na mancha dum sol cantante e diaphano uma fita de oceano, cada vez mais larga. Essa obra de arte assume assim um aspecto integral que podêmos olhar de cima, em vista de conjuncto, abandonando os detalhes; encontra enfim o successo que o autor reclâma, achado o filão que Suzanne Després não conseguiu achar. Parece que Mimi Aguglia insullou na obra de Gabriële d'Annunzio um largo sopro sobrenatural, percorrendo-a toda, sagrando-a de vida e de relevo.

O capricho artistico e o dominio do individuo sam sempre commodas explicações para quem quer o espirito satisfeito e boas digestões. Seria interessante destrinçar a seiva occulta com que a actriz animou a tragedia, fazendo vibrar em cada scena o calor vital que o autor por palavras só incompletamente podia dar-lhe, sem que

a nossos olhos um momento se perdesse a construcção symbolica da obra. Representando *La Figlia de Iorio*, Mimi Aguglia conseguiu tudo aquillo que os longos prefacios, plasticos e apol-lineos, de Gabriële d'Annunzio não poderam conseguir.

Porquê?

\* \* \*

O angulo fundamental da obra de D'Annunzio po de ser abrangido desde que a olhêmos em conjuncto e lhe busquêmos as fontes.

Gabriële d'Annunzio, é um filho posthumo de Wagner e Nietzsche, nascendo da sedução esthetica pela obra do primeiro e querendo prolongar o alcance momentaneo da doutrina do segundo. No mundo contemporaneo, Wagner é a coroa nobilissima do Romantismo, a realização da Epopeia Humana atravez do aspecto externo e symbolico. Se, pelo processo, Wagner é o último romantico, pelo conceito fundamental é o vidente da obra humana atravez do impe-

rialismo moderno. Nietzsche, pelo seu lado, parece me antes o philosopho do capitalismo, do *struggle-for-life*, do *trust*. Terá talvez nascido de Marx; mas foi um rebento bravo, engeitando o tronco e tomando na direcção oposta.

Ora o fructo mais extranho que nasceu deste extranho casamentô, foi por certo a obra de D'Annunzio. Se a Wagner foi pedir a largueza do significado esthetico, conselhos intimos de Nietzsche não o teriam deixado voar, libertadoramente, na direcção de Wagner. A philosophia dum reduziu o campo de acção que o artista lhe entreabria. E tanto assim é que do *Più che l'anore* D'Annunzio quis fazer o derradeiro brado pela libertação do homem, — porventura Parcifal erguido a uma altura enorme donde



Mimi Aguglia

(Desenho de João Valerio)

olhasse o universo; mas Nietzsche prendeu-o, enredou-o, dominou-o, enquadrou-o, e essas paginas longas de dialogo simplesmente ficaram o canto egoista dum homem superior. Não foi Siegfried libertando o Mundo; foi o Super-homem a achar exteriorização.

Mas tam alto e nobre exemplo é a obra de Wagner, que todos os que têm o seu contacto della saem sempre com qualquer coisa de bom. Guiado por ella, Gabriele d'Annunzio tentou a epopeia cyclica da Italia, erguida nos aspectos dominantes. Mas em vez de ir buscar aspectos fundamentalmente nacionaes, nessa vasta rede que vai da *Nave a Pinche l'amore*, passando pela *Francesca* e por *La Figlia de Iorio*, preferiu emoções artisticas, nascidas e creadas ao contacto do sólo, de eguaes costumes e tradições eguaes.

Assim nasceu *La Figlia de Iorio*. Wagner de um lado entregava-lhe a Montanha, com todos os seus aspectos detalhados, apontava-lhe o symbolo, atravez do qual distinguiria o conjuncto; mas Nietzsche, enchendo as veias do artista, fez-lhe nascer *questo canto dell'antico sangue*. A tragedia ficou por isso um supremo canto do individuo, do sacrificio ao individuo e ao sangue, com a largueza trágica dum primitivo grego. Verdadeiro nietzscheano, D'Annunzio apprehendeu o *dyonismo* da Grecia antiga; e é ainda a mesma ancia animadora de Eschylo e Sophocles que faz o sopro tragico da obra.

*La Figlia de Iorio* é por isso mesmo a obra mais interessante do tragico italiano. Não seria aqui o logar para discutir se porventura a concepção da tragedia, formada por d'Annunzio,

corresponderá de facto á expressão do momento actual. Mas o que é de todo o ponto notavel, é revelar um artista bebendo directamente na arte pura da Grecia a construcção duma obra. Como nas peças de Sophocles, o symbolo tragico domina sempre a situação; e não podendo haver nelle o symbolismo pagão do fatalismo dos deuses, dá-lhe d'Annunzio a essa *tragedia pastorale* um symbolo christão representado no Anjo Custodio. Como nesse fim da Meia-Edade em que o homem desaparecera

*individualmente*, para se confundir na grande massa collectiva dos fieis da Igreja, o symbolo do Anjo domina a tragedia inteira, em todas as situações. O mesmo temor religioso esmaga a acção, enrola-a em volta dessa estatuaria rustica do Anjo, na mesma superstição herdada no sangue e no sólo. Ao contacto do sólo, os personagens (a scena passa-se no Abruzos, *or è molt'anni . . .*) sentiram-se pequenos e apelaram para um poder supremo; e ante o poder supremo sentiram-se esmagados, entregando-lhe a direcção da vida e o fio da existencia.

Como nas grandes tragedias da Grecia, o côro interpreta

a fatalidade do destino — que é agora voz de Deus. E' o *côro* que afinal liberta Aligi, lançando á fogueira Mila de Codra; e de todos os personagens apenas Ornella sente, de nitido, o sacrificio de Mila; o proprio Aligi parece arrastado na voz do côro, alheiado de si, confiando na voz de Deus que o côro justiceiro eleva.

Nisto o ventre bemdito da arte grega se abriu para D'Annunzio. Mas o conflicto dramatico entre a Montanha, o sangue simples e puro, e doutro lado a amor de Mila, filha de feiticeiro,



Na Figlia de Iorio

Caricatura de Cerveira Pinto

vivendo fóra da terra, fóra da mesma religião que os abraça a todos, desses mesmos costumes em que todos vivèram, da mesma simples confusão da Natureza, — este conflicto dramático vem modernisar o symbolo tragico, completando-o. Pela sua largueza, a construção do conflicto deve provir de Wagner. Como de Wagner provem esse *leit-motiv* que em toda a peça perpassa, *acordando de um peso de setecentos annos: il peso de settecent'anni.*

Atravez do conflicto dramático, animando de paixão a obra inteira, entregando vidas e relevo, a dor é simples como o ar da montanha e o sen-



Uma scena da tragedia

(Desenho de Adolfo da Karolis)

timento dos homens; e tam cheia de pureza e claridade ella nos sai que dir-se-hia transparente, deixando ver atravez dessa enorme paixão o aspecto tranquillo dos fundos, com rebanhos pastando e vozes de pegureiros quebrando-se pelas encostas.

\* \* \*

Os senhores sabem: a acção passa-se nos Abruzos, *or è molt'anni...*

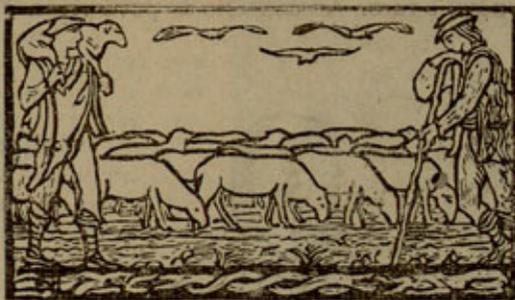
Nessa mesma primitiva terra donde provem o sangue de d'Annunzio, — Montanha e Mar, — ahi elle foi buscar figuras e local. Verdadeiramente essas figuras vieram da terra, viveram no artista, e a sua tarefa resumiu-se a dar-lhes côr e a insufflar-lhes vida.

A Sicilia é esta mesma terra primitiva, irmã gêmea dos Abruzos, onde o mesmo terror do desconhecido foi fazendo crescer mythos eguaes. A terra abria-se, tremendo em fendas largas que engolphavam os homens; e entre a montanha e o mar, o homem foi sempre olhando com veneração divina esse poder desconhecido que agitava a terra e engulia os rebanhos. Era assim já no tempo dos romanos; mas quando mais tarde o idealismo christão entrou a materialisar-se, a Sicilia devia abraça-lo, entregar-se-lhe abertamente, corpo vivo e alma viva. Entre o italiano do norte e o do sul ha a differença que vai de Ticiano a Ribera. O colorido supremo de Veneza propuziu o colorido supremo da pintura: a alma dum siciliano deve ser simples como as tintas da Ribera.

Os escriptorios sicilianos, que entram a produzir, quasi que de exclusivo ferem themas populares. O povo é a arca sagrada das tradições, das fontes vivas da arte; e a elle recorre sempre os renovadores litterarios, tentando erguer o momento. Por isso mesmo, as obras sicilianas representam um dos movimentos mais sympathicos da arte actual; e porventura aquelle que, bebido em maior pureza, bem alto vai erguendo a função social da arte.

Como nos tempos antigos (*or è molt'anni...*) o povo e os seus costumes seduziu todos os artistas. E esta Mimi Aguglia, extraordinaria artista, parece que do povo se ergueu para dar expressão á voz do povo. Chamada a representar essas peças locais de Verga e de Capuana, ella não as representa: vive as, realmente e intensamente, atravez do seu sangue, onde ha sangue do mesmo tronco, onde vivem tradições eguaes e onde perpassa, nos mesmos costumes, o aspecto passional da raça, o fatalismo da raça. Ouvindo-a e sentindo a, sentimos e ouvimos toda a arvore genealogica da Sicilia, desde os avós recentes, descidos da montanha, ao espirito dyonísico dos gregos entrado pelas bandas do mar.

Simple e grande, essa simples e *bôa-rapargia* que é Mimi Aguglia intima, eleva-se aos maiores conflictos e ás maiores paixões, — grandes porque nasceram da simplicidade do povo, e que ella, expressão desse povo, torna igualmente grandes. Em sentimentos o povo não conhece o meio termo, que é producto dispersivo da civilisação: divisa apenas a linha dos extre-



Outra scena da tragedia

(Desenho de Adolfo da Karolis)

mos. E esta formidavel actriz que é Mimi Aguglia é tam grande e tam simples nas suas creações que porventura os que viverem alheios do contacto do povo perguntarão a si-mesmos se acaso a intensidade das paixões poderá subir tam alto alto. Mas que se olhe a tragedia grega, producto simples do povo; e ver se ha pulsar o coração da Grecia a tal altura que os nossos olhos não podem attingi-la.

E é facil de ver porque a Duse da nobre serenidade nunca tentou a peça, porque Suzanne Desprès nada conseguiu fazer de *La Figlia de*

*Iorio*, com todo o seu talento ao serviço da peça. Os senhores ouviram o segundo acto: e viram no soltar limpidamente, através da sobriedade extrema de Mimi esse conflicto simples e grande. Creio que Després, artista cheia de recursos, pretendendo representá-lo, deixaria os espectadores ante a aridez duma planície rasa. Viram Mimi Aguglia: e sentindo-o e vivendo-o, elevou-o a essa altura maxima que porventura D'Annunzio sonhou para a tragedia. Representada por outra actriz, *La Figlia de Iorio* não vai alem de peça de costumes; mas Mimi representando-a fez-nos sentir essa *tragedia pastorale*.

Porventura um esforço menor, nascido naturalmente no mesmo meio supersticioso e simples em que desfilam os personagens, conseguiu tudo isso que outras artistas á força de trabalho não poderiam fazer.

Mimi Aguglia, por isso mesmo, é a unica e altissima actriz que poderia interpretar *La Figlia de Iorio*. Mas como interprete do theatro siciliano, expressão viva dessa região, sentindo-o e vivendo-o, ora em convulsões histericas geradas na alma duma rapariga, ora na mesma submissão ao povo justo, Mimi Aguglia é muito mais do que isso: é uma artista genial.

E é facil de ver agora como num tempo em que o theatro romantico encontra ainda interpretes romanticos, num tempo em que Sarah Bernhardt ainda busca o gesto, ainda lapida a phrase, Mimi Aguglia, lançando se por acaso neste theatro, o enche dum naturalismo novo e raro. Ao contacto do povo viveu



Gabriele d'Annunzio



Gabriele d'Annunzio

(Caricatura de Olaf Olabronsson)

e amou a natureza; é essa mesma natureza que ella nos entrega sempre, ou represente o seu theatro, ou em simples incidente nos dê theatro francês.

\* \* \*

A Italia actual entrou a revelar nos manifestações de arte viva, superiores e fundas. Dum lado a França espirituosa e amavel continua a traduzir a dispersão do tempo, a leveza da epocha; repare-se que Anatole France se ficou ainda e sempre a recordar o Cenaculo de Leconte, através dos seus livros simplesmente parnazianos; que o romance francês hesita entre a primitiva manifestação de arte que é o realismo, e a evocação isolada de tempos que se foram e onde apenas se vai buscar o simples effeito artistico; que o genero preferido pelo escriptor é a chronica diaria, futil como esse dia que a gerou.

Do outro lado, na Italia, parece que um alto sopro de vida a invadiu pouco a pouco; e todas as suas manifestações estheticas, todas as suas manifestações sociaes, nos deixam a impressão de que a Italia tenta emfim resgatar, em todas as actividades, productos falsos e postiços com que se encheu no seculo findo.



Na «Malia»

(Caricatura de Luiz Philippe)

Ora o theatro de Mimi Aguglia é uma alta e nobilissima expressão de arte, bebida nas veias puras d'onde emana a arte viva. Mimi Aguglia nasceu na Sicilia, cresceu e viveu num meio de tradições vincadas na alma sempre nova do povo. Como nós tempos antigos da Grecia, em que a arte era um producto espontaneo, mythos religiosos e tradições pœticas da região entraram de novo a tomar corpo — e pediram expressões artisticas. Um recente autor siciliano, Luigi Pirandello, explicava á frente dum *recueil* de novel-las o duplo aspecto da alma moderna, perdido entre a face da tragedia e da comedia.

Bom Deus! Os artistas que a Sicilia começa a revelar-nos não podem ter hesitações: productos espontaneos do povo, atravez das suas obras vive a linha simples e clara da perfeição artistica, das obras de arte puras.

Ou vamos ler Pirandello, ou se veja Mimi Aguglia, ou entendámos Capuana, acima de tudo veremos sempre o aspecto dramatico e passional da raça, atravez dessa mesma sobriedade que é o character das grandes obras e que nós tanto admirámos na grande actriz.

Mas Mimi Aguglia, de todos os artistas que

eu conheço da Sicilia, e de que fallo, é o que mais alto vive dentro em mim, na minha admiração e no meu entusiasmo. A meus olhos ella assume esse aspecto enorme de ser a suprema interprete da sua terra, vivendo os seus costumes e as suas tradições, sentindo as suas lendas e a sua religião, — erguendo se do povo, elevando-se acima dell', e interpretando todos os aspectos numa synthese purissima de arte viva.

E tanto mais a admiro quando na Italia eu vejo apenas hoje um grande artista a contrapor ao seu nome. Um tornando se inconsciente expressão da sua terra, vivendo a nos detalhes mas sentindo a no conjuncto — essa região que se alevanta para a arte e toma na actriz uma expressão integral. Outro, atravez da consciencia esthetica, ferindo em obras de arte o lume das tradições, dos caracteres fundamentaes do povo italiano, procurando interessar a Italia por esses aspectos dominantes que seram porventura faces prismaticas da sua actividade.

E sabem como se chama esse artista que eu contraponho a Mimi Aguglia, em egual logar e á mesma altura?

— Gabriele d'Annunzio,

Tal é o significado social do theatro de Mimi Aguglia.

\* \* \*

Abrindo estas palavras, comecei por formular uma pergunta.

Creio ter achado a resposta, inteiramente.

Por ventura esta resposta é o meu aplauso á arte viva, producto espontaneo, abandonado o capricho as formas ligeiras do momento.

Por isso mesmo, a vinda de Mimi Aguglia a Coimbra, representando *La Figlia de Iorio*, marca na minha vida

uma das maiores sensações de arte que eu tenho experimentado. Por nosso bem, eu quereria que ella para todos ficasse egual; e que a representação da obra de D'Annunzio por esta genial actriz fosse um marco por deante do qual se nos rasgasse um conceito de arte, perfeito e vivo.

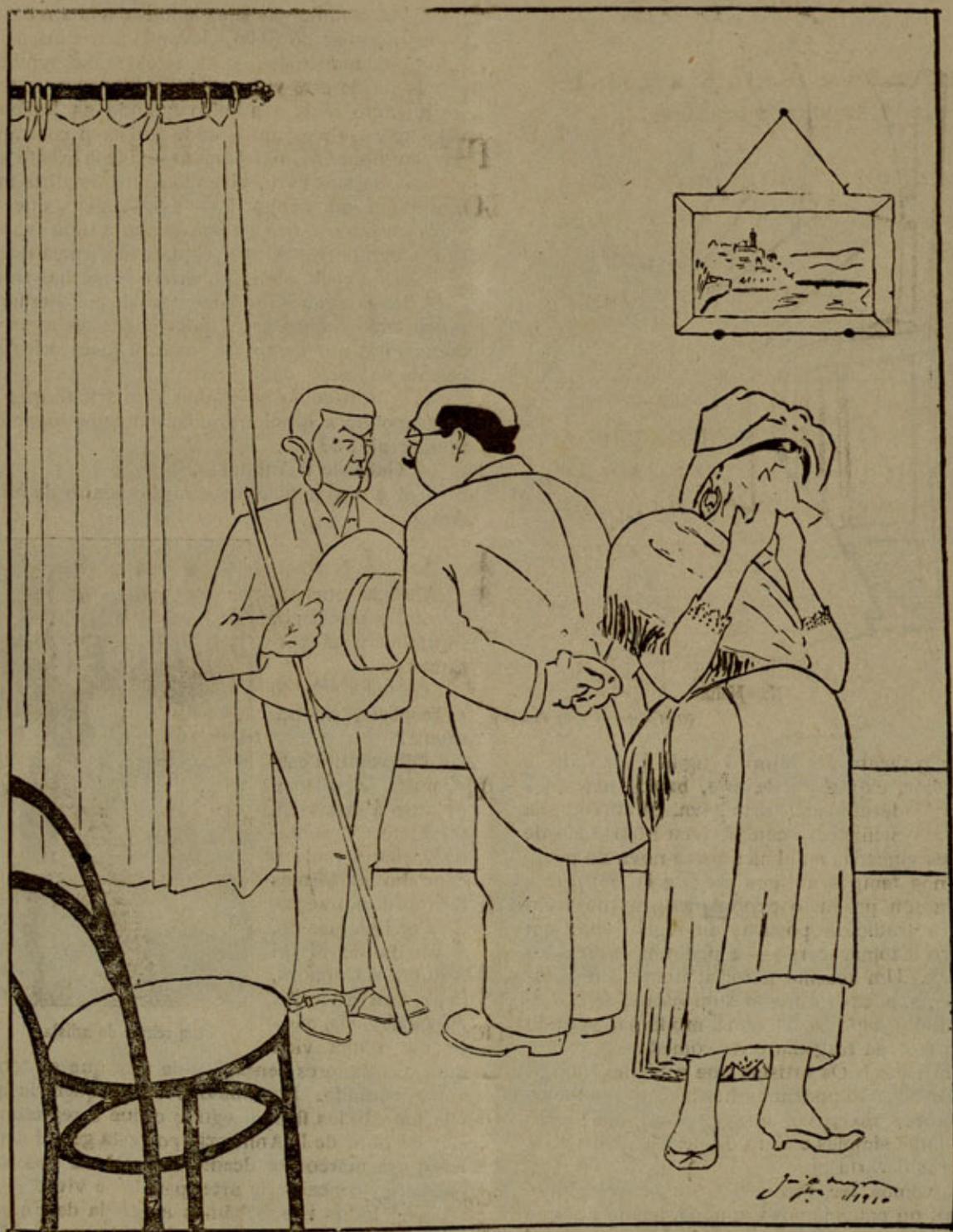
Que todos nós bebámos a bebida de Fausto; e talvez depois deste banho lustral e purificador, que foi o theatro de Mimi Aguglia, nossos sentidos sintam por inteiro e o nosso olhar não páre no horisonte.

VEIGA SIMÕES.

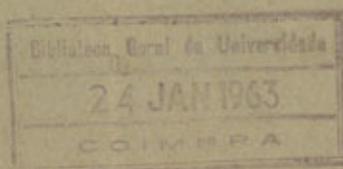


Um retrato da artista

## Pequena diferença



- Ora diga-me, sr. doutor: estes vomitos serão de gravidade?
- De gravidade, não: apenas... de gravidez.



# Papelaria Borges

COIMBRA

CASA EDITORA DE BILHETES POSTAES  
ILLUSTRADOS

## Apparelhos e mais material para Photographia

Para os Ex.<sup>mos</sup> Academicos faz  
preços excepçionaes nos grupos  
de cursos e em retratos, que se  
encarrega de mandar reproduzir  
na Allemanha.

*N. B. — Ha já grande numero  
de assignaturas para encomendas;  
e pôde fornecer amostras de algu-  
mas, executadas com a maxima  
perfeição.*

## Pastelaria e Confeitaria Telles

Fabricação esmerada de finos  
doces de ovos, e de fructa de to-  
das as qualidades, em seccos,  
crystalisados e em calda.

### Variada pastelaria em todos os generos

Pudings de diversas qualidades, Pão de  
lô pelo systema de Margaride, Galantines di-  
versas, Patés Saucisses.

Vinhos, Cognacs, Champagnes e Licores finos das  
principaes mareas

Cartonagens, Amendoas, Chocolates, Bom-  
bons, Drops, Queijos, Chás e artigos de  
novidade

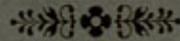
Unica casa que vende a finissima  
manteiga da QUINTA DE FON-  
TELLO—Paços de Ferreira e os  
deliciosos rebuçados de fru-  
etas especialidade da Pada-  
ria FARIA do Porto

150, Rua Ferreira Borges, 156 — COIMBRA

Telephone n.º 23



# Grandes Armazens do Chiado



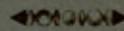
E' o estabelecimento  
que melhor e mais bara-  
to vende em

## Coimbra

Rua Ferreira Borges



## A Elegancia de COIMBRA



### SAPATARIA DE

MANUEL TEIXEIRA

Rua Infante D. Augusto, 6 a 14

Esta casa, conhecida em todo  
o Paiz, não recommenda o seu fa-  
brico.

## DROGARIA VILLAÇA

Coimbra

Completo surtido de drogas, productos chimicos  
e pharmaceuticos.

Fornecimento para pharmacias e laboratorios

## LOUIS FONTAINE

Acordador de piano de la Maison Pleyel de Paris

Pianos, a' la mode, concertos

VENIAS E COMISSOES

Provisoriamente

26, Rua de S. da Barba, 28 — COIMBRA

# Grandes Armazens de Lisboa

11, AVENIDA NAVARRO, 31

entrada pela Mouraça da Estrella, 2

PREDIO TODO

COIMBRA

O mais vasto estabelecimento da provincia, com as mais sortidas secções de *modas, chapéus, confecções, lanificios, fanqueiro, retrozeiro, perfumarias, estofador e brinquedos*. Ateliérs de chapéus, modista e alfaiate.

SORTIDO MONSTRO.

**PREÇOS SEM COMPETENCIA**

Um dia por mez

**Fazendas de Graça!**

Pedir instrucções nos

Grandes Armazens de Lisboa

## LIVRARIJA MODERNA

A. GONÇALVES CUNHA.

23 — Marco da Felra — 25

COIMBRA

Livros portuguezes e estrangeiros sobre todas as materias, **novos e usados com grandes abatimentos.**

Revistas, jornaes, illustrações. Musicas. Cordas e outros pertences para instrumentos. Papelaria. Bilhetes de visita. Postaes illustrados. Encadernações. Gravuras. Sellos para collecções. Tabacos. Perfumarias.

Compram-se quaesquer livros em grandes ou pequenas quantidades.

## ALFAIATARIA E CAMISARIA

Francisco M. de Souza Nazareth e F.<sup>o</sup>

20 — Rua Ferreira Borges — 24

COIMBRA

Completo e variado sortido de casemiras para fatos e sobretudos, luvas, collarinhos, gravatas, suspensorios, ligas de camurça, cache-col em seda, veludo e lã. Camisas brancas e de côr.

Agencia da Companhia de Seguros Bonança, a mais poderosa e antiga de Portugal.

## GRANDE CAFE CONCERTO

Antigo Café MARQUES PINTO

PROPRIETARIO,

Manuel J. Telles

Praça do Commercio

COIMBRA



50 réis

Coimbra, 12 de fevereiro de 1910

# A FARÇA

Quinzenario illustrado

Numero { Portugal — 50 reis  
" avulso { Brazil — 400 reis (moeda fraca)

## ASSIGNATURA

(Por serie de 12 numeros)

Portugal e colonias . . . . . 600 reis  
Brazil . . . . . (moeda fraca) 35800 "  
Estrangeiro . . . . . 5 francos

Toda a correspondencia relativa á parte litteraria, e em geral á redacção d'*A Farça*, deve ser dirigida ao Director litterario, R. de Sub-Ripas, 26 — Coimbra.

A correspondencia relativa á parte artistica deve ser dirigida ao Director artistico, R. Alexandre Herculano, 7.

A administração desta Revista pertence de hoje em diante á *Livraria Editora F. França & Armenio Amado*. Para lá deve ser dirigida toda a correspondencia que lhe diga respeito, e para lá tambem poderão os nossos assignantes reclamar contra a falta de remessa de algum dos primeiros numeros, ou outra qualquer irregularidade.

São nossos obsequiosos correspondentes no Brazil:

NO RIO DE JANEIRO :

o sr. Carlos de Azambuja, rua do Hospicio, 13.

NO PARÁ :

o sr. Augusto Marques Coelho, Travessa da Industria 4.

EM S. PAULO :

o sr. Dr. Antonio Augusto, illustre professor.

## CONCURSO DE CARTAZES ARTISTICOS

Num dos proximos numeros abriremos um concurso de cartazes artisticos para diversas casas commerciaes e a que concorrerão artistas nacionaes e estrangeiros.

Iniciará esta serie de concursos uma casa de Lisboa, muito conhecida pelas grandes transações que effectua e pela sua ousada iniciativa.

## ANNUNCIOS

	Em um só numero	Por serie de 12 numeros
1 pagina . . . . .	35000 reis	255000
1/2 " . . . . .	15800 "	155000
1/4 " . . . . .	15000 "	105000
1/5 " . . . . .	800 "	85000
1/8 " . . . . .	600 "	55000
1/10 " . . . . .	450 "	45000
1/16 " . . . . .	350 "	35000

Tiragem 3:000 exemplares

## Nos proximos numeros:

Chronicas de João Chagas e Albino Forjaz de Sampaio.

Artigos de:

Annibal Soares, Alfredo Mesquita, Camara Lima, Antonio de Monforte, Alberto Monsaraz, João Correia de Oliveira, Luiz da Camara Reys, Hyppolito Raposo, Eduardo de Carvalho, M. Cardoso Martha, Carneiro de Moura, J. Lobo d'Avila Lima, Canavarro Valladares, Mario Beirão, Alfredo Guimarães, Alfonso Duarte, Augusto Casimiro, Bamada Curto, Augusto Pinto, Feliciano Santos, João de Lebre e Lima, João Figueiredo, Sousa Costa, Ladislau Patricio, Candido Guerreiro, etc.

Desenhos de:

Manuel Gustavo, Virgilio Ferreira, José Campas, João de Brito, Christiano Cruz, José de Meyra, Emilio Martins, João Valerio, Mario Pacheco, Manuel Monterroso, Cerveira Pinto, Correia Dias, etc.

## Photographia Conimbricense

— José Maria dos Santos —

COIMBRA — Avenida Navarro, 2

Retratos em todos os formatos até tamanho natural, pelos processos mais modernos. Vistas de Coimbra, Bussaco e Batalha. Encarrega-se de todos os trabalhos fora do atelier.

## MERCEARIA LUZITANA

— Gaitto & Cannas

1, RUA DO CEGO, 7 — COIMBRA

Especialidade em

CHÁ, CAFÉ E VINHOS FINOS

Deposito dos vinhos da

Real Companhia Vinicola

e da

Associação da Bairrada

Materiaes de construcção

Agencia de Seguros. Transferencia de dinheiro

TELEPHONE, 8

Anno I

N.º 4

# A FARÇA

COIMBRA, 12 DE FEVEREIRO DE 1910



Director artistico — *Luiz Filipe*  
D Direcção litteraria de *Veiga Simões*  
Proprietario, **Thomaz d'Alvim**  
Administradores, *F. França & Armentio Amado*  
Livreiros-editores

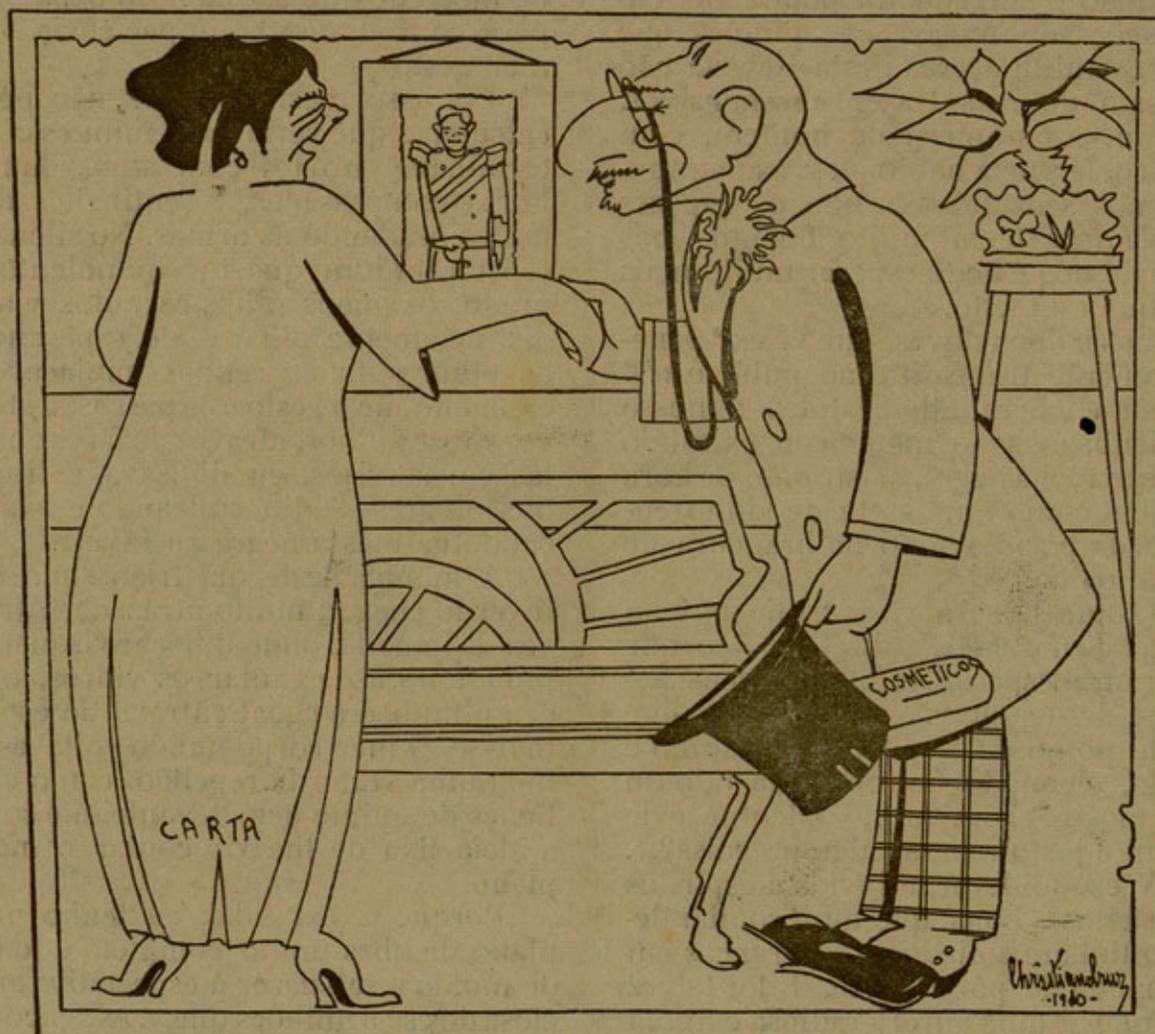
Redacção — RUA DE SUB-RIPAS, 26

Administração — ARCO D'ALMEDINA,

Composição e Impressão,

TYPOGRAPHIA LOUZANENSE — LOUZÃ

## ELIXIR DE LONGA VIDA



Senhora Minha :— ha-de V. Ex.<sup>a</sup> experimentar os meus cosméticos

# Chronica

Carta ao Sr. Brito Camacho,  
illustre director d'A Lucta

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.:

A *Farça* vai-lhe devendo dia a dia amabilidades sem conto. E se a nossa gratidão é tanta quanta pode caber em corações de moços, as opiniões que v. ex.<sup>a</sup> emite ácerca desta Revista não cessam de nos trazer aprehensivos. Assim, no numero de hontem, com uma deferencia habitual, v. ex.<sup>a</sup> annuncia aos seus leitores que os rapazes d'A *Farça* têm muito talento, mas que de nós é licito esperar muito mais do que está feito.

Estas duas novas, que v. ex.<sup>a</sup> generosamente transmite ao publico d'A *Lucta*, enchêram de gratidão o nosso espirito; mas no meu ficou pairando uma mancha negra, alastrando de hora a hora, como uma gotta de vinho entornada por descuido na brancura de uma toalha.

O que julgará v. ex.<sup>a</sup> que eu sou capaz de fazer? E sobretudo — o que ficarám a esperar de mim os seus leitores, desde que v. ex.<sup>a</sup> lhes revela que neste ponto do mappa, redondinho e preto, chamado Coimbra, ha oito ou dez moços «com muito talento» e de quem é justo esperar alguma coisa?...

V. ex.<sup>a</sup> foi levar a duvida a espiritos satisfeitos e bons, que num confiar de voto tinham soltado as esperanças em demanda de pôrto certo. E foi talvez annunciar uma aurora radiosa e fresca

a tanto desesperado, perdido na encruzilhada do ideal. Em cinco palavras, suspendeu cinco milhões e meio (quasi reis) — cinco milhões e meio de habitantes; e eu tenho a impressão vaidosa de moço de que a esta hora o paiz espera com desusada impaciencia — o meu gesto.

Por isso mesmo v. ex.<sup>a</sup> não póde calcular o que seria para mim essa interminavel noite, com sinos dando horas compassadas, e sentinellas distantes bradando ás armas. No silencio espectral dum quarto somnolento e mudo, os meus olhos cerrados viam distinctamente olhares de esperanza, os olhares fixos, retinas implacaveis expiando-me o gesto e os passos; e atravez desses olhos, atravez de faces abertas em sorrisos, eu divisava a linha dos olhares d'odio, colleando e avançando na massa negra da Inveja.

A manhã deste dia tristissimo de inverno chegou muito atrazada. Atravez da janella, onde um chuisqueiro monotonu fazia cantar os vidros, um ceu plumbeo e egual entrava de espalhar-se. O meu corpo moído voltava-se inda uma vez; e de repellão, como em finaes de quinto acto, levantei-me com a ideia fixa de lhe vir contar o meu plano.

Porque v. ex.<sup>a</sup> sabe: eu tenho um plano de obra muito completo e todo de molde a satisfazer a expectativa anciosa dos seis milhões que v. ex.<sup>a</sup> picou.

Não quero eu tomar-lhe tempo a desfiar meudamente como fui dando ao meu espirito uma educação original e propria, que me habituasse a construir obra propria e original.

Ao tocar o meu espirito com os maiores espiritos da Universidade eu verifiquei com espanto que não feria lume: desoladamente inconsolavel, conclui que seria um mau jurista. De resto a minha sina em pequeno m'o affirmára.

Deixei portanto em paz Justiniano e o Dr. Calisto; e um pouco á maneira de Gil Blas, dei-me a correr aventuras nos plainos da litteratura.

Por esse mesmo tempo, a publicidade entrava a seduzir-me. Eu sentia-me capaz de fazer coisa de geito, neste paiz em que os artistas arrastam o genio e o tedio entre um *bokc* no Martinho e uma chavena de chocolate, a deshoras, no Tavares.

Publiquei um livro. Creio que ninguém o leu,— e pouca gente fallou delle.

Pois esse livro devia ser o prologo grandioso duma grande epopeia cyclica que da plataforma do meu paiz eu consagrava á Humanidade. Lançado o plano á maneira de Wagner, esse livro viria a ser o *Ouro do Rheno* da minha Trilogia.

Mas isto duma Trilogia, — V. Ex.<sup>a</sup> sabe-o bem —, toda a gente para ahi lança hoje os seus olhos. — Por isso eu logo construia nem mais nem menos que três, precedidas dum prologo e augmentadas de epilogo, reservando-me para em melhor futuro completar a minha obra por uma serie de estudos dictaticos e philosophicos, á maneira de Emerson, aonde revelasse ao mundo a complexidade das doutrinas geradoras dos meus livros.

Por este tempo comecei a escrever a minha obra com O grande.

A janella do meu quarto abria-se para a paisagem cantante e alegre da outra banda do rio. Mal chegava á varanda, de mãos nos bolsos, a olhar distraido a irmandade dos chou-

pos, a linha clara da paisagem levava o meu olhar, inconscientemente, a esse Convento-Velho, perto do qual, na conclusão de varios eruditos, seria morta a «misera e mesquinha». Então o grave pensamento de que cada seculo da nossa litteratura consagrava aos amores de Ignez uma tragedia, entrou a seduzir-me; e correndo os olhos atraz da fiada de choupos, dia a dia eu construia novas scenas e ao meu espirito chegavam detalhes novos. Mas não era essa tragedia classica de Ferreira que eu sonhára para mim. Não: eu queria obra humana e universal. E então, chegado ao fim do ultimo acto, El-Rei Dom Pedro o Cru, num gesto nobre, rasgava a capa, retalhava a golpes de punhal o gibão de velludo, e atirava os despojos, sereno e firme, á multidão operaria que em baixo, no atrio do palacio, proclamava em rythmos ineditos a soberania do povo.

Por outro lado, as columnas hirtas da Universidade, por onde em cada dia eu coçava a capa e gastava a vida, puzeram-me na frente a figura magestosa do Marquez, em protagonista dum romance historico, — mas com um sentido mais largo que o que lhe attribuiria Scott ou que nos nossos dias lhe entrega o sr. Campos Junior. Não: eu queria demonstrar que mais longe ia a função dessa obra d'arte; e que, lançado nella, um grande artista chegaria ao caminho da verdade que Wagner—do Norte—nos mostrava.

Tambem um romance da actualidade, sobre a vida do estudante, me levou quasi mês e meio; aqui o conflicto dramatico attingia o paroxismo — como um dia contarei a V. Ex.<sup>a</sup>.

Logo a seguir, um trabalho de critica vinha tomar-me todo; e eu analysei em vincos fundos a nossa litteratura, estudei o theatro contemporaneo, chamei bolos-de-sabão ás peças francêsas e tive phrases bellas quando prognostiquei o levantar das litteraturas erguendo o nivel do meio. Então

ataquei os parlamentos, sorri no meu desdem aos dictadores; e recorde-me que por essa altura a Hungria encerrou as Camaras, reconhecendo a sua inanidade.

Depois . . .

Depois seria longo desfiar a V. Ex.<sup>a</sup> nas columnas duma Revista o que pretendo fazer. Basta que erguendo os titulos, V. Ex.<sup>a</sup> lance os olhos ao conjuncto e avalie da minha actividade.

Tenho um livro no prelo, com este nome: *Memorias dum homem-forte*; quatro romances que se chamam por sua ordem: *Tristes amores* (este é historico), *Gloriosa Jornada*, *Transfigurações ao Sol-Poente* (symbolista), e a final — *Manhã Bemdita*.

Para theatro escrevi uma peça com este titulo à Ibsen: *Sombras*. Conto escrever mais tres ou quatro; e para duas já encontrei optimos nomes de cartaz: *Os sete contra Thebas* e *Agamemnon*.

Os artigos que fôr publicando entretanto reuni-los-hei num volume de 450 a 500 paginas, a que porei este titulo: *Fumo*.

E como conto passar o verão em villegiatura, escreverei em cada anno impressões de viagem, a que darei os nomes dos paizes que correr. Deste modo conto em breve ter uma interessante e pittoresca geographia da Europa.

Tambem tentei uma opera lyrica. Mas nisso não falêmos, porque não deu o resultado desejavel.

Aqui tem V. Ex.<sup>a</sup> a minha Obra de estudante.

Tenciono dar uma cupula grandiosa a esta Cathedral — em primeiro logar casando rico, para ver se a torno pratica; depois legando o rendimento da minha Obra a um estabelecimento de caridade (asylo ou hospital) para

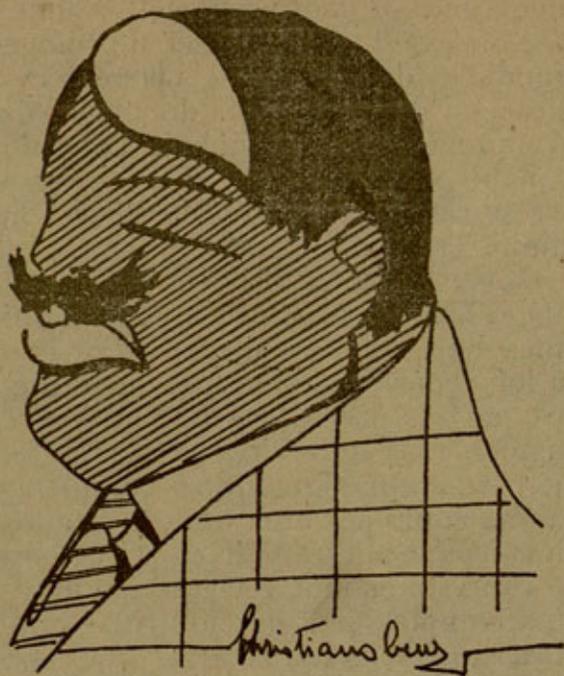
litteratos colhidos pobres na velhice. O exemplo de Camões deve sempre estar à vista daquelles que a fortuna beija e a gloria roça com sua aza d'oiro.

Depois de tudo, creio que V. Ex.<sup>a</sup> ficará fazendo juizo completo a meu respeito. E fico esperando em que o sr. Carlos Amaro, no seu proximo artigo para *A Lucla*, me julgue ao menos satélite de algum brilho do astro brilhante que deve ser esse homem de genio português, a esta hora lá para as bandas da China, arrastando com indolencia uma cabaia amarella.

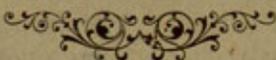
De V. Ex.<sup>a</sup>

mt.º grato admirador,

VEIGA SIMÕES

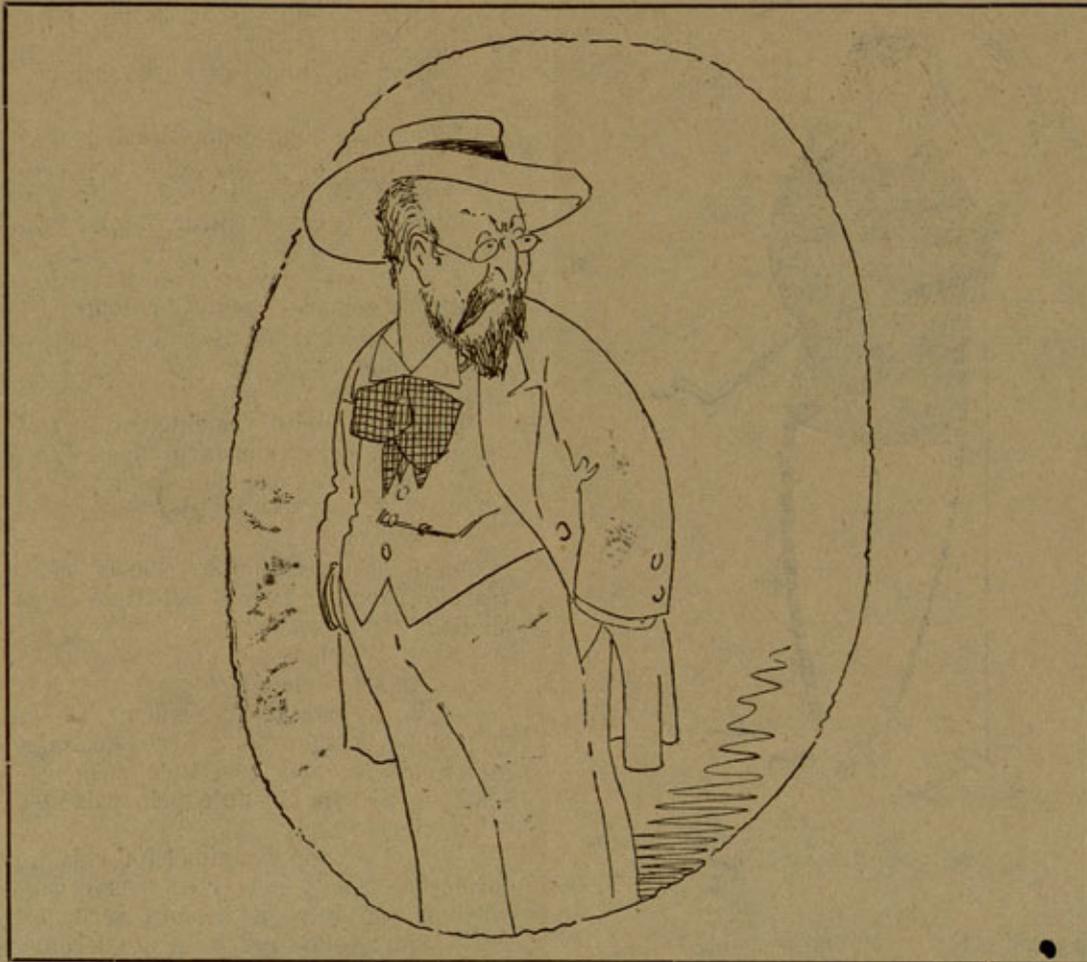


João Chagas,  
ou a Epistola ao serviço da Revolução



## A ARTE PARA O POVO

Conferencia no «Instituto» a 15 de fevereiro



### Sermão da Montanha:

39. — Quando o Propheta começou a subir a collina, deixou atraz de si a turba dos barbaros, que se entretinha em banquetes luxuosos e sensuaes ;

40. — E tomando pelo caminho aberto entre os tumulos, ia considerando na vida que animava essas pedras e no vasio que vinha do ruido da turba.

41. — Então pensou: Aquelles homens, esquecidos de si, para se entregarem todos ao prazer da besta, perdê-

ram ao certo o sentido da vida ;

42. — Assim, enquanto agora a embriaguez os devora, amanhã, acordados do somno, sentirão o vacuo em torno de si e sobre elles cairá inexoravel o tedio.

43. — E ao tempo que ia pensando, acabou de subir a collina.

44. — Esperavam-no em cima Doutores e Philisteus que vinham receber no seu verbo a Boa Nova annunciada.

45. — E subindo á rocha que domina o monte e o valle, lhes revelou que a vida é

bella em si mesma e que todo o povo a poderá tornar bella ;

46. — Que enquanto em baixo os barbaros gastam a vida sem dar por isso, nossos olhares em vez de seguirem suas voltas ruidosas se ergam á abobada infinita ;

47. — Que em vez da carne nos agrilhoar a um rochedo eterno, eternamente, dentro de nós alimentemos uma aguia.

48. — E que a deixemos voar, liberta a anciosa, no azul sereno ;

49. — Então cada um verá a vida bella, cada um lhe achará o seu fim ;

50. — E conhecerá então seu sentido verdadeiro.

71. — Quando acabaram as suas palavras, entreolharam-se Doutores e Philisteus.

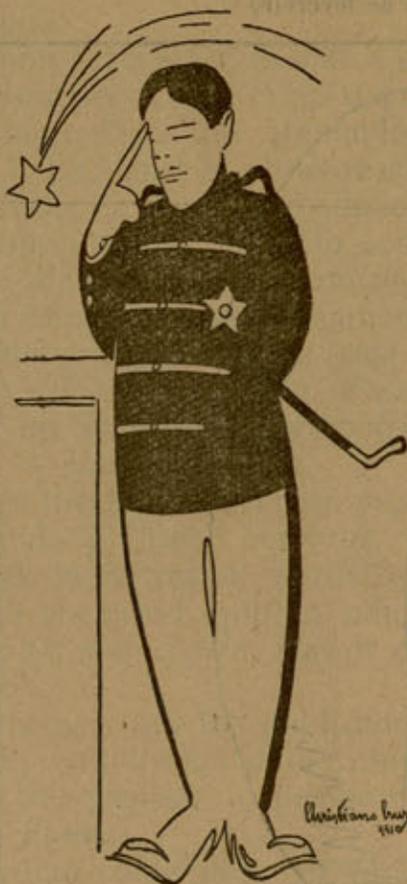
72. — E entendendo esse olhar, o Propheta não quiz esperar o desdem no sorriso dos Doutores ;

73. — De novo aconchegou o manto, e entrou na vereda que desce pela collina :

74. — E não desceu ao valle ;

75. — E foi por outras partes prégando a Boa-Nova.

# O Comêta



Não sei porque este maldito comêta me  
faz lembrar D. Sebastião e Alcazer-Kibir . . .

Mal o fugidio astro sacudiu a cauda sobre o monte de Santa Clara, toda a gente suspirou, possessa dum receio negro de morte:

O cometa! O cometa!

E o astro nas alturas nem dava pelo clamor dos pobres mortaes que vivem á roda duma pinta opaca, talvez imperceptivel, á distancia dos infinitos milhões de kilometros em que elle vagabundeia.

Mas era preciso tranquilisar o publico e a *Farça*, sempre na pista dos grandes successos e sobretudo no desejo de elucidar com rigor os seus numerosos leitores, resolveu consultar a sciencia, ouvir a faculdade de Mathematica. (Vem a proposito dizer que nunca a *Farça* dera por semelhante faculdade, agora em fóco).

A vista do cometa, radioso e ameaçador, com sorrisos de carrasco, fez lembrar o observatorio, os apparatus, toda a instrumentaria que serve para medir os passos daquelles celestes inimigos — tal como uma forte trovoadá faz accender as duas velas do oratorio de familia, esquecido durante menses...

Segui então para o observatorio, lá ao fundo, prismático e solemne.

— ... se se pode entrar — perguntei a um archeiro.

— Acabou agora a aula de geodesia: aquelle barulho é a saída.

— Não pergunto isso: se me é permittido entrar no observatorio?

— O sr. dr. Rogerio lá está. Entre.

Numa sala nua, deante dum quadro preto, o sabio escrevia numeros, numeros...

— V. Ex.<sup>a</sup> dá me licença? *Não ouviu.*

(Mais alto) Posso entrar, V. Ex.<sup>a</sup> dá licença? *Nada.*

E o giz ia-se pulverisando na ardosia, febrilmente, os numeros, uns sobre outros, formavam arabescos e só quando os dedos, já desprovidos do calcareo, lhe iam apagando os signaes, o doutor se voltou e deu por mim.

Encarando-me duramente, atravez duns olhos grossos, perguntou surprehendido:

— Que deseja o senhor daqui?

— Eu... eu não sou alumno da faculdade...

— Ah! então?

— Vinha por causa do cometa, em nome da *Farça*, a melhor revista illustrada cá da cidade. V. Ex.<sup>a</sup> conhece...

(S. ex.<sup>a</sup> acenou que sim).

— Ah! o cometa!

— V. Ex.<sup>a</sup> estava certamente fazendo calculos; tantos numeros... Peço desculpa de vir interrompê-lo, mas está tudo suspenso da sua sentença, ai pela cidade e pelo paiz até.

— Serio?

— V. Ex.<sup>a</sup> não imagina! Na cidade ninguem dorme hoje sem conhecer os seus calculos, esses calculos. São do cometa, não é verdade?

— Sim: estava precisamente decompondo em factores primos o numero de kilometros da orbita.

— Mas para quê?...

— Isto tem muito interesse, não faz ideia... cá para a gente!

— Basta V. Ex.<sup>a</sup> dizê-lo, ora essa!

«Mas o que eu vinha saber eram dados positivos, e peço desculpa de interromper—insisti eu, encostando-me a um caixotão com a nota «fragil» que se pôs a oscillar.

— Cautela! — preveniu o sabio.

— Perdão, não tinha imaginado...

— Ai dentro está a luneta!

— Ah! a luneta! do observatorio e inclinei-me respeitosaente para o caixote.

— Trouxeram-na ha annos, ainda não houve tempo de a montar. Requerem muito tempo aquellas engrenagens, sabe?

— Faço ideia... Mas como fazem então as observações?

— Geralmente por analogia. E é o mais seguro. As distancias estão medidas; quando appa-

rece alguma coisa de novo, *lá-de-fóra* avisam logo. Daqui raro importunamos o ceu com nossos olhares indiscretos.

— E talvez por isso os astros nos são tão propícios e o ceu tão docemente luminoso—acudi eu num assomo lyrico.

— O senhor ainda crê na astrologia? — perguntou o mestre a sorrir friamente.

— Quasi tanto como na astronomia...

— Não diga isso!

— Os astrologos acertam algumas vezes, os astrónomos erram outras: ainda agora se esperava um cometa e appareceu outro!

— Como?

— Pois aquelle cometa que além appareceu hontem não era o de Halley!

— Não era?

— Não, senhor! Dizem-no os jornaes.

— E' que eu não li ainda os jornaes desta manhã.

— Mas ha perigo? — teimei.

— Quem fala nisso?

— Então a atmospherá não nos chega a envolver e a queimar-nos?

— E que chegasse! que valia pensar em tal?

O meio era provocar um desvio na trajectoria da terra ou emigrar para outro planeta. Convem-lhe?

— Puro Julio Verne, V. Ex.<sup>a</sup>! Lá isso não: na terra nasci, nella quero morrer.

E a proposito: consta que muita gente trata de procurar meios originaes de suicidio; fala-se em amantes a beijarem-se até morrer, com as boccas bem juntas, em projectos sinistros de incendiar a Universidade...

— Que não façam tal! Tudo isso são em mathematica quantidades negativas.

— Mas que ha de positivo, que poderei eu dizer aos leitores da *Farça*?

— Socegue-os: o que não se pode remediar remediado está e todos iremos *quando a morte vier*.

— V. Ex.<sup>a</sup> illude com gracejos o fim da minha entrevista. Peço-lhe que me fale verdade, francamente! Nós morremos? Do cometa? V. Ex.<sup>a</sup> podia dar numa conferencia, em nome da faculdade, os resultados das suas observações?

— Para quê? Tivesse eu a certeza de que todos morriamos, não teria a crueldade de avisar ninguém. Para morrer todos os momentos são bons. Ora, adeus!

Despediu-se. E deante daquelle homem sphyngico, resignei-me esperar o perigo philosophicamente.

O cometa! o cometa!

janeiro 1910

## ANTHERO DA VEIGA

*Verbo incarnado da canção popular*



Toda a indole da Raça  
No seu canto perpassa:

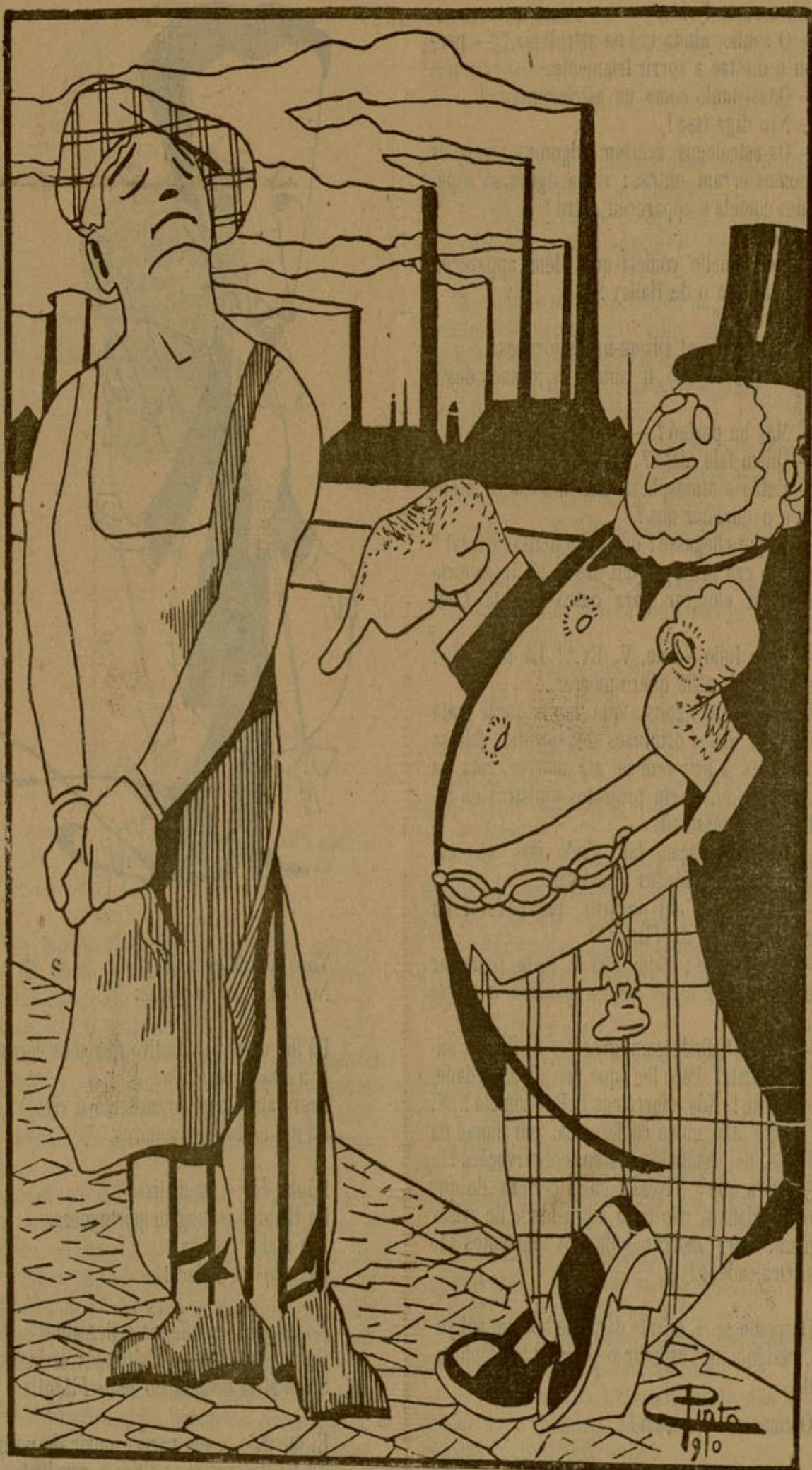
Dá-lhe o Povo o motivo dos seus côros  
E a sua Lyra altiva  
Dessa alma popular ardente e viva  
Dá-me os brádos sonóros.

Dá-me côr e os matizes  
Da limpida paisagem portugêsa:  
E a maior belleza  
De todos os Paizes!

No estudo dos effeitos e descantes  
Como esses velhos Rhápsodos errantes,  
Sua Patria levanta do *mau Fado!*

E, ouvindo-o, me parece ouvir de novo  
Na Fé de erguer-se altivo e revoltado  
O grande sentimento deste Povo.

# A lucta eleitoral inglêsa



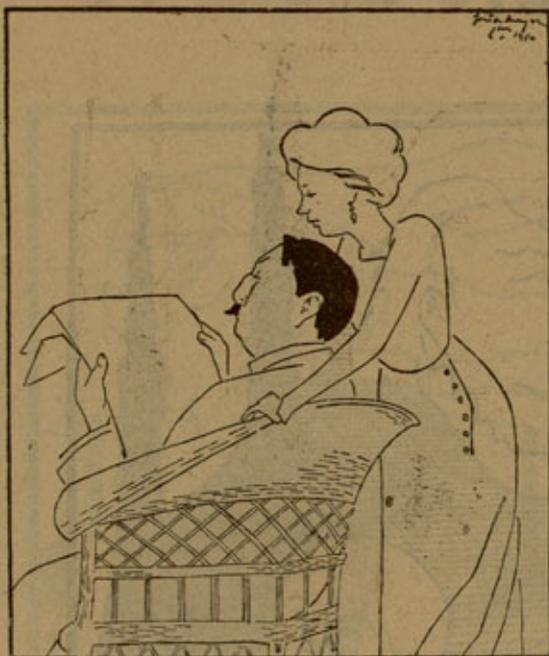
- O nosso oiro tem muito pêso!
- A nossa vontade tem muita força!

# Hamlet



Ser ou não ser: eis a questão

## Boletim elegante



— . . . ( lendo ) . . . Na corbeille da noiva  
viam-se prendas de subido valor: um estojo  
a coiro da Russia e prata com espelho e  
pente para o bigode . . .

### AS OPINIÕES DO MEU VISINHO

Eu móro n'uma hospedaria. E' inutil explicar as razões do facto Certo é porem, que, ha já uns annos, vivo modestamente no segundo andar d'um predio d'azulejo, n'uma rua escondida da cidade, onde não passam trens, não se houve o tilintar agudo das campainhas dos electricos, e só a espaços, nas tardes somnolentas e calmas, quando gatos sonham ao sol estendidos nos passeios, o som dolente d'uma gaita d'amolador ou o pregão nostalgico e longiquo do homem dos *abat-jours* põe uma palpação de vida na paz amodorrada do bairro.

Gosto d'aquella serenidade. O meu quarto tem uma janella larga d'onde se vê o rio. A casaria branca da Graça e do Monte, estende-se docemente em amphitheatro a meus pés, até se confundir mais longe, com a massa pesada dos barções da alfandega.

De baixo vem o ruido indistincto e vago do movimento e da vida das ruas; e é grato a meus filhós e á minha alma, nos dias de muito sol e muita côr, sentar-me n'uma grande cadeira de verga, em frente da janella aberta, olhando adormecidamente a tremulina azul do calôr nos montes da Outra-Banda, o vôo lento e branco das gaivotas, as velas de faluas que passam devagar

n'uma esteira luminosa de espuma e o penacho de fumo do vapor de Cacilhas.

E, se nesse momento, oiço as quatro notas doces do *amolla-facas* ou a nostalgica voz do pregoeiro, então cerro os olhos de todo e continuo a ver o ceu azul, o rio azul, as gaivotas brancas e as velas brancas das faluas, paradas e frescas.

Até que, já farto das côres constitucionaes, acórdo quasi sempre á hora do jantar e lá vou para a mesa palestrar com os meus companheiros de casa.

São sete cavalheiros muito agradaveis que estão sempre de accordo até em serem todos sete nutridos.

Todos os dias, á hora do jantar, inquirem carinhosamente das saudes respectivas, sentam-se com um sorriso satisfeito, desdobram os guardanapos brancos lentamente, mechem a sopa com a ponta da colher para esfriar e comem na em silencio. Depois conversam com methodo e com sobriedade.

Não teem politica e leem todos o *Diario de Noticias*.

Ora eu estou á direita d'um baixinho, gordinho e sorridente como os outros seis. De principio, nos primeiros tempos do meu ingresso no convivio de tão honestas pessoas, eu distingui o meu visinho dos restantes companheiros de mesa.

Era gordo como os outros, amavel como os outros, mas tinha um *não sei qué* de diferente na expressão fina dos seus olhinhos pretos e brilhantes e sobretudo interessava se pouco com os assumptos que despertavam a attenção commum. Tentei entabolar uma conversa que me permitisse sondá-lo, mas encontrei pela minha frente a impenetrabilidade dos sorrisos e das boas maneiras e, a pouco e pouco, fui esquecendo o meu interesse particular por elle.

Até que, ha poucos dias, eu tive occasião de, por um d'estes casos imprevistos, travar mais intimo conhecimento com esse extraordinario homem que come sopa a meu lado ha perto de dois annos.

Eu tinha lido nos jornaes a historia d'uma princeza que fugira ao marido, tinha filhas já mulheres e por isso não tinha direito nenhum de fazer coisas d'essas.

E, como se dê o caso de eu ser muito demagogico, não gostar de princezas que fogem com esses cavalheiros que eu não conheço, succedeu que, n'esse dia, á sobremeza, zanguiei-me immenso e aproveitei a occasião para dizer mal das meninas ricas. Fiz um grande discurso.

Fallei da educação mal orientada das mulheres da cidade, do meio artificial em que vivem, da falta absoluta das mais elementares noções do que eu chamava indignado «uma verdadeira e sã moral». Fui muito inconveniente e chamei ás senhoras *manequins walsistas*.

E, como os meus ouvintes eram todos provincianos eu passei a louvar a provincia. Disse a

simplicidade dos costumes, a pureza d'alma dos meios rudes, a ingenuidade, a bondade sincera da mulher que vive retirada dos grandes centros e que, concluía eu com convicção: «é a unica capaz de fazer a felicidade, d'um homem que a escolha para companheira da sua vida». Fui muito apoiado e um dos meus amigos natural da Beira Baixa declarou commovido que eu lhe tinha tocado o coração.

E, foi então, quando eu gozava o meu triumpho e a certeza grata da minha eloquencia, que o meu visinho da esquerda se me debruçou sobre o hombro e me segredou:

— O cavalheiro não pensa o que diz. Deixe-os sahir que eu lhe ponho essa psychologia a direito.

Entupi. Aquelle homem era um psychologo!

Esperei ansioso que todos saíssem e quando me achei sozinho, em frente d'elle, apurei os ouvidos, para melhor entender as coisas reveladoras que do seu labio esperava.

Elle então começou:

— O meu amigo é muito novo e eu tenho reparado que, ainda por cima, gosta de versos, e, o que é peor, fá-los e, o que é ainda muito peor, publica-os porque eu já li.

Confesso que fiquei chocado. Elle continuou imperturbavel:

— D'ahi, o eu não me admirar do seu enthusiasmo pela provincia. Mas, como sympathiso consigo quero dizer-lhe algumas verdades. O senhor não conhece a provincia. O que o senhor vê na vida do campo é só o lado lyrico. O senhor, por exemplo, não comprehende uma paisagem á tarde, sem o toque das Ave Marias nos sinos das aldeias e o regresso ao lar do cavador cansado.

E o meu interlocutor sorria. Eu sorri tambem, e elle, notando-o, disse logo

— E' assim mesmo que o senhor diz nos versos, que eu sei. A rustica simplicidade, a fé, a pureza de coração e mais o aldeão ingenuo de mãos callosas e alma boa e mais isto e mais aquillo... Ora, diga-me cá: o senhor pensa em ser advogado, não?

— E' facto, respondi eu

— Pois então permita Deus que o senhor um dia, numa questão qualquer, não tenha que se defrontar com um desses cavalheiros e mais com a sua simplicidade. E' d'arrazar, meu caro amigo! A facundia e a velhacaria celebre de Ulysses, o fabuloso velhaco, ficam a perder de vista diante d'aquelle sujeito sorna, que torce o barrete, que não olha direito, que repisa as palavras mil vezes e que o trata por *Sua-Excelencia*. Isto não que diz respeito é simplicidade. Agora o desinteresse. Esse figurão que o senhor alli vê é ladrão como milho, é ratinhador e é d'um egoismo feroz... Por uma questão de partilhas, o nosso amigo insulta a mãe, diffama as irmãs e era capaz de pôr as tripas ao sol ao proprio Christo se elle apparecesse a contestar-lhe a herança. Numa aldeia do Ribatejo, já eu vi, um irmão matar outro, á

bordoáda, por causa duma questão que tivera a sua origem n'uma melancia. No que diz respeito ás mulheres, bem melhor do que eu o poderão informar os padres das aldeias e o innumeravel rebanho de filhos que assistem ao casamento dos paes, quando não é só ao das mães.

Eu estava furioso. Não me contive, gritei:

— Mas a culpa d'isso não é d'elles! E' a ignorancia, o estado de barbarie em que se encontram, mercê...

O meu visinho atalhou:

— Perdão, perdão! As coisas são o que são. Se fossem diferentes não eram assim. E' da Sabe-doria das Nações e já assim m'o ensinou um professor d'introdução que eu tive.

Fez uma pausa e proseguiu:

— E agora subamos na escala. Vamos á gente fina. A favor d'esses já não pode adduzir os argumentos que eu vejo estremecerem a sua bocca de rapaz entusiasta. Essa gente é *pseudo-civilizada*, essa gente tem dinheiro, tem mesmo quasi sempre muito dinheiro e podia ser decente se quizesse.

As senhoras vestem á moda, penteiam-se á moda, lêem jornaes e romances, têm enxaqueca e são hystericas. Quando se encontram, no passeio em tardes de musica beijam-se em ambas as faces como as elegantes da cidade. Duvida? Percorra a provincia, vá aos clubs das terras sertenejas em dias de *salsifré* e verá. O typo da provinciana de romance, da morgadinha de conto ha muito que passou á historia. A provincia macaqueia tudo e exagera tudo, ainda por cima. A mulher da provincia tem hoje todos os defeitos da mulher da cidade, sem nenhuma das suas qualidades: nem a graça, nem o requinte, nem a gentileza. A donzella da villa, se não é estúpida, quando o meu amigo lhe dirige a palavra falla-lhe ridiculamente em Camillo, em Julio Diniz e muitas vezes vae mais longe e diz coisas horrorosas sobre Lamartine! Ah! meu amigo: *Le monde marche...*

Eu estoirava d'espanto. Que homem que era o meu visinho!

— E o que lhe succede a si? continuou elle ás grandes passadas pela casa. Como está de boa fé, o meu amigo põe se logo a sonhar delicias e a idealisar uma creatura adoravel n'aquella provinciana cheia d'escola e mais pratica que o senhor. Ella tambem sabe ser modesta e timida. Representa bem porque desde muito pequena apendeu a fingir, a enganar, com tanta maior perfeição quanto o meio é mais restricto e os actores se conhecem uns aos outros. Conhece a vida lindamente, creia. A ingenuidade perdeu-a cedo na atmospheria d'intriga da terra pequena. Tem ouvido todos dizerem mal uns dos outros pelas costas a abraçarem-se volvidos instantes. D'ahi veiu lhe a noção de que a vida era uma comedia que era preciso representar constantemente e onde a fortuna é de quem for melhor actor.

E' com esta noção que se prepara para arran-

jar marido! Antes de chegar á idade propria, para se distrahir da monotonia da existencia, começa a comedia do amor. Namora. O namoro é a sua distracção, o seu theatro, o seu baile. Os paes empurram porque receiam vê-las ficar solteiras. Namoram tudo! velhos, novos, amanuenses e segundos-sargentos. Em pouco tempo está desqualificada e não ha um homem serio que a queira para mulher. Em compensação, aos dezoito annos, ahí tem o meu amigo uma madame de Sévigné com erros d'orthographia, uma Soror Marianna sem os inconvenientes do habito e da grade conventual. E como não acreditar numa ingenuidade que escreve coração com s! Ah! idealistas, cautella com a provinciana!

O meu visinho desconcertava-me; eu quiz arrasal-o e disse-lhe ironico:

— O meu visinho, na sua mocidade, teve naturalmente, alguma desilusão na provincia?

O homem recuou varado. Fez-se pallido, poz os olhos no chão e tornou, depois duma grande pausa:

— Tive. Tinha eu vinte annos. Ella dezoito. Foi em Freixo-de-Espada-á-Cinta! Eu andava a estudar latim em Lisboa e via a até nas folhas do Dicionario. Ia lá todos os mezes e nas ferias. Fui lá dois annos a seguir. Da ultima vez não a encontrei no sitio do costume. Vi um trem á porta da casa da familia. Perguntei quem era. Disse-ram-me que era... a parteira. Casaram-n'a. Vive feliz. Eu deixei o latim e fizme amanuense. Ganho hoje oito tostões por dia.

Pegou no chapéu e na bengala e saiu sem me dizer mais nada.

\* \* \*

Decididamente mudo de casa. O meu visinho escangalhou-me os nervos.

1904.

RAMADA CURTO

## PHILOSOPHIAS

Fabricas, silvos, vapor, fumo — carvão! E' impossivel que a felicidade da especie dependa de tais atentados contra a serenidade das coisas. Que inhospita é uma fabrica com as suas dependencias!

A vegetação morre, as arvores enegrecem. As fachadas longas, rigidas, monotonas tem uma catadura implacavel. Adivinha-se instinctivamente que anda lá dentro a activar aquillo tudo um homensinho pançudo, de testa rispida, de duplo cachaço, de opaco olhar.

Uma fabrica é muito mais antipathica do que um convento. Ambos são monstruosidades de architectura que denunciam monstruosidades sociaes.

Mas o convento é silencioso e a fabrica estridente. Ambos são egoistas, mas o convento é a renuncia, e a fabrica a exploração do mundo.

O convento é um monstro, mas um monstro inoffensivo; bom até. E' como um mastodonte com alma de andorinha.

Ambos são desequilibrios, mas o convento pensa, a fabrica digere. Cada um representa a sua epocha: — o convento é o cerebro, a fabrica o estomago. O convento é um cerebro paralytico, a fabrica um estomago desenfreado.

O convento óra, murmura, sonha... Repelle os homens mas ama a natureza. Abrigados dos seus muros tornam-se seculares os cedros augustos. No repouso das suas cêrcas, no fundo das alamedas de mirto, os loureiros curvam-se amorosamente sobre as escondidas fontes balbuciantes...

E a fabrica, com o seu habito negro, mirra em volta toda a verdura como um truculento dragão mythologico.

O convento deixa crescer em torno os ramos veneraveis porque ama as sombras meditativas; mas a fabrica com suas mãos de ferro vai tritando as florestas porque precisa de fogo.

Monumentos harmoniosos, equilibrados só os podem levantar as civilizações equilibradas. Esses são filhos da alliança serena e consciente do homem com a terra; exemplo: o *Parthenon*.

Para quem delle estão todas as aberrações architectonicas desde os templos egypcios, taciturnos como elephantes, até ao Escurial, enigmatico como uma prisão, até ao convento de Mafra, petreo e pomposo como o orgulho de um pharaó.

Mas depois das columnatas de Karnak, depois do Escurial, depois do convento de Mafra surgiu a fabrica.

Na historia dos monstros architectonicos a fabrica é a mais phantastica aberração, e se um dia se formar com os seculos uma mythologia da nossa civilização, como é de crer, as fabricas serão representadas de certo na tradição dos nossos distantissimos descendentes como titanicos *Minotauros* furibundos.

Ha-de-se falar, lá para os seculos em que nós fôrmos o que hoje é Troia, ha-de-se falar nuns tremebundos colossos cuja bocca sempre escancarada devorava multidões. Ha-de-se contar das suas furiosas cabelleiras negras, dos seus silvos apavorantes, ao rugido das suas insaciaveis entranhas de ferro.

Ha-de-se ouvir no fundo dos seculos o brado das reclamações operarias transmittido e transformado de geração em geração, ha-de-se ouvir lá no fundo com o grito sanguinolento das victimas nos dentes dos colossos.

E as gentes de então lamentarão a nossa miseria e pensarão ainda atemorizados em como a terra era inhospita nestas edades; e os sabios deduzirão da corpulencia dos monstros a pujança

dos vegetaes e demonstrarão que nós viviamos no fundo das cavernas e nos sustentavamos de maça vèrde.

E expostas nos museus das futuras cidades entre pedaços de mausoleus derrocados, as nossas carcassas sentir se-hão vexadas quando um *doctor* dizendo: aqui temos, meus senhores, um contemporaneo da *Fabricotodonte*. . . Seremos vilipendiados, e para realce das civilizações futuras os conferentes hão-de exhibir-nos no recesso das florestas balouçando de ramo em ramo a nossa dignidade de hyper-civilisados.

Effectivamente os sabios poderão dizer quanto quizerem: o esqueleto é traçoeiro e falso. O cadaver é ainda enigmatico — impõe-se. Mas o esqueleto é ridiculo. O esqueleto patenteia-nos, desnuda-nos. Só nos devemos considerar verdadeiramente nus depois de despojados da carne. Com carne somos uma esphinge, um semi-deus. Sem carne somos uma armação desarticulada e anonyma que poderia ter voado ou rastejado. Somos um carcassa burlesca que toma todas as posições e todas as formas. Somos um arlequim macabro que rompe debaixo da carne como um farçante debaixo da mascara esboçando um sorriso de eterna ironia ao aprumo da nossa columna.

Carne e osso estão em contradicção. O osso é a desconsideração, o desmentido, o insulto da carne. A carne diz — sim, o osso diz — não. A carne ri, palpita, canta, chora; o osso dorme.

A carne é o polo do osso. Dêmos preferência á primeira e pertenceremos a uma civilização, dêmo-la ao segundo e pertenceremos a outra. A civilização é uma autopsia. O homem amodorrou quando considerou o seu esqueleto.

A Grecia é a fabrica será no futuro com o seu rugido apocalypico a cumplice mais perigosa do nosso esqueleto sempre selvagem e impassivel.



MANUEL EUGENIO

## A Academia & o Centenario de Herculano

Ao sopro da fama



*Vates de crinas ovantes,  
Immortaes de pés cambados!  
Hoje são centenariantes  
Amanhã centenariados.*



# A PROSAPIA

E' verdadeiramente o que se pode chamar — *a fructa do tempo*.

Não está sujeita à chronologia.

A seiva anima esta *planta* em qualquer das quatro estações do anno, e assim, floresce sempre, dá fructo sempre, e, como herva ruim, nem é estiolada pelas geadas do inverno, nem crestada pelas ardencias do sol de verão.

Por isso lhe chamamos *a fructa do tempo*, á falta de melhor symbolo.

A Prosapia anda alli a *flanar* na loja do F . .

Passou agora mesmo n'aquella praça . . .

Está ali dentro do gremio . . .

E na casa do . . .

Todos os dias dá os seus passeios, á tarde, e vem depois *dar fundo* na pharmacia do largo da . . .

Vae aos bailes . . .

Vae aos theatros . . .

E' fructo que até se deita e não está bem averiguado se resona.

Sabe-se que sonha; e sobretudo que ronca

Dá saltos como qualquer péla de borracha; cambalhotas como qualquer gafanhoto, e, sempre com a mesma disposição de alegria e jactancia (qualidades estranhas em fructas . . .) *ella* procura impor-se a si mesmo, o que afinal equivale dizer que procura impor-se aos outros.

Toda a gente é ministro!

Toda a gente é magistrado!

Toda a gente é medico!

Toda a gente é engenheiro!

Toda a gente é jornalista!

Toda a gente é um musico!

Toda a gente é um doutor!

A prosapia censura tudo; prevê o imprevisto; conhece o desconhecido; pondera o imponderavel; stigmatizando o que os outros fazem e não o faz melhor.

A Prosapia!

E' peor este fructo do que a maçã de Adão.

N'esse ainda houve um não sei quê de bom.

Na Prosapia não ha nada que se aproveite.

Talvez a unica causa bôa que tenha produzido seja o dar-me ensejo á applicação d'esta *côça*.

Não seja, porém, isto bater em mim mesmo . . .

Ah! Thackeray, Thackeray, tu é que nos comprehendes!

Tu é que nos sabes avaliar, porque sômos talvez um producto da tua imaginação — convertido na realidade da tua observação.

Mas . . .

Que ao menos tenhamos tambem um pouco de bom, como a maçã do Paraizo, — que ao menos nos saibâmos conhecer, que saibâmos ao menos conhecer os outros!

E no intimo — já que o mal é epidemia — que nós tenhamos uma Prosapia, sim, mas com qualquer quê de bom . . .

Thackeray . . . Thackeray!

—O que vae lá pela outra vida ?! . . .



ANTHERO DA VEIGA

## Concerto Aussenac

Mlle. Marie-Antoinette Aussenac, a grande pianista que Lisboa acaba de admirar surprehendidamente, vem a Coimbra dar um concerto. E, escusado é dizê-lo, o concerto Aussenac vai constituir um altíssimo acontecimento artístico, como aqui foi já previsto.

O seu programma é uma linha structural perfeita e límpida, desde a curva larga e vasta de Bach, alargando-se e elevando-se á alma profunda de Beethoven, á graça e ao encanto dos francezes de hoje, ao impressionismo espirituoso de Debussy; e entre os dois, aquelle requintado e profundo producto da *génération ardente, pâle et nerveuse* de que falla Musset, — Chopin.

Vianna da Motta, referindo palavras de Busoni e d'Albert, julga-a o mais completo temperamento que tem conhecido, e Antonio Arroyo, falando dum dos seus ultimos concertos, declára que Mlle. Aussenac conseguiu elevar, numa «genial intuição ao character, ás épocas, á patria das mais diversas paginas musicas» e achar-lhe expressão.

E quando Vianna da Motta e Antonio Arroyo têm taes palavras para um artista, ha o direito de esperar d'elle — simplesmente tudo.

## Pela gloria de Mimi-Aguglia

Alguem que não sabia traduzir a sua admiração pela genial artista, lembrou-se de recolher as impressões dos mais robustos talentos da nossa terra.

Assim nascêram essas syntheses luminosas... Ah! pode-se dizê-lo com orgulho: Se Portugal não produz artistas como Mimi-Aguglia, tem excepcionaes talentos que a comprehendem, que a sentem fortemente.

Decididamente este abençoado torrão não pôde ser riscado do mappa das nações...

E não.

*De Veiga Simões:*

Mimi é extraordinaria! é a realidade hysterical! Mulher assombrosa, dominadora...

Eu já vi algures uma mulher assim...

Ah! já sei... foi no Capitolio ha dois mil annos...

*De Alberto de Monsaraç:*

Senhora Mimi... Senhora Mimi Aguglia... Vociencia com certeza já praticou nos hospitaes...

*De Antonio de Monforte:*

O' minha senhora, com aquella sinceridade rude de alemtejano que me caracteriza, e com auctoridade porque tambem sinto dentro de mim a chama sagrada, digo-lhe que nunca vi melhor. Nem a Palmyra Bastos...

*De H. Raposo:*

Extraordinaria e genial mulher!

Bello motivo para uma chronica no *Diario*. Mas não sei, não sei o que hei-de dizer. Tanta

interjeição que se riem e não me comprehendem...

Nada, toca a trabalhar e hei-de produzir critica original. Ah! se Aguglia tem talento encontrou-me a mim que a comprehendí...

Positivamente tenho talento...

*De Orlando Marçal:*

Mirifica, lapidaria... talvez melhor que Herculano... Mas... desconhecendo Ibsen e imitando a Sarah... como de resto lhe fiz sentir... De resto Mimi, muito bem...

*De Agnello Casimiro.*

Ah! bem, bem... com algumas falhas corrigiveis, é claro... Principia agora...

*De Rocha Brito:*

Mimi Aguglia é uma acrobata de sensações... (o proprio diz acrobata)

*De José Luiz d'Almeida:*

Que pena a mulher não ter setenta annos e ser portuguesa, para daqui a trinta celebrar o centenário...

Vejo-me na Academia:

Meus senhores: Artistas como Mimi Aguglia, levantam tanto esta desgraçada terra digna de melhores dias, como Vasco da Gama descobrindo o maritimo para a India...

*De Aarão de Lacerda:*

Ando estafado, extenuado... por ella faria tudo... deixaria a minha amada...

*De Lebre e Lima:*

Ah! Mimi Aguglia, dava-ma toda...

*De um moço muito encantador, bem educado e prendado:*

Nunca gostei tanto d'arte... Nada, nem mesmo nas festas memoraveis *chez mamam*...

*De D. José d'Almeida:*

Optima! Puxava-lhe ao carro...

*De Luiz Braga:*

Lucida e deliciosa ideia do meu glorioso titi... Mouras para dois!

Estou doído, fujo, vou atraz della. Mimi... Mimi Aguglia... Como dizia Diderot...

*Da massa anonyma no final da Malia:*

— Ouve lá: qual era a Aguglia?

— A Jana.

— Mas essa não era a mais bem vestida.

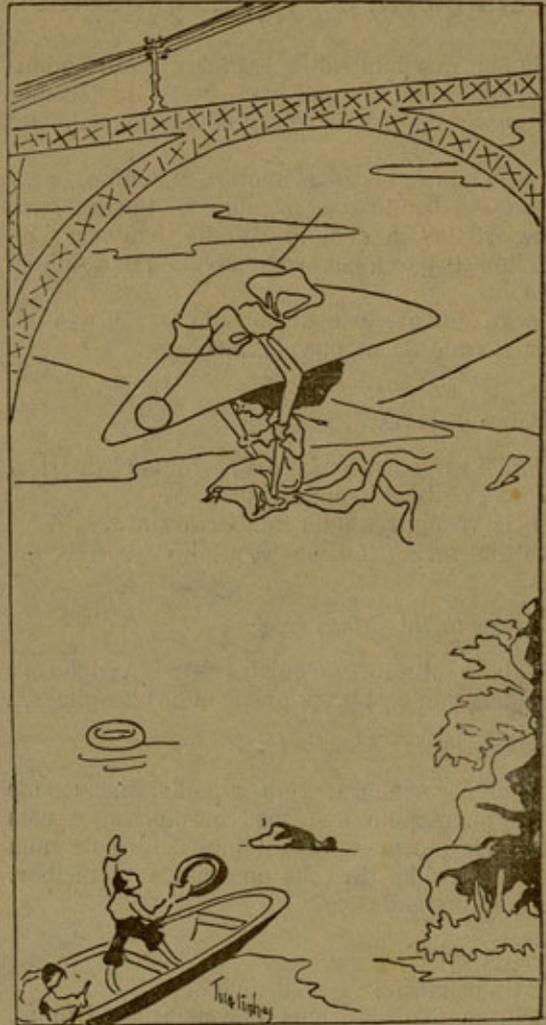
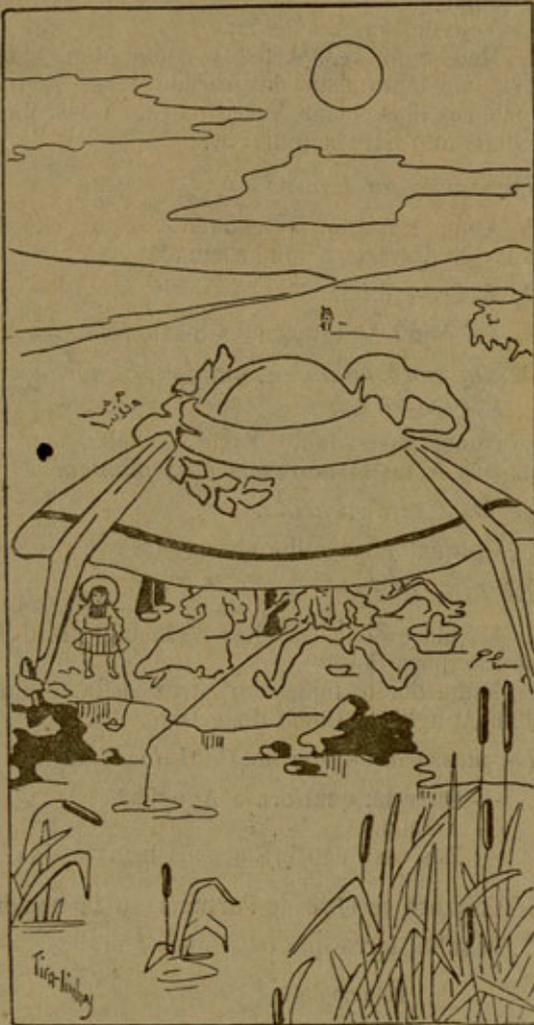
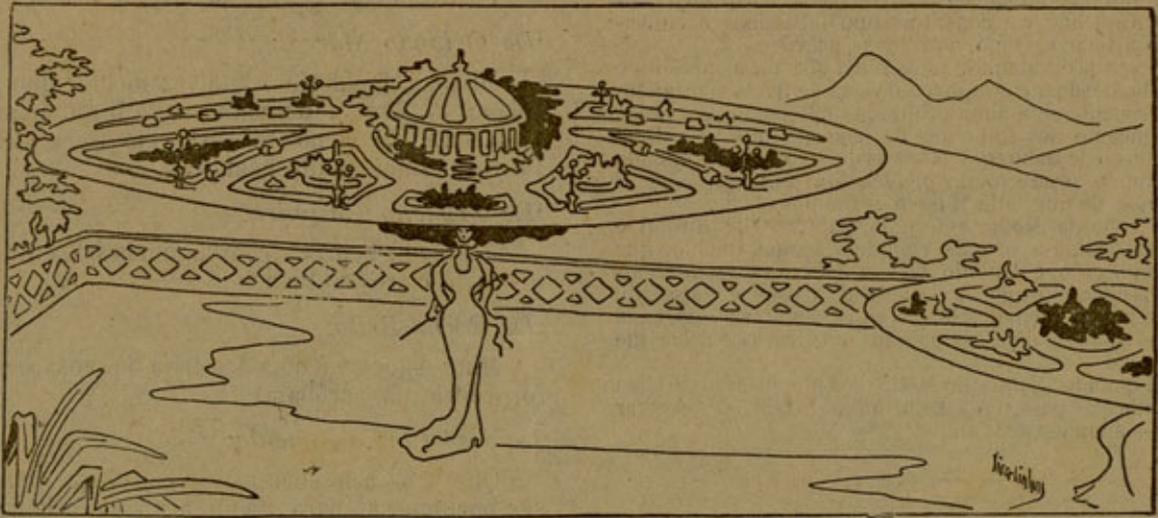
Coimbra cerebro de Portugal, eu te bemdigo!

Bem dita terra que taes filhos tem...

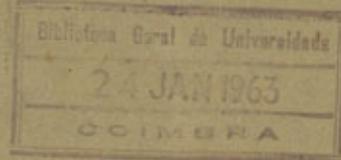
Pela copia,

ANTONIO NOGUEIRA

# Os chapéus da Moda



Jardins suspensos ; — Chapéu de família ; — Pára-quédas.



# PAPELARIA BORGES

Coimbra

CASA EDITORA DE BILHETES POSTAES  
ILLUSTRADOS

## Apparelhos e mais material para photographia

Para os Ex.<sup>mos</sup> Academicos faz preços  
excepcionaes nos grupos de cursos e em  
retratos que se encarrega de mandar re-  
produzir na Allemanha.

N. B. — *Ha já grande numero de assi-  
gnaturas para encommendas; e pode for-  
necer amostras de algumas, executadas  
com a maxima perfeição.*

## Pastelaria e Confeitaria Telles

Fabricação esmerada de finos doces  
de ovos, e de fructa de todas as qualida-  
des, em seccos, crystalisados e em calda.

VARIADA PASTELARIA EM TODOS OS GENEROS

Pudings de diversas qualidades, Pão  
de ló pelo systema de Margaride, Galan-  
tines diversas, Patés Saucisses.

Vinhos, Cognacs, Champagnes e Licores finos  
das principaes marcas

Cartonagens, Amendoas, Chocolates,  
Bombons, Drops, Queijos, Chás  
e artigos de novidade.

Unica casa que vende a finissima manteiga da  
**QUINTA DE FONTELLO** — Paços de Ferreira e os  
deliciosos rebuçados de fructas especialidade da  
Padaria **FARIA** do Porto.

150, Rua Ferreira Borges, 156 — COIMBRA

Telephone n.º 23



## Grandes Armazens do Chiado

E' o estabelecimento que  
melhor e mais barato  
vende em

Coimbra

Rua Ferreira Borges



## A Elegancia de Coimbra

SAPATARIA DE

**MANUEL TEIXEIRA**

Rua Infante D. Augusto, 6 a 14

Esta casa, conhecida em todo o Paiz,  
não recomenda o seu fabrico.

DROGARIA VILAÇA

COIMBRA

Completo sortido de drogas, productos chimicos  
e pharmaceuticos.

Fornecimento para pharmacias e laboratorios.

LOUIS FONTAINE

*Accordeur diplomé de la Maison Pleyel de Paris*

Pianos, afinações, concertos

VENDAS E COMMISSÕES

Provisoriamente

28 Rua Sá da Bandeira, 28 — COIMBRA

# Grandes Armazens de Lisboa

11, AVENIDA NAVARRO, 31

Entrada pela Couraça da Estrella, 2

PREDIO TODO

COIMBRA

© mais vasto estabelecimento da provincia, com as mais sortidas secções de modas, chapéus, confecções, lanifícios, fanqueiro, retrozeiro, perfumarias, estofador e brinquedos. Ateliers de chapéus, modista e alfaiate.

SORTIDO MONSTRO.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Um dia por mez

FAZENDAS DE GRAÇA!

Pedir instrucções nos

**GRANDES ARMAZENS DE LISBOA**

## LIVRARIA MODERNA

A. GONÇALVES CUNHA

25 — Marco da Feira — 25

COIMBRA

Livros portuguezes e estrangeiros sobre todas as materias, **novos e usados com grandes abatimentos.**

Revistas, jornaes, illustrações. Musicas. Cordas e outros pertences para instrumentos. Papelaria. Bilhetes de visita. Postaes illustrados. Encadernações. Gravuras. Sellos para collecções. Tabacos. Perfumarias.

Compram-se quaesquer livros em grandes ou pequenas quantidades.

## ALFAIATARIA E CAMISARIA

Francisco M. de Sousa Nazareth e F.º

20 — Rua Ferreira Borges — 24

COIMBRA

Completo e variado sortido de case-miras para fatos e sobretudos, luvas col-larinhos, gravatas, suspensorios, ligas de camurça, cache-col em seda, veludo e lã. Camisas brancas e de côr.

Agencia da Companhia de Seguros Bonança, a mais poderosa e antiga de Portugal.

## GRANDE CAFÉ CONCERTO

Antigo café MARQUES PINTO

PROPRIETARIO

Manuel J. Telles

Praça do Commercio

COIMBRA



# PARQUE

50 réis

Coimbra, 13 de março de 1910

# A FARÇA

Quinzenario illustrado

Numero | Portugal — 50 reis  
 avulso | Brazil — 400 reis (moeda fraca)

## ASSIGNATURA

(Por serie de 12 numeros)

Portugal e colonias . . . . . 600 reis  
 Brazil . . . . . (moeda fraca) 35800 "  
 Estrangeiro . . . . . 5 francs

## F. França & Armenio Amado

(LIVREIROS-EDITORES)

Rua Ferrelra Borges, 77 a 81 — ARCO D'ALMEDINA, 2 e 4

COIMBRA



Assignaturas para todos os jornaes e Revistas nacionaes e estrangeiras — Impressos e livros escolares — Encadernações e artigos de papelaria — Jornaes de Modas — Todos os livros approvados para instrucção primaria, para os Lyceus, Escolas Normaes. — Escola Agricola — Escola de Pharmacia — Faculdade de Medicina e Universidade. Recebem-se, apenas publicadas, todas as novidades mais importantes nacionaes e estrangeiras.

Execução rapida de encomendas

## Photographia Conimbricense

— José Maria dos Santos —

COIMBRA — Avenida Nayarro, 2

Retratos em todos os formatos até tamanho natural, pelos processos mais modernos. Vistas de Coimbra, Bussaco e Batalha. Encarrega se de todos os trabalhos forado atelier.

## ANNUNCIOS

	Em um só numero	Por serie de 12 numeros
1 pagina . . . . .	35000 reis	255000
1/2 " . . . . .	15800 "	155000
1/4 " . . . . .	15000 "	105000
1/5 " . . . . .	800 "	85000
1/8 " . . . . .	600 "	55000
1/10 " . . . . .	450 "	45000
1/16 " . . . . .	350 "	35000

Tiragem 3:000 exemplares

Representante exclusivo em Lisboa:

O SR. Arthur Metrass Campos,

administrador de "O Dia,"

80—RUA GABRET—1º

Vão ser expedidos pelo correio os recibos correspondentes à primeira serie d'A Farça.

A remessa dos primeiros numeros foi por vezes feita atrapalhadamente, devido a circumstancias de momento. Se porventura alguns dos nossos assignantes a quem vão ser apresentados os recibos, tenham soffrido alguma irregularidade na distribuição desses primeiros numeros, obsequieiam-nos satisfazendo a respectiva importancia e reclamando para a administração, donde promptamente lhe serão enviados os numeros que faltarem.

## MERCEARIA LUZITANA

— Gailto & Cannas

1, RUA DO CEGO, 7 — COIMBRA

Especialidade em

CHÁ, CAFÉ E VINHOS FINOS

Deposito dos vinhos da

Real Companhia Vinicola

e da

Associação da Bairrada

Materiaes de construcção

Agencia de Seguros. Transferencia de dinheiro

TELEPHONE, 8



Julio Ribeiro dos Santos  
 Proprietario e impressor

## TYP. LOUZANENSE

UMA DAS MAIS BEM MONTADAS, NA PROVINCIA, E ONDE SE EXECUTAM COM RAPIDEZ TODOS OS TRABALHOS TYPOGRAPHICOS.

IMPRESSOS

Para todas as repartições

Impressão de:

A Farça, Commercio da Louzã e d'O Poia-  
 rense.

Anno I

N.º 5

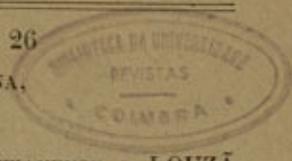
# A FARÇA

COIMBRA, 13 DE MARÇO DE 1910

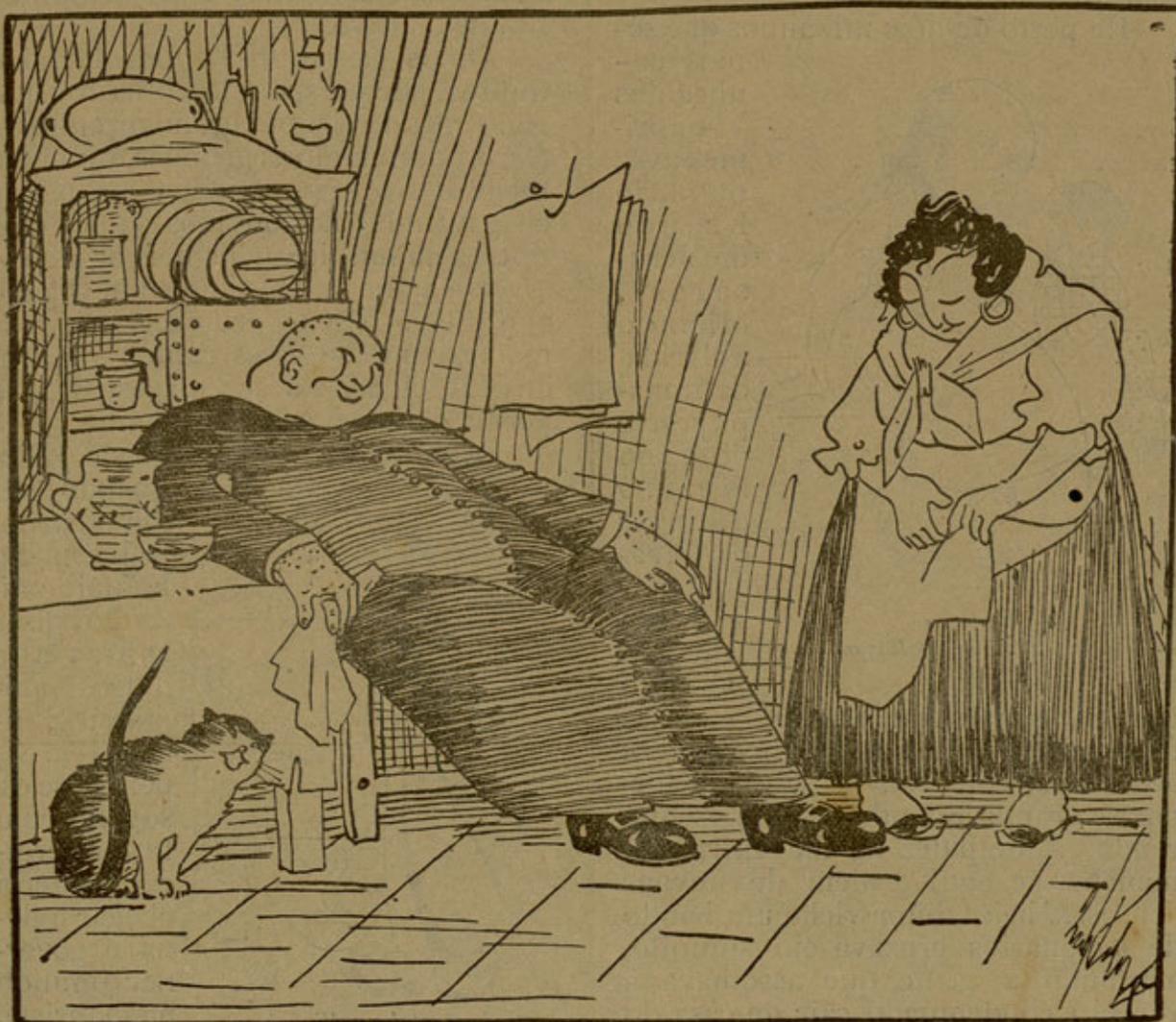
Director artistico — *Luiz Filipe*  
Direcção litteraria de *Veiga Simões*  
Proprietario, *Thomaz d'Alvim*  
Administradores, *F. França & Arnenio Amado*  
Livreiros-editores

Redacção — RUA DE SUB-RIPAS, 26  
Administração — ARCO D'ALMEDINA,  
Composição e Impressão,

TYPOGRAPHIA LOUZANENSE — LOUZÃ



## JEJUM



— . . . Mas agora estamos na Quaresma . . .  
— E' o mesmo, filha; tu és um bom peixe.

# Chronica

E depois de tres vezes  
o ter negado, cantou o gallo.

Aquelle gallo que os senhores vêem no primeiro acto do *Chanteclèr*, sobre o muro da capoeira, soltando um *Cô* indolente e extaziado ao sol vibrante, tem uma historia antiga.

Ha perto de dois mil annos que sô-



No tempo  
em que os animaes fallavam...

mos conhecidos Vi-o a primeira vez num atrio branco de Jerusalem, olhando a claridade transparente do dia no mesmo o l h a r quadrado. Aquelle pobre gallo, perdido num terraço, a namorar a sombra fresca da arvore fronteira onde um velho se acorava, começou nesse dia a tornar-se grande, quando o sol ia escurecendo. A limpidez do dia entrava a manchar-se aqui e alem de nuvens densas. A' beira duma viella um bando de legionarios cruzava em tumulto, afastando a gente que assomava a ver um condemnado sair de casa do

Procurador. E então o gallo enristou a crista, olhou curiosamente com seus olhos de angulo a multidão ruidosa e as lanças dos soldados, e soltou no ar cada vez mais denso o seu canto vibrante e altivo.

Annos passaram. Deviam ter sido muitos, porque quando voltei a ver o gallo encontrei-o maior, no orgulho do ferro, dominando as grimpas duma Cathedral. No vôo espiritual da pedra, chegavam-lhe aos ouvidos sons indistinctos da multidão dos fieis erguendo a voz e a alma no mesmo som. O gallo alevantava o seu aprumo, tornava-se maior, como se esses cantos viessem das consciencias á sua magestade, — e perdia a vista a seguir os ventos.

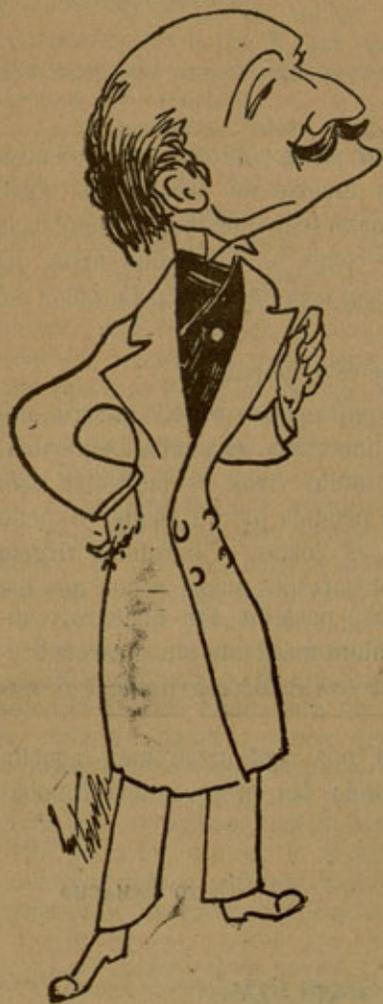
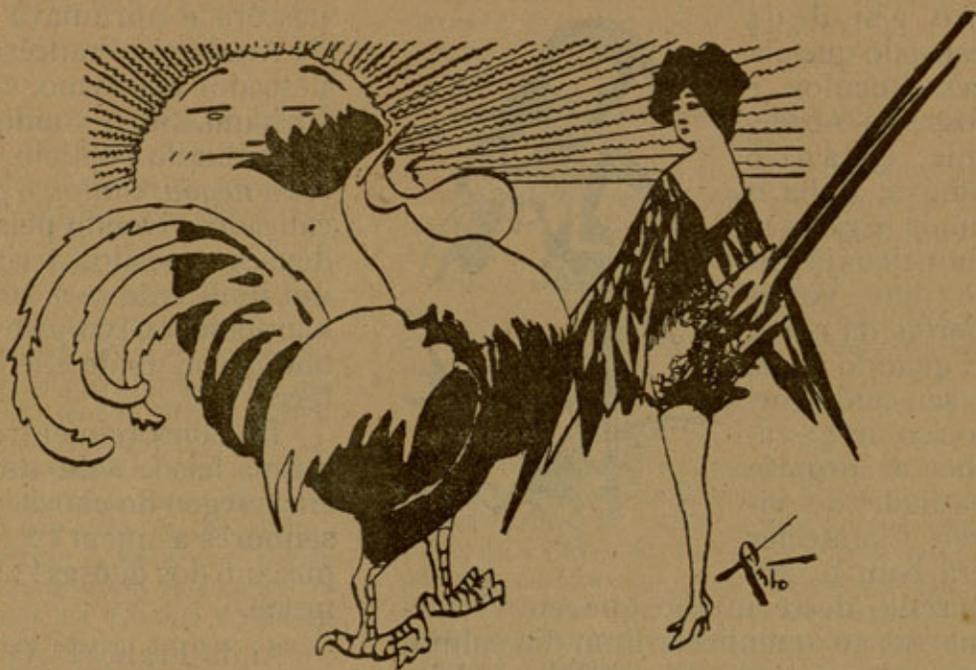
Eu tinha já saudades deste gallo, quando um dia o encontrei em La Fontaine dizendo coisas sabias aos outros animaes. E fiquei-me a pensar se esse gallo, com tanto crescer, poderia chegar a deus e governar o mundo na sua crista.

Eu tinha já saudades deste gallo,



Immortal e gallinheiro

Ora um dia no campo, como eu notasse o encolhido e rasteiro arrastar de aza duma gallinha procurando as companheiras, distingui no meio dellas um pequeno gallo a querer empavezar as pennas, na illusão de dominar o bando. De mim para mim considereei a decadencia desta grande raça dos gallos, que chegou a dominar o mundo, e o



crepusculo das nossas divindades

Assim eu lembrava saudosamente aquelle gallo antigo, quando, maior ainda, ovipassar a sua grandeza pelo muro da capoeira desse mesmo primeiro acto. Erguia a sua pata, distrahido naquelle mesmo gesto que eu surprehendera no pequeno gallo do campo, olhan-

do as gallinhas companheiras; e fallava ao sol, maravilhadamente, como um irmão. O seu corpo tornára-se maior; maior o seu orgulho; e as suas pennas, vibrantes de luz, nunca elle vira assim. Disse-me Mr. Rostand que elle era agora o espirito francês. Como no tempo de La Fontaine, esse gallo era sabio e grave; mas era agora propheta e vidente, erguendo no canto alacre uma epopeia. Esse gallo era mytho e tinha a sua mythologia. Creára um palacio, e como deus infinito amára.

Mas — ai delle — desde que se chamára *Chanteclér* nem amára como deus, nem amára como gallo. Era um deus muito gallo, e um gallo muito pouco deus. Fallava sempre em versos, como no tempo de La Fontaine; o seu canto vibrante, e vivo, e irregular, anavalhando o espaço, era rythmico, e monotono, e regular; amava como homem, e como gallo abria as azas para que nellas lhe caisse o corpo lindo da faisôa.

Comecei então a conhecer que este gallo-mytho, como todos os mythos usava de todos os meios para ainda viver. Este gallo-mytho afinal de contas fallava ao sol creador e renovador co-

mo um deus cançado que puzesse oculos e fosse da Academia. Quando amava, tinha o amor egoista dum deus já gasto, que vê as portas da noite. E quando vivia, o seu canto rhetorico negava-lhe a propria vontade de viver. Chanteclér era bem o crepusculo desse mytho que eu vi formar-se, ao amanhecer dum dia calmo, em certo terraço branco da Judeia. Mas esse velho, acororado sob a arvore fresca, aconchegando a tunica, rejuve-



nescêra e aprumava a sua farda rica da Academia Francêsa; o outro era um pescador anonymo, este chama-se Mr. Rostand. Só o condemnado não ia a caminho do suplicio. *De novo tres vezes o negou: cantou o gallo.* E este deus cançado, vivendo pela astucia como os deuses cançados, teria feito cruxificar um innocente se a Academia Francêsa não fosse o Olympo e a França a montanha azul onde elle se desprende da terra.

Do consorcio entre este velho deus e uma faisôa saiu um ovo. A França encarregou de chocar o ovo (sabem os senhores a quem? . . . O que é o crepusculo dos deuses! . . .) a Madame Simone.

Ai da França!—O ovo saiu chôco.

VEIGA SIMÕES

## AO DE LEVE . . .

— Compra-me esta cautelinha? . . .

Era uma garota dos seus dez annos, olhos negros muito vivos, os labiosinhos sem côr, ligeiramente dobrada para a frente, o peito quasi a tocar-lhe as costas, e uns farrapos sujos a mal cobrirem a virgindade daquellas carninhas emagrecidas, quasi tomadas pelo rigor do tempo, ao sol, ao frio, á chuva, *faisant l'artiste* por toda a parte, á meza dos cafés e á porta dos theatros, pelos bancos das praças e nos passeios das ruas.

— Compra-me uma cautelinha? . . .

O vicio sem atrações irresistiveis, e mais do que outro qualquer o jogo seria capaz de tentar um santo — se os santos não vivessem na plenitude do goso, perpetuamente em delicias. Mas para nós o jogo é qualquer coisa de pouco honesto e pouco esthetico; escandalisa a nossa moralidade burgueza, e fere a nossa sensibilidade artistica.

— Compra-me esta cautelinha? . . .

A loteria é o deboche apreguado pelas ruas,

e corta a alma ver essas pobres creanças entregando-se a essa especie de prostituição legal, oferecendo a riqueza sem trabalho, a abundancia sem canceiras — como se o trabalho fosse, na verdade, a condecoração de todos pela culpa só dalguns.

— Compra-me esta cautelinha? . . .

E como nos confrangesse aquella miseria, envolvendo tanta innocencia, ella então pequenina, os olhos negros, muito vivos, os labiositos sem côr, ligeiramente pendida para a frente, o peito quasi a tocar-lhe as costas, a carninha virgem mal escondida sob farrapos sujos, vendo que lhe estendia-mos a mão para lhe dar dinheiro, contrafazendo o focinhito macilento numa careta brejeira: — *Verá que tem a sorte grande; é o sessenta e nove . . .*

E então ainda nos confrangeu mais aquella miseria envolvendo tão precoce desvergonhamento.

BRITO CAMACHO



## Para o "Secretario dos Amantes,"

(uma futura edição) (1)

MIMI...

«Chego a casa ás 3 horas da manhã. Venho do Castelo, do jardim do Carmo, chego de correr todo o burgo. Porque nada ainda me causou tal impressão; nunca fui sacudido por semelhantes arrepios.

Não te admires que eu nada contasse do meu alvoroço. Ter chegado á tua cama em taes circumstancias de susto, foi obra (acredita-o) do diabo. Julguei sempre que estes atrevimentos fossem duma outra facilidade. Julguei-o, e foi isso o que me resolveu. Mas o diabo tece-as, Mimi; e o *Mysterioso*, o *Desconhecido*, o *Incognito*, não são apenas palavras, sómente palavras, que os typographos compõem e distribuem. Posso afirmar-te que são alguma coisa que anda no ar. D'ahi o ter vergado; e ter vergado ás mãos dum policia que eu não via... porque estava ás escuras.

Os caréas do baile do *Circulo Catholico* ferraram-m'a. Meia hora esperei eu que passassem, que se varressem da tua rua. Depois comprehendí que os saltos das minhas botas estavam demasiado madeira — que cantavam demasiado. Tomei o expediente de aplicar dois lenços aos calcanhares das botas. E esta operação, embora feita a rir, cre que me custou certos e esquesitos assomos de inquietação.

Amordaçados os saltos (rude empreza!...), dei a volta e tentei entrar na tenda como o *Cavaleiro Negro do Eurico*.

Tudo seria simples, mas lançar a mão da chave, introduzi-la, correl-a e forçar o monstro negro da tua porta, foi mais duro que a expectativa de trez annos de presidio em Angola. A porta abriu-se, todavia. Abriu-se, e eu cerrei-a. Mas a escuridão traiu-me, importunou-me os ouvidos num sussurro de tal ordem que o coração batia-me como aos effeitos de piramidão. Atordoado, bati inconscientemente numa cadeira, que resvalou e berrou. Deus meu!... Que destino amargo!... Lembrei-me das eventualidades da gataria, para me firmar nas pernas. E comecei a caminhar, pé ante pé, com os ouvidos atordoados como as serras duma fabrica de pentes; comecei a correr o fado do cavaleiro da *Triste Figura*.

Porem, as escadas jemiam, o setim do meu casacão marulhava, as fronte latejavam-me com a violencia terrivel duma hora de crime. No cimo do primeiro patamar — nos quartos abertos — dormiam a somno-solto as pessoas que sabes. Então veio-me o desejo de rir, um desejo e riso nervosos, que muito bem podiam denunciar-me. Mordi-me, para me conter. E á espera duma nova resolução, dum expediente mais afortunado, fui escutando e aturando os *apitos* e *graves* daquelle

somno animal: uma vez agudo, com motivos de clarinete, finissimo; outra, ou outras, com cavos profundos de trompa, solemne, quasi Herculano em musica.

Não valia esperar, embora as escadas jemessem. Corri, que era o expediente.

Ao entrar as portas do teu quarto — ó Venus — não me cabia uma palavra nos labios. Se fallasse seria para pedir que me deixassem ir para a rua livre de perigos. Meia hora — como viste — respirei sofregamente encostado ao toucadôr de mão no coração. Pensei na minha vida, mal te ouvi, tive vontades de chorar. Não se pode ser mais cavalgada!...

Depois.....

Estava queimada a segunda pagina da carta. Se a presente epistola se publica é para conhecimento e critica do estado porque correm estas coisas do coração, em Portugal. Nella se verá, a par dum curioso caso de psychologia amorosa, o ridiculo com que esses *Narcisos* das eclogas sobem desavergonhadamente até ás roupas brancas das *Márcias* confessadas a miudo.

Recomendo o caso á sagacidade psychologica do meu notavel amigo Camara Reys, e ponho a monstruosidade moral ao arbitrio dos padres da Companhia do mestre Ignacio.

A desassombrada maneira da minha revelação me conforta.

Nestas coisas, meninos, acreditem que sou terrivel!

ALFREDO GUIMARÃES

Os bailes de Carnaval em D. Maria



— Não, minha filha: somos incompatíveis.

(1) O auctor espera que em 1911 já se escrevam d'estas poucas vergonhas. Por isso a publica.

# A pianista Aussenac em Coimbra

E' de um singular relevo a figura desta notavel artista que ultimamente se fez ouvir em Coimbra. Talvez até que, no actual momento, não exista uma pianista que com o mesmo vigor e encantos se imponha á admiração de todos os publicos, desde o mais culto e grave até ao que procura na arte o mero deleito dos sentidos.

Eu supponho que Liszt foi esse typo de artista, mas que o foi num grau

não ainda attingido porqualquer outro pianista. Assim, elle apparece-nos como revelador de uma arte nova, em construcção e interpretação; e a sua influencia é profunda em todos os concertistas que se lhe seguiram.

Na nossa pianista, pois que M.<sup>lle</sup> Aussenac é portugueza, observamos tambem um caso deveras excepcional de capacidade de interpretação, um temperamento ardente de um poder intuitivo e evocativo raro e digno de ser estudado com verdadeiro interesse.

Nascida no Porto, mas filha de francezes, de pae girondino e de mãe alsaciana, cruza-se no seu espirito a impetuosidade meridional com a idealisção luminosa e serena dos teutões.

Educada no Porto, sob influencias em parte italianas a que ninguém se pode furtar entre nós, Vianna da Motta ouve-a quando ella tinha apenas dez annos de idade, e aconselha sua mãe a que a mande estudar no estrangeiro. M.<sup>lle</sup> Aussenac prefere Paris a qualquer outro centro educativo. A pequena Maria Antonietta segue o curso do Conservatorio na capital franceza, alcançando as mais altas classificações.

«O perfeito no pequeno» da arte franceza, como definiu um illustre critico portuguez, é para a nossa patria de uma excellente influencia. A impetuosidade do seu temperamento, agravada pelas influencias italianas a que nos referimos, como o



M.<sup>lle</sup> Aussenac

quem exigia o contacto do espirito de perfeita ponderação da arte da França, porventura procedente do encontro de todos os elementos ethnicos europeus, para se dominar na sua manifestação impulsiva. A iniciação deveu fazer-se naturalmente, sem difficuldade; era uma alma fran- ceza que ia encontrar-se á vontade na athmos- phera mental gerada pela alma mater das Galias. E a graça elegantissima que sobremaneira a ca- racterisa a esta desde logo penetrára a dicção declamatoria da escola italiana, moderando-a e dando-lhe o cunho do supremo bom gosto.

E' de notar que essas qualidades de superior expressão não podiam existir sem uma qualidade de *som* que, de por si, nos commovesse. M.<sup>11e</sup> Aussenac pertence sem duvida alguma aos pia- nistas que eu chamarei *coloristas*, identificando-os aos pintores assim classificados tambem, aquelles em que a *cór* só de per si gera em nós uma com- moção intensa e diferenciada.

Nella, os professores francezes achavam por vezes exagero de colloração, como se tratasse desses cantores cujo poder expressivo procede apenas da cultura intensiva da voz. A sua influ- encia foi por isso mesmo preciosa, como dissemos.

Mais tarde ia a nossa pianista receber a lição da arte grandiosa de Vianna da Motta, da eleva- da escola alleman em que o piano, passando pela phaze polyphonica, attinge a maxima grandeza e vastidão dos seus meios de expressão.

Um tal conjuncto de recursos herdados e ad- quiridos explica a riqueza excepcional do tempe- ramento artistico da nossa pianista, desde que lhe juntemos a athmosfera de sonho em que a sua interpretação se comprás, envolvendo cari- ciosamente todas as asperezas da technica, dulci- ficando e esfumando os contornos, affastando os planos e collocando-os na sua justa posição. Mas, dominando sobranceiramente uma tal fusão de valores, ouviremos sempre larga e singelamente declamado o *canto*, porque a sua execução é de pura essencia musical, ainda quando o commen- tario litterario lhe aclara e enriquece a evocação dos mais diversos e extranhos estados de alma.

A este modo de ser artistico da- vam os antigos do meu tempo o nome de inspiração; e nós hoje temos de admittir com M.<sup>11e</sup> Aussenac, por- que ella assim procede, que a inspira- ção é uma força advinhadora até das mais oppostas modalidades nacionaes, ou dos modos de ser mais profundos e mais elegantes da alma humana. Com a nossa pianista chega-se á com- prehensão dos factos da arte viva na sua inteira realidade e suprema idea- lisação.

Estas multiplas qualidades reunidas fazem convergir para ella as sympa- thias de todos os artistas e de todos



Typos de Coimbra

os publicos, quer de Paris, Londres e Berlin, quer de varias cidades menores da Allemanha, Belgica e França. E é devéras para surprehen- der que a mesma artista, num só concerto, nos encante igualmente interpretando as paginas profundas de Bach, de Beethoven, de Cesar Franck, a fantasia encantadora e enternecida de Schumann e as graciosas elegancias da arte fran- ceza; ou evocando as expressões nacionalistas da alma polaca com Chopin, dos hungaros com Liszt, dos portuguezes com Vianna da Motta, ou de quaesquer outros povos atravez das obras dos respectivos compositores.



Typos de Coimbra

Quasi tudo isso, senão tudo, revelou a joven pianista no seu concerto de Coimbra, surprehen- dendo mais de um ouvinte com a sua arte rara, toda feita de encanto e de nobreza. Para la- mentar apenas que o numero desses ouvintes não fosse maior do que foi; porque tambem não são vulgares as organizações ar- tísticas da fina tempera e aguda sensibilidade da nossa pianista.

Ella provavelmente nem deu por isso. Coim- bra, com as suas extraordinarias bellezas naturaes e artisticas, com o accentuado *character* dominan- te em toda a cidade, com a doçura ineffavel da sua paisagem tão suavemente rythmada, apossá- ra-se da alma da artista, mergulhando-a na mais extatica beatitude. E tudo se lhe apresentava com aspectos suggestivos, variados, imprevisos; dias de sol esplendido e após elles uma bruma delicadissima envolvendo as coi- sas num véu de sonho idealis- sante.

E foi com funda saudade e singular enternecimento que ella viu desaparecer dos seus olhos extasiados a torre da Univer- sidade e os salgueiros do Mon- dego. Com alma de musica e olhos de pintor, ella sentiu por toda essa terra rythmos cara- cteristicos, elegantes e de bom gosto, aspectos inolvidaveis dum encanto inexcedivelmente pene- trante.

E disse-me que voltará a Coimbra. Não sei se para tocar novamente em publico; mas com certeza para mais uma vez mergulhar com suprema delicia na sua atmos- phera luminosa e hyperesthetica.

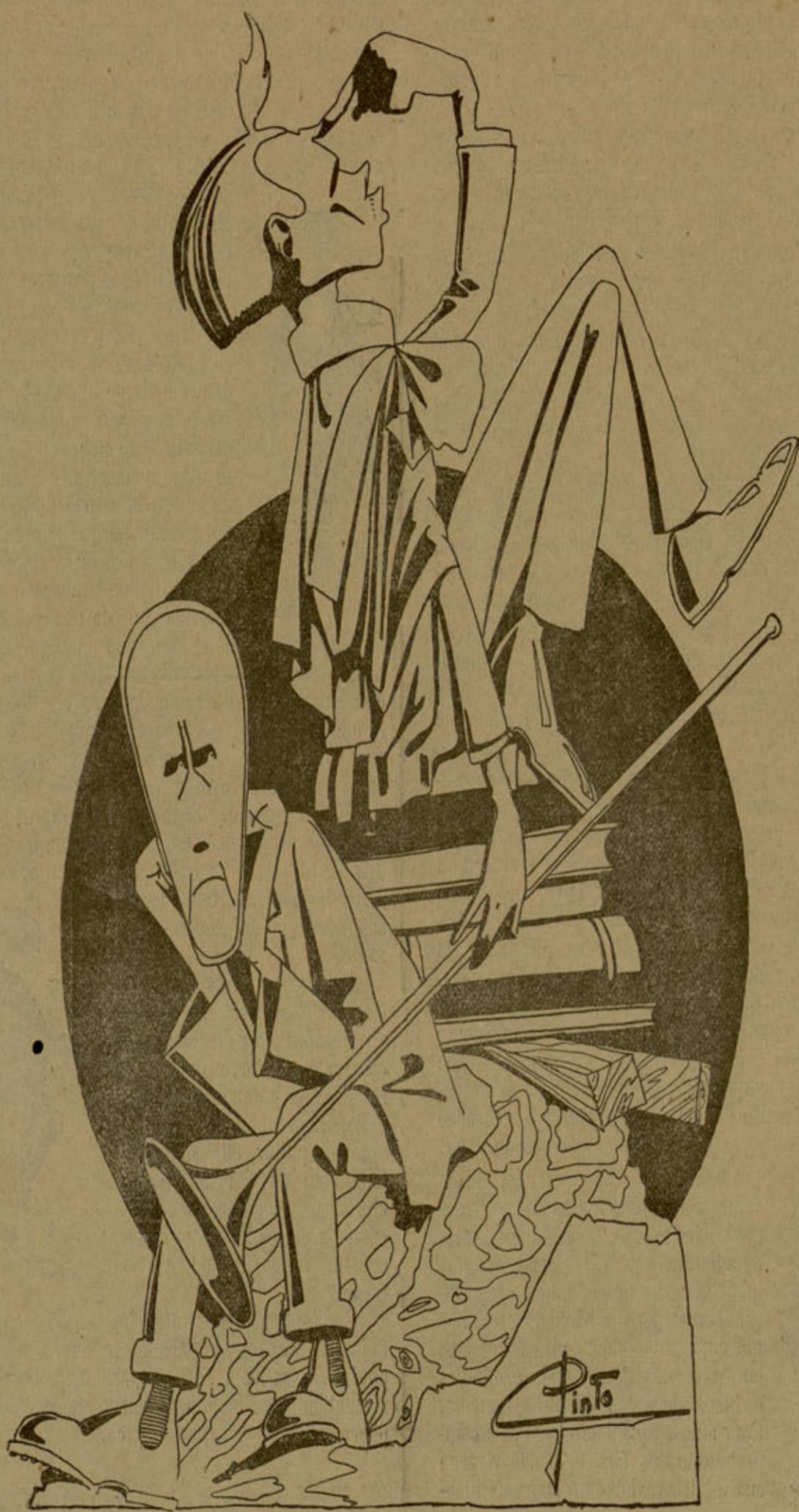


Typos de Coimbra

ANTONIO ARROYO.



# A luz do genio



Projecto do monumento da Academia de Coimbra  
ao segundo centenario de Herculano.

# A arte de bem governar os povos



Primeiras lições.

## Centenários

A ideia levantada por alguns estudantes de Coimbra para se realizar o centenário de Herculano encontrou em todo o paiz o melhor acolhimento.

Os estudantes de todas as escolas superiores aderiram á iniciativa tão justa dos seus collegas de Coimbra; e uma ideia posta em circulação pela mocidade, raramente deixa de triumphar, porque traz consigo o ardor e o enthusiasmo generoso das almas moças que a concebêram.

Como complemento das festas centenas aventa-se já a ideia de erguer ao grande morto a estatua que lhe é devida, e fazê-lo assim viver na memoria dos vindouros, que talvez esqueçam menos os seus livros vendo-o consagrado na praça publica.

Justo e mais do que justo é que tal se faça, porque Lisboa, a capital risonha dum paiz de sol e de luz, filho da amavel e intellectual raça latina, teve por muito tempo as suas praças e largos apenas habitadas por um povo de estatuas guerreiras.

Foi Camões, por largos annos ainda, o unico poeta que logrou a consagração duma estatua, e Camões, com a sua corôa de louros e a sua espada de soldado, era ainda a symbolisação belica dos feitos portuguezes; era sómente o grande cantor das nossas glorias, e não o delicioso, o inimitavel poeta dos sonetos amorosos mais admiraveis da lingua portugueza...

Só mais tarde e pela iniciativa dos seus amigos, Eça de Queiroz teve a linda estatua de marmore branco, — como devem ser as estatuas dos artistas, — que é hoje um dos prazeres intellectuaes que nos é dado fruir numa cidade que se banalisa pela deseducação artistica dos seus habitantes.

Não fallamos do monumento ao jornalista Eduardo Coelho nem do ultimamente levantado a Pinheiro Chagas, porque, como o de Eça de Queiroz, apenas são devidos a resumidas consagrações dos amigos, não merecendo, nem um nem o outro, o logar de destaque que o trabalho de Teixeira Lopes poz, com toda a sua alma e com todo o seu grande talento no monumento de Eça.

Justo é pois que Herculano se erga, na brancura placida do marmore, dentro dos muros dessa cidade de *marmore* e *granito* que elle tanto amou como apostrophou.

Mas não esqueçamos neste momento, como nunca o devemos esquecer que Garrett, seu contemporaneo espera ainda a glorificação que não é mais do que a infima paga do immenso que Portugal deve ao seu extraordinario talento.

Herculano merece tudo quanto intentarmos fazer para perpetuar a sua memoria, mas não

menos o merece Garrett, o artista impecavel, o politico incorruptivel, o juiz integerrimo, o parlamentar inconfundivel, a intelligencia mais completa de quantas tem florescido na terra portugueza.

Herculano, pois, o historiador erudito, o caracter austero, a virtude aspera e rude que muitas vezes repele e se torna antipathica, que se admira mas não é centro de abstracção e exemplo, que julga e perdôa, mas não unge e cura as feridas das almas doloridas que nella procuram acolhimento, e o calor vivificante da doce tolerancia.

Garrett foi a bondade e a justiça na sua fórma mais luminosa e mais bella; teve a graça que tudo santifica, teve a arte que todos commove e melhora.

Da obra de Herculano resalta uma amargurada desilusão que nos dispõe mal para a lucta, que amortalha e esfria todo o nosso enthusiasmo e crenças num futuro melhor; da obra de Garrett vem para o nosso espirito a consoladora certeza de que a vida é ainda o melhor presente que a Natureza nos concedeu e de que amando-a e vivendo-a pelo espirito e pelo coração cumprimos o nosso dever de seres que a intelligencia, e só ella, superiorisa entre os outros animaes.

A obra de Herculano é inteiriça e bella, mas já nos não commove nem corresponde ás necessidades do nosso espirito de hoje; a sua obra é grande, é enorme, mas é, por isso mesmo, esmagadora, como as columnadas e a cupula magestosas duma cathedral.

O seu sorriso é um vinco amargurado, como o seu espirito uma ironia de desiludido, que mais commove do que alegre.

A obra de Garrett não envelheceu nem envelhecerá jamais, porque é a obra de arte que a vida e o amor consagraram e floriram.

Mas Garrett não teve a consagração do grande publico em vida, como depois de morto ainda não conseguiu popularisar a sua memoria.

Emquanto Herculano teve admiradores que lhe deram um tumulo magestoso, no mais magestoso dos nossos templos, os Jeronymos, — os restos de Garrett só á custa de uma propaganda infatigavel e por um esforço enorme dos admiradores da sua obra, foram recolhidos a esse pantheon nacional e collocados de parte até melhor occasião que talvez não venha mais.

Garrett na Grecia linda em que a arte e o amor tinham a sua mais nobre moradia, seria sem duvida um genio familiar, uma sombra querida evocada nas consagrações da patria agradecida aos filhos que a enobreciam e honravam.

Mas Garrett viveu entre um povo que o monarquismo esterilisára numa sociedade hypocrita que perdêra com o allivo sentimento da dignidade a aspiração morta de todo o ser humano para a libertação de pensamento.

Garrett teve como nenhum outro a aristocracia do espirito, a superioridade do artista que em si proprio ama e respeita a Natureza. E essa

superioridade não a comprehendia nem perdoava facilmente um povo que se esquecera pelas sacristias a bisbelhotar as vidas alheias, a seguir os viaticos cantando bemditos, que se divertia por outeiros e reuniões de peralvinhos e secias, de freiras e frades a tocar *lunduns*, que cheirava rapé, e não conhecia a voluptuosidade dum banho perfumado.

Garrett foi um escandalo no seu tempo e... talvez ainda o fosse hoje, nesta sociedade que olvidou um pouco os misereres e os bemditos, mas ainda não se educou para comprehender e sentir estheticamente a vida.

Consagrêmos Herculano sim; demos ao seu perfil de asceta a linha escultural que o consagrará para o futuro, mas não esqueçamos quem, como elle, merece a sagração publica.

Tambem Camillo espera ainda; tambem elle ha-de ter a sua hora.

E seja a gente moça que enverede por esse caminho; seja ella quem venha, com o ardor dos seus enthusiasmos, preparar luminosamente o caminho que ha-de seguir na vida, melhor, estamos certos, do que aquelle que foi tristemente trilhado pelas ultimas gerações.

ANNA DE CASTRO OSORIO

### UM PINTO QUE SE SAI DA CASCA



Cerveira Pinto

(auto caricatura)

## Typos em evidencia

I

A ondeada e comprida cabelleira  
Vôa-lhe sobre a nuca, semelhando  
Uma auriflama, um pendão, uma bandeira,  
No meio do combate formidando.

Pela humida e basta cachaceira  
Cae o suor em catadupas, quando  
O oradôr, em linguagem altaneira  
Se eleva na oratoria, aereo e pando...

Falla só da revolta já imminente,  
Da colera contida que rebente,  
Alastre, innunde, aterrorise e estrague...

Applausos. Tndo exclama: Inexcedivel!  
Mas um, que ouvira as palmas impassivel,  
Diz-me: — «Aqui tem você o que é uma *blague!*»

II

Terminou do tribuno a conferencia :  
Batia o coração de cada qual,  
Ao contacto do povo e da fluencia  
D'esse verbo candente e magistral.

O orador, num raptô d'eloquencia,  
Que produziu um fremito geral,  
Prégou o auxilio aos homens na indigencia,  
A fraternisação universal.

Dias depois, num bom café comia,  
O apostolo, uma esplendida eguaria ;  
Coisa rica : faisão ou gallinhola.

Alguem o importunava. Era um mendigo.  
— « Está tudo tão caro, meu amigo !  
Desculpe, mas não posso dar-lhe esmola »,

Eduardo de Carvalho

## Os centenarios

A sr.<sup>a</sup> D. Anna de Castro Osorio teve para com esta redacção a deferencia de um artigo sobre *Centenarios*, onde se refere com a mais inteira justiça o nome de Garrett em comparação ao de Herculano. Mas a distincta publicista teve palavras muito amaveis para com a Academia de Coimbra, a propósito duma commemoração em que para ali se falla, julgando-a promotora desse centenario.

Ora verdadeiramente a Academia de Coimbra não promove coisa nenhuma; o que parece é que ha nesta terra algumas creaturas que por pequenino prazer de letra redonda deliberaram esgotar as caixas dos compositores enquanto não deliberam outra coisa—o que será difficil.

Esta benevolencia que a sr.<sup>a</sup> D. Anna de Castro Osorio tem para com os estudantes de Coimbra, alguns dos quaes são redactores d'*A Farça*, não teria razão de ser se a distincta escriptora soubesse que *A Farça*, em nada se preoccupa com essa commemoração, e está inteiramente de accordo com a justiça que faz á obra de Garrett.

## Luar de janeiro



Aqui ha vinte annos uma geração entrou em Coimbra, reagindo contra o aristocratico symbolismo de sala. Os seus poetas foram breve conhecidos do paiz, num triumpho completo de moços. Passaram annos,—e ninguem mais falou nelles, desde que Guedes Teixeira se calou.

De novo Augusto Gil acende o lume antigo, falando-nos dessa geração esquecida, com um livro simples e profundo em que o claro espirito da nossa terra se escôa por versos de crystal.

Augusto Gil é um destes extranhos e simples poetas que de largo em largo brotam naturalmente do sólo portuguez, para o encherem de vida e cêr. O ultimo fôra Antonio Nobre; o auctor do *Luar de Janeiro* aparece-nos agora a tomar o seu logar.

Entre os poetas *minores* da nossa lingua, Augusto Gil será sempre um grande poeta; e quando d'aqui a longe se recordar o nome de João de Deus, como expressão suprema do lyrismo portuguez do nosso tempo, olhando em torno encontrarão o nome de Augusto Gil.

---

## ECHOS DO CENTENARIO

---

A commissão promotora iniciadora do centenario de Alexandre Herculano, resolveu engrossar o programma dos festejos com mais um numero: bodo aos pobres de espirito. São convivas

neste bodo, como delegados da Commissão, os srs. Orlando Marçal, José Luiz de Almeida e João de Castro.

Tambem a commissão pensou em realizar num dos dias, em differentes pontos da cidade, leituras publicas dos melhores trechos das obras de Herculano.

Mas teve de desistir, porque estando sobrecarregada com muitos trabalhos, não lhe sobra tempo para ler a obra de Herculano daqui até abril.

Na ultima reunião da commissão, o sr. José Luiz de Almeida, depois de felicitar o sr. Orlando Marçal por haver sido contemplado com a taluda numa cautella de tres vintens da loteria brazileira, propoz que se pedisse ao governo para a Historia de Portugal, de Herculano, ser officialmente adoptada nas escolas primarias.

A «Revista Coimbra» publicará um numero especial, impresso em bom papel.

Eis o summario:

*Gloria ao genio!* — João de Castro.

*Avé, mirifico lapidario do Eurico!* — Orlando Marçal.

*Viv'ô Herculano!* — José Luiz de Almeida.

---

## Os bailes de Carnaval no D. Maria



— O' salsa não danças?

— Eu é que te faço dançar...

## Uma conferencia e uma festa

Num dos ultimos dias de janeiro de 1910, á hora em que o sr. dr. José Cid fazia no *Museu* uma conferencia sobre hygiene da primeira infancia, uma parte da academia abandonando a cidade celebrava solememente no convento de Santa Thereza o anniversario da consagração do dogma da Immaculada Conceição.

Emquanto no estabelecimento scientifico se ensinava ás futuras mães a arte difficil de crear filhos, os futuros paes ajoelhavam constrictos nas lages da velha igreja carmelitana em homenagem muda á virgindade.

Alem o sr. dr. Cid sustentando nos braços um pequenino exemplar de bom sangue; aqui a Virgem Maria expondo no colo não profanado o fructo mystico da sua mystica concepção.

Duas telas de semelhante configuração, mas um tanto differentes pela luz em que se banham.

Na ultima ha os tons velludosos das naves mal alumdiadas, a penumbra dolorida dos nichos sagrados, ha a sombra duma nuvem de incenso, ha um crepusculo...

Na outra ha uma claridade vibrante, ha uma atmospherá balsamica e alacre que faz adivinhar fremitos de ninhos, palpitações de gomos, risos de corolas, ha uma alvorada...

E o grupo seraphico enquanto o professor de medicina mostrava até que ponto podemos ainda ter esperanças na regeneração de raça pela regeneração da carne flagelava lugubrememente os peitos sob a abobada secular da igreja suburbana.

No estabelecimento scientifico interpretavam-se e desvendavam-se os mysterios da vida, na igreja taciturna a turba opaca dos academicos glorificava numa prece de surda reverencia o mysterio cavernoso dum ventre que pariu sem conceber.

O sr. dr. Cid ia de leito em leito seguido das futuras mães ensinando como é sagrada a mulher que deu á luz, os futuros paes iam de ceu em ceu nas azas do extase felicitar ao alto das esferas a Rainha dos Anjos por conseguir alfim no tribunal do Vaticano um palliativo para a mancha tremenda de ter sido mãe...

\*\*\*

Está um dia lindissimo. E' a hora dourada em que Coimbra adormece embalada em sonho.

A luz beija mollemente os laranjaes das varzeas e os conventos nas collinas verdes envolvem-se, freiras exiladas, num véu de nostalgia e de saudade...

O sol desce esbrazeado e gasto como um thuribulo no fim de um Te-Deum.

Hora beatifica e macia. Hora de recolhimento e de chá. Hora de fazer exame de consciencia e de fazer o chylo.

O velho templo joannino sente-se remoçar como se a alma orto-doxa e sybarita do seu seculo lhe ressuscitasse no amago.

Cá fóra arfam automoveis de praça.

Lá dentro numa atmospherá de morna beatitude capas e saias ajoelham. Sôa a distancia o orgão mystico das celestes symphonias. A consciencia abobóra. Fecham se desmaiando as palpebras do espirito. E da altura azul num turbilhão de azas brancas baixa uma legião de archanjos despedindo sobre os corações as settas hervadas com sangue de Santa Thereza e de Joanna de Jesus.

Os sentidos evolvem-se como o incenso dos thuribulos. Fluctuam, desenrolam-se, sobem no meio da nave e vão perder-se entre as arcarias roçando ao de leve a aza dourada dos cherubins de pedra...

Animam-se as esculpturas e as estatuetas;

## No Choupal



Nem aqui perdes o costume de estar a contar as taboas do tecto.

tomam vida as telas lacrimosas; e os paramentos e os attributos e os emblemas abrem o enigma dos seus symbolos num clarão tão intenso e tão humano que não me admira que as devotissimas elegantinhas de 20 annos misturando num só ramallete, na ingenuidade paradisiaca da graça, as reminiscencias da terra com as saudades do ceu recordem na pomba que desce do alto uma certa tarde de tiro e vejam a bólasinha do tennis na esphera que o Menino sopesa...

No diluculo religioso da abobada as lampadas ardem immoveis como sangrentos corações em extase. Perpassa tepida á flôr das almas uma bagagem de espirital voluptuosidade...

Cheira a incenso e a pó de arroz, a salão e a sachristia. Entre as altas penumbras reviram em ondas lithurgicas as tres Graças e as tres Virtudes theologaes.

Abraçam-se remoinhando no ar a gaze dos véos e a estampanha dos mantos. Desfolham-se como flócos sobre as cabeças inclinadas as assucenas e as rosas vermelhas; e ao longe na tranquillidade dos páramos gloriosos os córos angelicos tartamudeiam indecisos entre um hymnário amarellento e a ultima partitura.

Enigmatico no fundo da nave avulta um grupo de capas negras e circumspectas...

E' um seminario?...

E' uma communidade resuscitada?

Não. São os alumnos do primeiro estabelecimento *scientifico*.

\*  
\* \*

Tive sempre para mim a capa como um enorme, como um tenebroso perigo moral.

O vestuario é um grande educador de espiritos. Cada homem pensa conforme se veste. Um povo mal vestido é fatalmente um povo decadente. As classes surgem com as differenças de trajo. E a questão social é talvez uma questão de modas que seria resolvida se um bando internacional mandasse despir a humanidade.

Só a nudez torna palpavel a egualdade. Escusam de se cançar os politicos apregoando formulas, perseguindo os dynamitistas. Os verdadeiros inimigos da sociedade, não são os anarchistas, são os alfaiates.

As corporações scientificas corôam-se de borlas porque a borla inspira e solemnisa a ideia.

O argumento é filho da borla, como o dogma da tiara, e a oração do capuz.

As maiores subtilezas monasticas nasceram do recolhimento do habito.

O habito consagra. Um conselheiro Accacio de habito já é um bernardo.

Cada paiz tem no seu vestuario a razão de ser da sua vida. A Grecia, por exemplo, se não fossem os seus mantos não nos teria dado Platão.

Platão é a mais alta expressão de uma raça que a tunica educou.

Vestir um homem é assumir uma responsabilidade incalculavel; é decidir de toda a sua existencia; é creá-lo.

Por isso nos collegios a educação começa pelo uniforme.

Ora a capa — longa, fluctuante, indecisa, docilmente impessoal — adaptando-se com a mesma indifferença a todos os corpos, informe — abraçando com a mesma fidelidade todas as formas, a capa é a peor companheira de moços nascidos e creados como nós entre dois infinitos — o mar e o ceu.



— Se vocês prohibem as bombas, como se ham-de apagar os incendios?

A capa completa o que os dois começaram — dilue-nos, isto é, torna-nos mysticos porque o mysticismo não é mais do que uma descondensação do espirito.

O fato — sobrio — cinge-nos, personalisa-nos.

A capa torna-nos fluctuantes como ella.

A academia foi sempre mystica: já em politica, já em amor, já em religião. Foi chauvinista, foi romantica, é catholica. Sempre a capa.

Em vão a batina se revolta e se transfigura, como um Proteu em tormentos, de roupeta em sobrecasaca. A capa ensombra, resa, catechiza e triumpha sempre.

E' preciso rasgá-la.

MANUEL EUGENIO

---

## Antonio Arroyo

O illustre critico de arte, que neste numero nos dá a sua collaboração, não pode realizar a sua conferencia no *Instituto* no dia annunciado, por motivo de doença.

Parece porém que brevemente Coimbra terá o alto prazer de ouvir a sua conferencia, cujo thema é, como dissemos — *A arte para o Povo*.

Como beiras do telhado, pingavam dum relógio da torre, metálicas e eguaes, as badaladas da meia-noite.

Senti um chocalhar de ossos, e, num momento, ergueu-se ante mim um esqueleto completo — caveira, tronco e membros. Tentei reconhecê-lo, mas não me foi possível. Elle então espalmou me nas costas os ossos dos dedos e disse me amigavelmente:

— Sou o Alexandre Herculano, aquelle a quem vossês vão fazer o centenário...

— Vossês... é muita gente! — retorqui eu, nada satisfeito com a graça.

— Pois então não é a Academia que prepara o meu centenário?

— Bem se vê que o sr. Alexandre Herculano anda pouco ao par do que se passa cá neste mundo. A Academia não prepara coisa nenhuma. Quando muito, prepara a lição para o dia seguinte...

— ?

— E' como lhe digo. Sabe ella agora que o senhor existiu, quando o senhor nasceu vae fazer cem annos em abril?... Desde que se falla no centenário, clarissimo, sabe-o e deita contas aos dias que ainda faltam, mas não é por amor á sua memoria: é por amor aos feriados, ora que é boa!

— Então mas isso está assim? — perguntou-me o sr. Alexandre Herculano, despeitado, ferido no seu legítimo orgulho de morador dos Jeronymos.

— Ha, é claro, algumas excepções, mas poucas. Tirante José Luiz d'Almeida...

— José Luiz d'Almeida?!... Mas quem é esse José Luiz d'Almeida?... Vejo que os jornaes o celebram como eminente homem de letras, mas nunca li nenhuma obra sua...

— Pois tem uma vasta obra, dispersa, mas sobretudo no *Seculo nas provincias*, — informei eu solícito.

— Pois é exactamente no *Seculo nas provincias*, que eu todos os dias percorro para ver se lá veem noticias da minha terra, que tenho visto celebrado o formoso talento desse bardo coimbrão — tornou-me o sr. Alexandre Herculano, intrigado.

— Pois ahí tem a sua obra, e vasta obra — não lhe dizia eu?

Não sei que mosca mordeu o sr. Alexandre Herculano que o vi acto continuo escapulir-se pela louza do sepulchro, como um diabo de magica.

ALBERTO DE CASTRO.

Cinco horas da manhã. A noite, em retirada dá o ataque final ao dia. Supplantada, sóme-se para áquem, e deixa atraz, exangue, nos campos do Oriente outros campos de sangue. Lá ao fundo a cidade ainda repousa e dorme recortando no azul o seu perfil, conforme um navio phantasma em aguas infinitas. Cobrindo gerações que dormem sob as criptas, da massa negra emerge, hostil, senhoreal, o dorso anfractuoso a espessa cathedral. Esfuma-lhe a neblina as torres, os silhares, e os nichos que dão pasto ás c'rujas aos milhares. Cantam saudando a aurora, ao alto as cotovias. Do monte a aragem trás, nas suas azas frias um cheiro matinal, bravio de hortelã, que se casa ao silencio ancioso da manhã. Lentamente, arrastando a cauda colleante de comboio, lá rompe a marcha estonteante a machina através do campo já ceifado, a arquejar, a suar, como um titan cançado. Aponta agora o sol; e então, nitidamente sobre o arco de sangue e fogo do nascente eu vejo a fléxa escura, a máis alta, a do sul da immensa cathedral, ameaçando o azul.

A' vista de Salamanca, setembro de 1909

M. CARDOSO MARTHA

### EM 29 DE OUTUBRO

A Candidinha, hoje, pouco depois de eu entrar em sua casa, foi visitada pelo irmão mais novo — um garotote ainda, empregado a praticar numa mercearia da Rua.

Elle chamou-a da escada, em confidencia, e disse meio baixo, que a mãe o mandava a avisar que não desse dinheiro ao Alberto.

O Alberto, soube-o depois — é o mais velho dos tres irmãos, filhos todos dum amor d'acaso, com sangue alegre d'estudante novo, esturdiando nas veias.

Quando eu nessa noite a visitava, descia elle as escadas. Ao ver-me parou, cozeu-se na parede, aconchegou o varino contra o peito, ergueu um pouquinho a mão, em menção de tirar a boina, e, em voz avinhada e baça, disse, lá da sombra:

— Boa noite!

— Boa noite! Respondi, subindo sempre, e olhando-o sem conhecer.

Mas o garoto, á porta, continua:

« — Ouviste? já lhe deste algum dinheiro? »

— Hontem, sim, tinha dado dois tostões, e hoje já... »

O petiz, afflicto, interrompe:

« — Pois a mãe diz que não lhe dê nada. Gasta tudo em vinho, e a gente vai e nem sequer ao menos lhe vê a c'roda. »

Quando hontem lá chegou a casa ia numa miseria. Era assim um cheiro á aguardente, que até p'rás visinhas foi uma vergonha... »

Coimbra

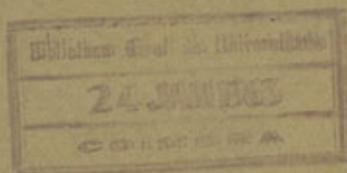
Luiz Braga

# Certos balandraus



Ó sôr reverendo: é uma cruz ou um punhal? . . .

(Desenho de Christiano de Carvalho)



## PAPELARIA BORGES

Coimbra

CASA EDITORA DE BILHETES POSTAES  
ILLUSTRADOS

### Apparelhos e mais material para photographia

Para os Ex.<sup>mos</sup> Academicos faz preços  
excepcionaes nos grupos de cursos e em  
retratos que se encarrega de mandar re-  
produzir na Allemanha.

N. B. — *Ha já grande numero de assi-  
gnaturas para encomendas; e pode for-  
necer amostras de algumas, executadas  
com a maxima perfeição.*

### Pastelaria e Confeitaria Telles

Fabricação esmerada de finos doces  
de ovos, e de fructa de todas as qualida-  
des, em seccos, crystalisados e em calda.

VARIADA PASTELARIA EM TODOS OS GENEROS

Pudings de diversas qualidades, Pão  
de ló pelo systema de Margaride, Galan-  
tines diversas, Patés Saucisses.

Vinhos, Cognaes, Champagnes e Licores finos  
das principaes marcas

Cartonagens, Amendoas, Chocolates,  
Bombons, Drops, Queijos, Chás  
e artigos de novidade.

Unica casa que vende a finissima manteiga da  
**QUINTA DE FONTELLO** — Paços de Ferreira e os  
deliciosos rebugados de fructas especialidade da  
Padaria **FARIA** do Porto.

150, Rua Ferreira Borges, 156 — COIMBRA

Telephone n.º 23

## A Elegancia de Coimbra

SAPATARIA DE

**MANUEL TEIXEIRA**

Rua Infante D. Augusto, 6 a 14

Esta casa, conhecida em todo o Paiz,  
não recomenda o seu fabrico.

Grandes Armazens  
do Chiado

E' o estabelecimento que melhor  
e mais barato vende em

**COIMBRA.**

RUA FERREIRA BORGES

DROGARIA VILAÇA

COIMBRA

Completo sortido de drogas, productos chimicos  
e pharmaceuticos.

Fornecimento para pharmacias e laboratorios.

LOUIS FONTAINE

*Accordeur diplomé de la Maison Pleyel de Paris*

Pianos, afinações, concertos

VENDAS E COMMISSÕES

Provisoriamente

28 Rua Sá da Bandeira, 28 — COIMBRA

# Grandes Armazens de Lisboa

11, AVENIDA NAVARRO, 31

Entrada pela Couraça da Estrella, 2

PREDIO TODO

COIMBRA

© mais vasto estabelecimento da provincia, com as mais sortidas secções de modas, chapéus, confecções, lanifícios, fanqueiro, retrozeiro, perfumarias, estofador e brinquedos. Ateliers de chapéus, modista e alfaiate.

SORTIDO MONSTRO.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Um dia por mez

FAZENDAS DE GRAÇA!

Pedir instrucções nos

**GRANDES ARMAZENS DE LISBOA**

## LIVRARIA MODERNA

A. GONÇALVES CUNHA

25 — Marco da Feira — 25

COIMBRA

Livros portuguezes e estrangeiros sobre todas as materias, **novos e usados com grandes abatimentos.**

Revistas, jornaes, illustrações. Musicas. Cordas e outros pertences para instrumentos. Papelaria. Bilhetes de visita. Postaes illustrados. Encadernações. Gravuras. Sellos para collecções. Tabacos. Perfumarias.

Compram-se quaesquer livros em grandes ou pequenas quantidades.

## ALFAIATARIA E CAMISARIA

Francisco M. de Sousa Nazareth e F.º

20 — Rua Ferreira Borges — 24

COIMBRA

Completo e variado sortido de caseiras para fatos e sobretudos, luvas collarinhos, gravatas, suspensorios, ligas de camurça, cache-col em seda, veludo e lã. Camisas brancas e de côr.

Agencia da Companhia de Seguros Bonança, a mais poderosa e antiga de Portugal.

## GRANDE CAFÉ CONCERTO

Antigo café MARQUES PINTO

PROPRIETARIO

Manuel J. Telles

Praça do Commercio

COIMBRA

Anno 1.º

Numero 6



50 réis

Coimbra, 27 de abril de 1910

# A FARÇA

Quinzenario illustrado

Numero { Portugal — 50 reis  
avulso { Brazil — 400 reis (moeda fraca)

## ASSIGNATURA

(Por serie de 12 numeros)

Portugal e colonias . . . . . 600 reis  
Brazil . . . . . (moeda fraca) 3\$800 »  
Estrangeiro . . . . . 5 francos

## F. França & Armenio Amado

(LIVREIROS-EDITORES)

Rua Ferrel a Borges, 77 a 81 — ARCO D'ALMEDINA, 2 e 4

COIMBRA



Assignaturas para todos os jornaes e Revistas nacionaes e estrangeiras — Impressos e livros escolares — Encadernações e artigos de popularia — Jornaes de Modas — Todos os livros approvedos para instrucção primaria, para os Lyceus, Escolas Normaes. — Escola Agricola — Escola de Pharmacia — Faculdade de Medicina e Universidade. Recebem-se, apenas publicadas, todas as novidades mais importantes nacionaes e estrangeiras.

Execução rapida de encomendas

## Photographia Conimbricense

— José Maria dos Santos —

COIMBRA — Avenida Navarro, 2

Retratos em todos os formatos até tamanho natural pelos processos mais modernos. Vistas de Coimbra, Bussaco e Batalha. Encarrega-se de todos os trabalhos tirado atelier.

## ANNUNCIOS

	Em um só numero	Por serie de 12 numeros
1 pagina . . . . .	3\$000 reis	25\$000
1/2 . . . . .	1\$800 . . . . .	15\$000
1/4 . . . . .	1\$000 . . . . .	10\$000
1/5 . . . . .	800 . . . . .	8\$000
1/8 . . . . .	600 . . . . .	5\$000
1/10 . . . . .	550 . . . . .	4\$000
1/16 . . . . .	350 . . . . .	3\$000

Tiragem 3:000 exemplares

Representante exclusivo em Lisboa:

O SR. Arthur Metrass Campos,  
administrador de "O Dia,"

80—RUA GARRET—1º

Vão ser expedidos pelo correio os recibos correspondentes á primeira serie d'A Farça.

A remessa dos primeiros numeros foi por vezes feita atrapalhadamente, devido a circumstancias de momento. Se porventura alguns dos nossos assignantes a quem vão ser apresentados os recibos, tenham soffrido alguma irregularidade na distribuição desses primeiros numeros, obsequieiamos satisfazendo a respectiva importancia e reclamando para a administração, donde promptamente lhe serão enviados os numeros que faltarem.

## MERCEARIA LUZITANA

— Gaitto & Cannas

1, RUA DO CEGO, 7 — COIMBRA

Especialidade em

CHÁ, CAFÉ E VINHOS FINOS

Deposito dos vinhos da

Real Companhia Vinicola

e da

Associação da Bairrada

Materiaes de construcção

Agencia de Seguros. Transferencia de dinheiro

TELEPHONE, 8



Julio Ribeiro dos Santos  
Proprietario e Impressor

## TYP. LOUZANENSE

UMA DAS MAIS BEM MONTADAS, NA PROVINCIA, E ONDE SE EXECUTAM COM RAPIDEZ TODOS OS TRABALHOS TYPOGRAPHICOS.

IMPRESSOS

Para todas as repartições

Impressão de:  
A Farça, Commercio da Louzã e O Polarianse.

# A FARÇA

COIMBRA, 27 DE ABRIL DE 1910

Director artistico — *Luiz Filippe*  
Direcção litteraria de *Veiga Simões*  
Proprietario, *Thomaz d'Alvim*  
Administradores, *F. Feanço & Armenio Amado*  
Livreiros-editores

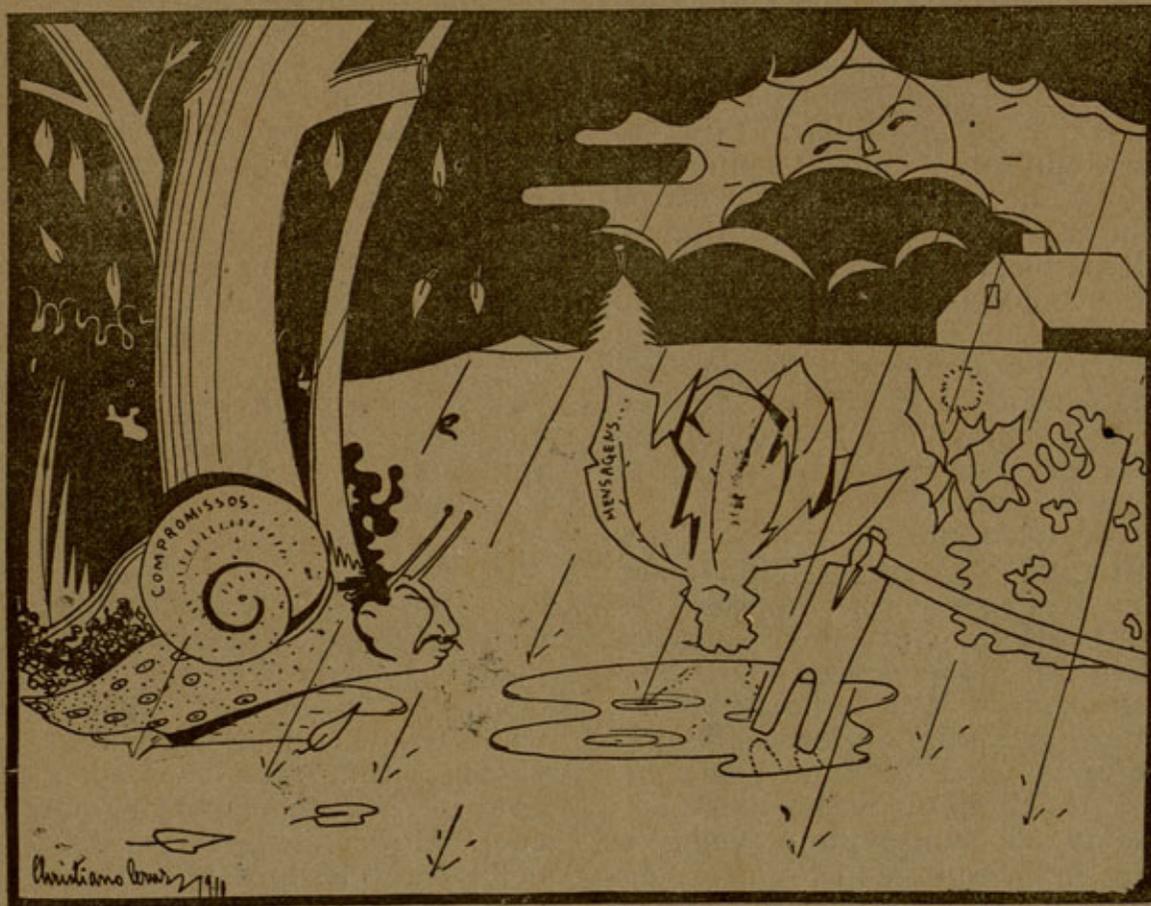
Redacção — RUA DE SUB-RIPAS, 26

Administração — ARCO D'ALMEDINA,

Composição e Impressão,

TYPOGRAPHIA LOUZANENSE — LOUZÃ

## O GRANDE MEXIAS



Ares caliginosos propicios para sahir luminosamente da casca . . .

## Chronica

«Aqui se realisou a Festa da Primavera...  
Donde o nome lhe mudaram de Lapa dos Esteios  
em Lapa de Poetas.  
... E para perpetuar memoria...»

*Da Lápide.*

Esta manhã a primavera surprehendeu-me na cama, num solzinho com mais côr; e mal abri as janellas, todo o meu quarto ficou banhado duma luz clara que delle se despedira ha muitos mêses. Do ceu azul fugiam as ultimas nuvens em busca dos longes.

Coalhou no ar a fuligem caida do brazeiro do sol. Até aquelles pinheiros distantes, que aos poentes de março fazem recortes chymericos no fundo madreperola, adormecêram no ar dormente, como chapéus parados á mingua de aragem. E as arvores do jardim, que vou mirando no caixilho quadrado da janella, saudosas do mês de maio que este dia novo lhes traz á lembrança, enchêram de anciosas, e começam já a gosar a sêsta.

Na vespera, um enxame de flores cor de rosa, poisando na minha olaia, annunciára esta dança rumorosa das seivas; e na brandura do crepusculo partindo, ficaram-se sorvendo o tronco quasi nu, sugando-lhe aroma e vida.

Mas hoje, assim que chego á varanda, e vejo a natureza amodorrada gosando o sol, a minha velha olaia apruma-se no seu tronco muito velho, a querer chamar-me; e mal olho os seus ramos, que abranjem quasi todo o meu jardim, os olhos refrescam-se-me, deslumbradamente, no milagre maternal

das suas flores cor de rosa, cobrindo-a toda, soltando para o chão assombreado um perfume discreto e classico.

Um barco ficou-se em baixo, no fogo branco do rio. E como dos casarões da banda da rua apenas chega o peso da caliça, a minha velha olaia, em procura de luz, parece debruçar-se na cidade e seguir com os ramos a esteira vagorosa do barco.

No silencio crescente a minha olaia deixou cair dos ramos mais altos duas flores muito abertas que sussurraram no chão. Nem sei porquê, julguei ver na quêda melancholica dessas flores atravez do ar parado duas lagrimas enormes. Os ramos de cima mal se agitaram. E a minha olaia teve uma sombra de voz:

— Nas azas da poesia, minha saudade voga empós dessa barca, como nayade concertando o côro em torno dos genios do Olympo; e busca de novo esses sitios ditosos em que os bardos moraram. Alfombras onde a hera cresce, — já sinto meu tronco minguar, emquanto dantes o erguia só para nellas ver o festim das Graças. Cantam agora os vates as andorinhas. Iam dantes pela murmura manhã a Phebo com o manto da Primavera, saudan-

do-o no seu verbo em allegorias tão nobres como a postura dos corpos com que o esperavam.

«Estava ainda o rio deitado em seu ninho de rythmo, e a Aurora annunciava o carro de Phaeton, sofreado e lésto. Partiam os barcos rio acima, levando consigo os bardos; e todos no rio saudavam esse que Ferreira inspirara e que entregava o sopro eterno da inspiração a quantos bebiam suas aguas depois que o divino Camões as bebera. Adejavam em sua volta zephyros ligeiros trazendo-lhe as boas novas da natureza. E chegados á mansão da poesia, suas penhas se abriam para em murmurar graças acolherem o Genio, e os loireiros se debruçavam para coroarem os poetas com sua coroa immortal. Internavam-se pelas sombras, e no convivio dos deuses tudo era festa que meus ramos não distinguiam.

«Ai! o Tempo tem azas nos pés. . .

«Depois, por esses meses do amor em que a natureza é um hymno e o sol, astro rutilo e formoso, beija o rio num beijo divino de deus encantador das nymphas, á volta do meu tronco se reuniam, e daqui a Fama soprava seus versos.

«Plantáram-me nobres que prezavam as artes. Fizeram-me regalo de poetas; sobre uma lagea azul, quando aqui vinham, todos deixavam seus nomes inscriptos, como em marmoreo cipo, a dizerem aos vindouros sua amavel convivencia com as sete Musas. Era essa pedra gasta que ahi vês da beira dum lago que secou; e ahi o maior dos vates se mirava no espelho das aguas, como Narciso encantado do seu rosto.

«E este meu tronco velho, se o vês gemer atravez da noite escura do inverno, é que eu choro para ver se minhas lagrimas de novo conseguirão encher o lago sêco e descobrir no fundo a imagem desse Narciso que a Poesia transformou em immortal, gravando as letras do nome no livro de oiro das artes.

«Zephyros que brincaes na minha copa: e tu, Pastor deleitoso de volateis amores e suaves canções: travessas azas despregai ligeiras, e minhas palavras sonoras levai pelas frondiferas ribeiras do Mondego. Deixai-me ver os lanigeros rebanhos pascendo pelos outeiros onde a verdura cresce e Amor pratica languidos segredos. Ante os loiros gloriosos que ás Musas frescas sombras fazendo iam, deixai-me contemplar o selvoso espectáculo onde fugitivas nayades inda rebentam á volta da lyra quebrada do Cantor immortal da Primavera.

«Ai, está secca a sua fonte branda como no secco Outomno os verdes prados. A maculada veia onde em pedra o prospero Genio resplandece, é só e muda. Da azulada esphera nem Phebo vem banhá-lo em seu novo resplendor.

«Voai, levai-me; e junto d'essas estatuas frias que á sombra dos troncos mais frondosos acompanham o Genio, em estatua me transformai. Seja eu a estatua de Niobe olhando o Mestre que novas regras do canto e da cultura ensinou a todos os que a cythara tocavam. Sosinha os faunos errantes alcãrem-se verei em suas patas, a decifrem a inscripção que tornou immortal o immortal Cantor da Primavera.

«Festa da Primavera! Materna herança das selvas deleitosas! De Castilho com a memoria grata em paz descança.»

E descendo a voz no silencio da calma, a olaia disse para mim:

«Agora meu tronco não é mais que consumir-se na lembrança; e hora a hora choro flores que nunca mais irão cahir sobre essas fronte coroadas.»

Calou-se a olaia.

No azul do ceu poisou a aza branca duma nuvem.

VEIGA SIMÕES.

## Tronco reverdecido



Antonio de Monforte, poeta conhecido desta revista, acaba de publicar um livro annuciado — *Tronco reverdecido*.

Porventura este livro, de orientação já sabida por excerptos, representa, para quem mais não queira, um documento curioso num meio de incertezas onde o criticismo se dissolveu entornando-se por sobre o publico respeitavel. Antonio de Monforte deu ao seu livro uma orientação; não a orientação organica e cathedratica de assumptos e normas, mas o apuro de motivos estheticos que subordinam naturalmente a obra a um criterio unico, podendo lançar-nos numa vista de conjuncto.

O poeta do *Tronco reverdecido* procura acordar motivos nacionaes, por vezes detalhes locaes; quando mesmo o poeta recorta a sua emoção pessoal, é ainda o *meio* que nós vemos. Isto leva naturalmente a observar neste poeta uma aptidão particular para ferir pequenos aspectos isolados.

Collocado em frente dum largo conflicto humano, Monforte não poderia ver mais que detalhes sentimentaes e pittorescos dum personagem ou

doutro, porventura recortes nitidos de scenario, trechos distantes acordando os longes baços para os ver melhor. Esta faculdade que domina o seu temperamento, levou o poeta a ferir motivos *passados*, fazendo-os resurgir para a vida de hoje. Faculdade que promove uma incerteza, — ora leva a saudade melancolica pelo tempo que se foi, ora a contemplação exactica do tempo que vae correndo. Por isso mesmo, se um igual pensamento enquadra todo o seu livro, nem o mesmo sentimento, provindo dum largo *elemento humano*, poderemos ver dominando a obra. E' que Antonio de Monforte é um poeta de aspectos, em que as coisas valem pelo que são, e pelo que de artistico podem representar.

Por isso mesmo no seu livro se mostra um conflicto interessante. As novas obras de arte proveem naturalmente duma nova accumulção de factos; apenas naipes novos de factos poderão renovar a arte, atravez da individualidade de que o artista os enche. Ora Antonio de Monforte procurou ferir motivos apagados e esquecidos, por vezes motivos novos, que tornam este livro singular na publicação sorna que por ali corre; mas a *fôrma* ficou-lhe sempre igual em todo o livro, sempre a mesma, dando a *themas* differentes o mesmo canto no mesmo rythmo. E' que a sua faculdade dominante, levando-lhe o olhar para os aspectos varios, perdeu-lhe o sentido da unidade, a vista da unidade. Tivera-a o poeta, num largo ideal estuando em colleações que percorressem o livro, e esses aspectos isolados deixariam de ser aspectos isolados para passarem a faces subsequentes do mesmo ideal. Então a expressão esthetica de cada uma destas faces, tornar-se-hia espelho dessa mesma face, variando com cada uma dellas.

Antonio de Monforte pretendeu renovar fôrmas artisticas; apenas viu o *detalhe*. E a par da alegria que este livro nos dá, nós divisámos o perigo de, em futuras obras, se eternisar, repetindo assumptos, na mesma visão parcial que levará sempre ao ponto de partida.

E então será o caso de Mr. Rostand, afivelando a todos os seus personagens o enorme nariz de Cyrano.

---

## CINEMATOGRAHO

---

Em Amarante, terra da sua naturalidade, botou conferencia sobre Herculano, o Achulinhos, um quartanista de direito loiro e pudico.

Pela primeira vez tivemos o prazer de não assistir a uma conferencia do illustre *conferenciés*. Todas as outras, que nós saibamos, as tem elle realisado nas aulas, fallando, ora da influencia do facto economico na revolta do *grélo*, ora das regras da *lithurgia*, e sempre com a mesma elevação.

Não somos dos mais assiduos, mas sempre um mau sestro nos tem atirado nesses dias para o nosso logar na aula, marcado por dois traços negros num banco duro. Pois se acceitassemos dar uma falta num desses dias,

essa com outra que demos a Direito Romano num dia em que nos sahiu a bóla, seriam as duas faltas mais bem dadas da nossa vida academica.

Finou-se a *Revista Coimbrã*. Lamentamos.

Aos assignantes que houvessem pago adeantadamente, serão enviados os numeros correspondentes duma nova revista, cujo apparecimento está ha muito anunciado — *Ditos Agudos*.

O corpo de redacção ficará o mesmo, entrando apenas para o logar do sr. João de Castro, que generosamente o céde, o sr. Paulin Santos.

Num dos ultimos numeros da *Patria Nova*, publicou o sr. Joaquim Diniz da Fonseca um *excerpto dum livro por fazer, intitulado: Domingo de Paschoa*.

Foi com certeza gralha que escapou á revisão: — não é um livro que o sr. Fonseca tenciona fazer, mas um calendario.

Pede-nos o sr. Orlando Marçal que lembremos aqui que Valle de Lobos fica a 3 kilometros de Guimarães, com muito bons meios de transporte. E' portanto de esperar que a academia não falte á grandiosa romaria.

Muito concorridas as ultimas reuniões intellectuaes da *Livraria Moderna*. Entre outros, lembra-nos ter visto ali os srs. H. Raposo, Alberto Monsaraz, A. Gonçalves Cunha, Antonio de Mouforte (Sardinha), João de Lebre e Lima, etc.

Estamos a dois dias do centenario. Ainda se não sabe ao certo quantos feriados rende. Se forem oito, como já temos ouvido, é a melhor maneira de o centenario resultar numa grande festa nacional. Vamos cada um para as suas terras, centenarias, em familia e em chinelos de liga.

O terceiranista de direito Henrique Silva realiso, na Figueira da Foz, uma das taes conferencias preparatorias.

Na impossibilidade de a reproduzirmos na integra, damos della um trecho, porventura o trecho de ouro:

« Herculano, historiador insigne, na investigação minuciosa dos factos foi o que nós hoje poderíamos chamar um Seberlock; pamphletario trovejante, na maneira invencivel como sempre dirigiu o ataque foi o que nós hoje poderíamos chamar um Raku! »

## A BOA NOVA

Nos bons tempos em que eu faltava a latim para ir jogar a barra na alameda do Botanico, julgava que a carta de bacharel me metteria nos bolsos, em cartuchos reluzentes de libras de cavallinhos, uma fortuna solida e macissa.

Mas desde que entrei a ver que os bachareis medram por essas cidades e villas de Portugal, como neste verde abril, os malmequeres pelos prados e jardins, entraram de ralar-me graves apprehensões sobre o meu futuro de bacharel em direito. Desde que aos meus ouvidos começaram o soar, como arranhaduras em fundo de prato ou

pela cal das paredes, os nomes e appellidos de bachareis formados, de manga de alpaca, copiando officios pelos mochos tristes das repartições, os rôlos de libras, que eu sonhava, transformaram-se logo nuns magros dezoito vintens diarios dum amanuensado em Paio Pires.

Depois as desillusões amontoaram-se: um dia eu sabia que um bacharel em Direito ensinava meninos numa escola regia; no dia seguinte, um acaso intrigante, como a indicar-me a sorte que me esperava, punha-me diante dos olhos a relação dos concorrentes a uma vaga de continuo do lyceu, fartamente recheiada de bachareis em Direito.

E, em reforço, os meus proprios olhos viam pelos primeiros andares de Baixo, escriptorios de advogados, onde, afora estes, somente as moscas punham uma palpifação de vida em borrões negros pelas paredes.

Assim, da fortuna que eu confiadamente esperava do canudo de bacharel, somente agora antevio possibilidade pelo casamento rico com menina muito rica e segundo o regimen do reino.

E ainda ha pouco tempo, nalgum dia mais escuro em que pensamentos escuros me verrumavam o cerebro, eu imaginava-me, branco e corcovado, pelos caminhos das romarias, mostrando a carta como quem mostra um aleijão, de supplica nos labios e mão estendida á esmola.

Mas eis que um sol esplendido illuminou de repente a abobada da treva da minha velhice de advogado invalido. Um destes dias os meus olhos poisaram distrahidamente nas columnas massiças do prestante *Seculo* e não sei que dedo occulto lhes apontou á leitura uma noticiinha, perdida entre outras noticias que formam a bem elaborada secção — O SEculo NAS PROVINCIAS.

E os meus olhos leram que uma senhora, de muita virtude por certo, deixava um legado de cem contos para a fundação dum asylo de advogados cahidos na miseria.

E ao calor desta carinhosa restea de caridade, fundiram-se num instante em lagrimas de reconhecimento as minhas graves apprehensões sobre um futuro incerto de bacharel em Direito.

Já não me assusta a velhice, com noites frias dormidas pelos bancos das Praças e o caldo esmolado pelas portas dos quartéis e das cazas ricas. Os cabellos brancos acenam-me até com a grata camaradagem dos meus contemporaneos de Coimbra, numa convivencia ainda mais estreita: abancando todos á mesma mesa dum refeitório amplo, dormindo todos sob o mesmo tecto duma camarata ampla.

E em logar dum dr. Alberto de Castro, andrajoso e esfaimado, com a chapa de mendigo do governo civil, eu antevejo com delicia um dr. Alberto de Castro, limpo e confortado, com as iniciaes do asylo no bonet de pala, levando aos domingos as cadeiras para a Avenida...

ALBERTO DE CASTRO.

## Do «Jornal de um poeta»

S. PEDRO DE MUEL, Julho, 1905.

Quando o Sol está já interrado até aos peitos, voltam da horta a Maria Joaquina e o seu burro. A esta hora, e na praia deserta, estas duas figuras são de uma grande melancholia. Maria Joaquina acurva e tropeça,—sempre de negro,—desde que a filha, a mais nova, a que podia ser neta, a do ultimo beijo! —morreu ali afogada num desses estupidos desastres em que o triumpho de morte é tão facil, que nos sugere que a morte, em vez de imagem solemne, é qualquer coisa tão familiar como o gato que dorme ao borralho, entre o serão da familia. Mas o relevo da pobre velha é o seu burro, lanzudissimo e santo.

\*  
\*  
\*

Tive sempre por este estranho animal—o burro—uma simpatia extrema. Em criança torturei-o, como os outros. Encanta-me a sua paciencia para aturar os pobres (que são afinal, os que ninguem atura) e o sustentam de fome e pancadas. Internece-me a sua mansa adaptação na familia e, albergada no seu corpo maneiro, feito para ser util, a sua alma serena, enobrecida de vontade estoica e de tolerancia budista.



Creem-no estúpido, a elle, muito mais intelligente, que o cavallo—esse tolo com memoria. Acham-no feio, a elle, cujos olhos são os mais doces da criação.

Mesmo os cavalos só atingem esta *expressão*, quando a dôr os despoja da sua vulgar elegancia plastica, em que os felinos e as mulheres triumpham. Esse tragico, admiravel cavallo-*mineiro* de Meunier,—gothica imagem das coisas usadas,—é *quasi* um burro.

\*  
\*  
\*

Uma vez, num *hall* de hotel, não me lembro bem aonde, li num jornal um annuncio que illuminava a pagina em que vinha. Em volta delle os charlatões grasnavam, acotovelando-se, os nomes barba-

ros das mézinhas, ou os títulos dos livros, ou as cotações das Bolsas. Era um burro que se vendia, um burro *familier avec enfants*. *Familier avec enfants!* E' a angelisação do irracional.

\*  
\* \*

Mas estas silhuetas melancolicas que todas as tardes considero, recordam-me outro grupo, igualmente irmanado e caduco. Relembro uma velhita, a Maria Rosa, que vivia de recovagens entre Leiria e uma aldeia proxima. Tinha a carinha tão lavrada de rugas, que uma lagrima que por ella escorregasse, pelas gelhas se canalisava, como a agua nos regos das hortas.

Essa montava o jumento, tambem velusco e triste;—os burros terão mocidade? E'-me impossivel evocar a velhita sem que o seu burro não reveja. E tudo se me funde nesta imagem:—ao longo de uma estrada um centauro de lentidão e paciencia. . .

\*  
\* \*

Ah!, os burros tem mocidade, e nenhum animal domestico tem uma meninice mais infantil dos que estes *babrés* saltantes e ledos! Suas cabeças são frisadas como as de San Jõesinhos de Renascença; seus olhos brilham desnossa vida, quer hajam de soffrer o barbaro contato dos caixeiros ruidosos, quer venham à horta com as caducas mães que choram seus filhos.

.....

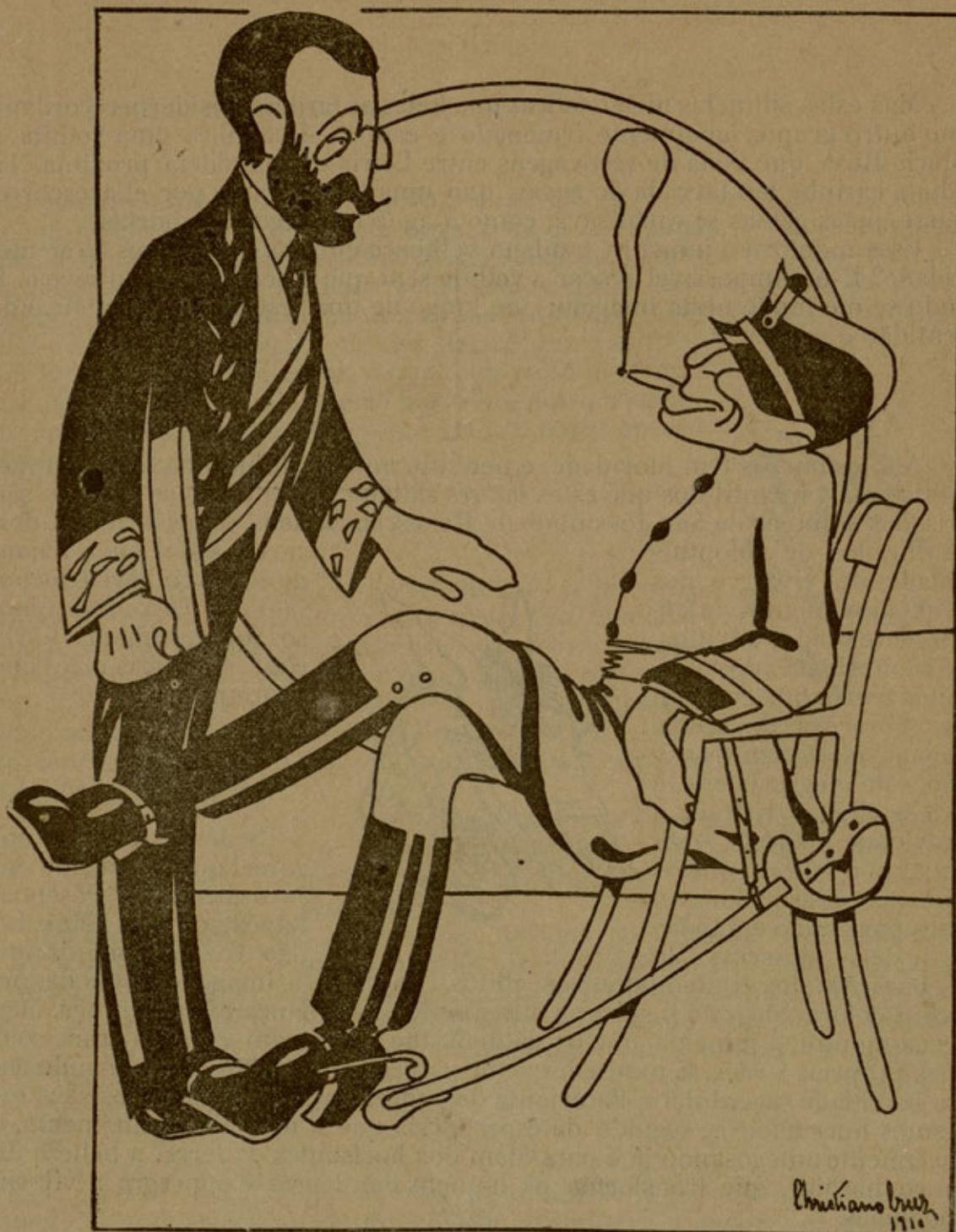
\*  
\* \*

Se Jesus montasse um corcel quando entrou em Jerusalem, na Paschoa, talvez o christianismo não tivesse conquistado os corações dos contemporaneos aflitos. De certo a imagem do fundador, assim deformada, não inspiraria aos simples a confiança e a esperança. Mas Jesus montou a jumenta que os galileus lhe trouxeram e albardaram com suas proprias vestes. E nunca Jesus me parece tão christão como quando entra na cidade sacerdotal e flamejante de padres da Lei, rodeado dos seus ingenuos burriqueiros, seguido da esperta cria que a mãe ainda amamenta, e certamente antegosando já e para alem dos horisontes da terra, a belleza da morte heroica, que transforma os homens em deuses e consagra a vitoria das ideias.



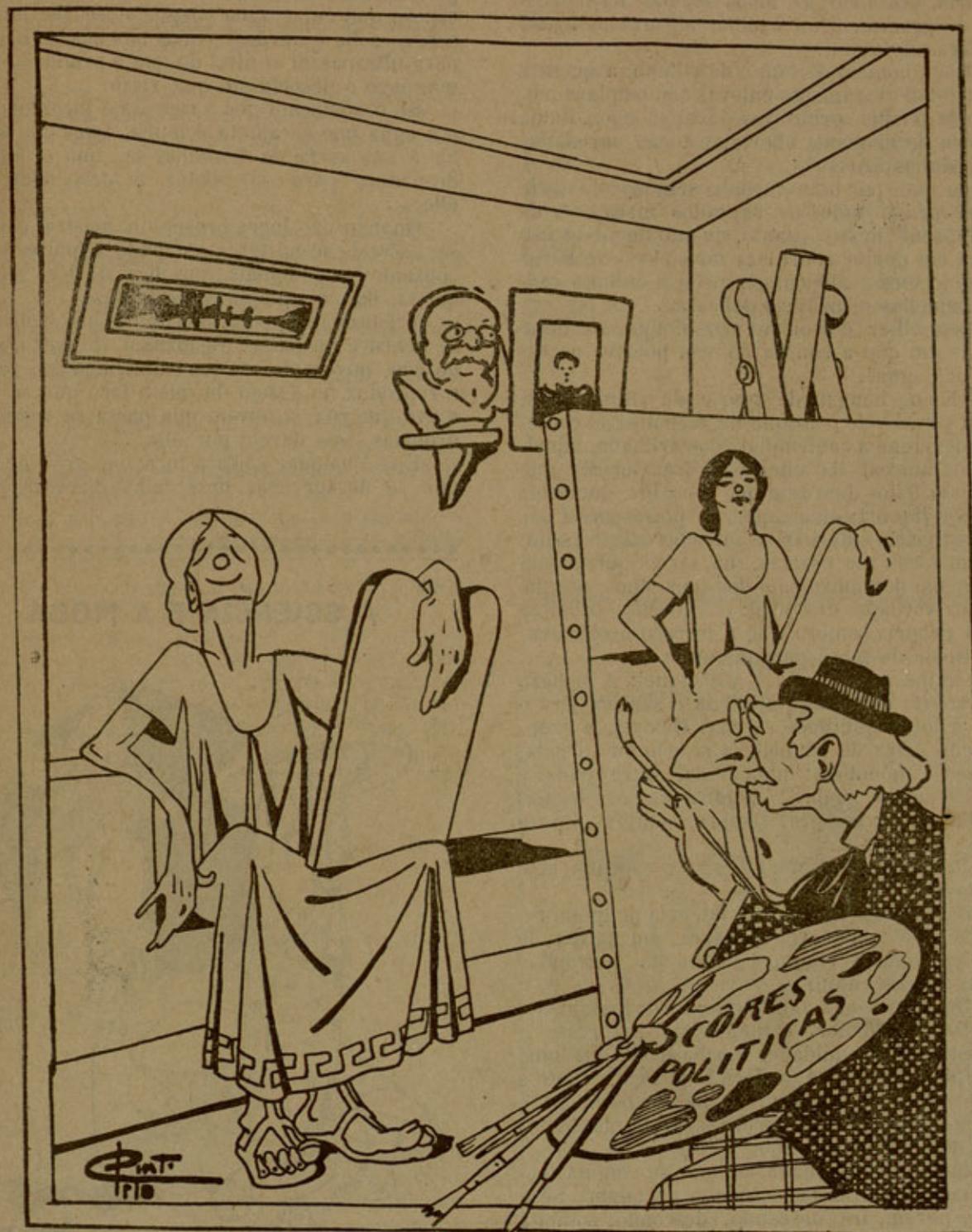
AFFONSO LOPES-VIEIRA

## Canalejas no poder



— E o teu programma impedir-me-ha tambem de fazer todos os annos um menino?

## A nova lei eleitoral



- Mas servindo a ignobil de modelo isso fica uma porcaria.
- Qual! eu dou-lhe todas as côres.

## O poeta

Maria, poisando as mãos esguias na balaustrada de granito, ficou a olhar absorta as águas mürmuradas do mar.

...E eu, homem de som e de ritmo, a quem a materialidade raramente enleva, contemplava maravilhado o talhe «primitivo» das suas mãos, duma brancura de magnolia aberta, e todas enredadas de veiazinhas azues.

E eu que, por uma estrophe sem mácula daria de bom grado todos os sagrados marmores da Hellada, senti, nesse instante, quanto de milagroso haveria em domar a bruteza dum bloco de Páros até que o cinzel affeiçoasse nelle a infinita candura daquellas mãozinhas debeis...

O seu olhar poisou-se mais longe, na linha afastada em que a concha do céu poisava no espelho das águas.

...E eu, homem de som e de ritmo para quem a cõr só vale pelo que de verbalisavel contem, quedei-me a contemplar, maravilhado, aquelles olhos únicos, tão cheios de translucidez que dir-se-iam feitos dum azul que fosse luz, duma luz que fosse liquida; olhos que ao poisarem-se nas coisas pareciam entornar-se por sobre ellas. Assim, tudo em torno me parecia, na tarde quieta, um reflexo, um derramamento dos seus olhos; porque tudo em verdade era azul: o céu alto, o amplo mar, a propria sombra que o terraço projectava.

—Gosta do mar? perguntou-me.

Disse-lhe que não... E justifiquei: A belleza só é perfeita quando equilibrada e serena. Ora o mar é a intranquilidade eterna. Demais, a grandiosidade deixa de ter belleza se não fôr variada. E o mar é monotono: uma onda, outra onda, e outra, e outra ainda... lembra-me os dramas do velho Hugo: sempre, sempre, sempre alexandrinos...

—Para que é falso? ralhou ella com um gestozinho d'amuada.

E depois com a litteraria fluencia de quem repetia o que muita vez pensára, ou talvez de quem reproduzia alguma pagina do seu diario intimo, accrescentou:

—Deus fez com a agua a epopeia da humildade.

—Da humildade?... interroguei surprezo.

—Sim, da humildade. Encha com ella uma taça d'ouro, e tomará a fôrma da taça. Deite-a depois num vaso tosco, de barro humilde, e ve-la-ha humildemente aconchegar-se ás linhas rudes desse vaso ingenuo.

A tudo se accomoda, a tudo se sujeita, sejam quaes forem os laços que a prendam. Se a soltam, porem, irá descendo, descendo, sollicita e contente ao mais baixo que puder. Ah! não calcula, meu amigo, a doce commoção que eu sinto, quando vejo um fiozinho d'agua manar na altura

sobranceira dum monte e correr logo, numa pressa alegre, da imminencia em que nasceu para a estreita inferioridade dos valles.

Quando alguma coisa a detem, tornea-a, se pode, numa curva timida e trémula, para proseguir na interminada descensão. Se o não consegue, espera que outra agua chegue e se lhe junte, e sobe,—sobe é verdade—mas apenas o bastante para ultrapassar o nivel do que a prenda, e retomar logo a descida em que viêra.

Se o obstaculo que a reprêsa é incontornavel, e a agua que se ajunta é muita, tamanha se torna a sua ancia de humilhar-se, que o abate e despenha, para se abater e despenhar com elle...

Quando não logra proseguir, alastra, espalha-se, esconde-se na terra até onde a porosidade o consente; e a demais que fica á flôr, torna-se quieta, lisa, e emmudece de tristeza...

Tristeza resignada todavia: o que sobre ella se debruce ou passe: rostozinho de pastora, ave do céu, nuvem do ar, immediatamente o reflecte e reproduz no desejo de que a face que se mira, a ave que vò, a nuvem que passa se vejam a si proprias, sem darem por ella...

E se qualquer coisa a toca: um grão de terra que se desaggrêga, uma folha d'arvore que se

## A SCIENCIA E A MODA



—Que bello cogumelo para a minha collecção!

desprende, estremece, por se ver surpreendida, num arripio que a percorre toda.

— Não é afinal tudo isto uma viva alegoria da humildade?

Para que a toada emballadora da sua voz continuasse a acariciar os meus ouvidos, objectei timidamente:

— Também é humilde a agua que se evapora? Não sobe ella a tal altura que nem as aguias lá chegam?

— E' certo; mas sobe invisivel quasi sempre, ou então num fumo ténue que na ascensão se adelgaça, cada vez mais, até se desfazer de todo...

— E a nevoa? E as nuvens?

— A nevoa? A nevoa é como a felicidade. A gente vê-a quando está distante—e da que nos rodeia não vê nada... As nuvens? Só se tornam grandes quando a agua que as fórma está prestes a desfazer-se em lagrimas...

— Lagrimas d'agua que teem, ás vezes, cores de raios...

— As trovoadas peiores—bém sabe—são as séccas...

— Mas diga-me: esse fio d'agua que das montanhas brota não encontra no seu percurso milhares doutros que o engrandecem e o tornam num largo veio?...

— Veio sagrado e benefico que vae regando a terra e descendo, descendo sempre até ao infinito mar...

— E o que é o mar? A agua em furia, a onda fêra, que faz naufragios, que traga vidas...

— Outro engano. O mar só é assim para os olhos que não penetram nas ideias e nas coisas para além das superficialidades. As tormentas do mar, com toda a sua tragica scenographia, são méros arripios epidermicos. O seio das aguas permanece na sua inalteravel mansidão, como suprema grandeza, como suprema força, como suprema serenidade que é.

E após instantes:

Bellas como o mar só duas coisas fez Deus.

— Quaes?

— A luz e...

— E?...

— Porque não hei de dizer-lh'o, se somos afinal dois bons amigos? A luz e o amor.

Já a taça do sol, como na ballada, se afundára na agua arfante. Já o negro olhar da noite começara velando e delindo as funduras dos valles mais estreitos. Recolham do mar alto, numa procição de vélas pandas, as companhas dos pescadores.

Desciam dos altos montes, chocalhando e ba-

lindo, em theorias de drama lirico, as lentas filas das ovelhas placidas.

Era a hora de Millet.

E como na téla immortal, nós dois alguma oração rezámos, porque os nossos olhos se encontraram...

— Meio minuto? Um? Mais? Menos? Sei lá... Foi um segundo talvez.

Seguiu-se um lapso indefinivel em que, nos corações d'ambos se diptongava o constrangimento e o extasis, o desejo de que aquella hora tivesse por graphico a cura infechavel duma parábola e a vontade de que surgisse qualquer coisa, fosse o que fosse, a quebrar o ténue fio d'ouro daquelle encantamento.

Felizmente (felizmente Maria?) o Mário, concludas as lições da tarde, surgiu á entrada do terraço.

— Uff! Só agora! Mas amanhã, irmãzinha, cantou elle num improvisado passo de dança, amanhã é domingo e tenho todo o dia para brincar...

Olaré, olarila

Olaré, olarila.

Oh Chica bate o pé

Joaquim entra na fila...

Chalreiro como um pintasilgo solto, irromdeu com esfusiante ardor no elogio da «Mademoiselle»



Que ensinava muito melhor que a alemã, Que a outra era uma velha rabujenta e feia, que esta era muito amiguinha delle, que até fazia gosto ouvi-la explicar as coisas.

E no auge do entusiasmo erguen os braços ao ar e bradou em altos gritos, alegrissimo:

—Viva a «Mademoiselle»! Viva a minha preceptora!

Viva o papá que mandou a outra embora!

Viva! Viva!

Voltando se para nós:

—Então vocês não correspondem?!...

Passou seguidamente, sem disfarces de vaidade, a estadiar os seus progressos. Dêra apenas um erro na leitura e estavam certas as tres contas. O thema é que não ia bom. Tambem não admira—desculpou logo—é dos primeiros que faço...

—Dize lá Mário: O que queres tu ser? Medico como o teu tio ou engenheiro como o teu pae?

Acenou negativamente.

—Ora a ver se adivinhas?...

—Advogado?

—Tambem não.

—Juiz?

—...Não.

—Padre?

—Quero agora lá ser padre!...

—Agronomo? Industrial? Militar?...

—Nada disso...

—O quê então?!

—Quero ser poeta, como tu.

—Oh desgraçado! exclamei eu rindo.

A fuligem do crepusculo caia nas coisas e nas almas. O proprio Mario, o gárralo e azouguento Mário, encostando-se á cadeira da irmã, emmudecera.

Eu, noutra cadeira de verga, em frente, em

balava os meus vagos pensamentos na vaga litanía das ondas.

Para quebrar a lassitude que nos tomára, perguntei, indicando uma brochura cinzenta, no regaço de Maria:

—E' romântico?

—Sim. Uma traducção da *Sapho*. Gosta?

—Sei até de cór o dialogo com que abre. Por signal que não é facil de traduzir, parecendo o que ha de mais simples: *J'aime la couleur de vos Yeux*.

Debruçou-se para ler, á despedida da luz, a traducção correspondente: *Que lindos olhos!*

—Ora adeus! commentei. Que lindos olhos! é um galanteio d'amanuense em domingo d'Avenida. E encolhendo os hombros: Afinal basta um nada para dar euphonia e graça á phrase mais corriqueira. Quer ver? Assim, já parece outra coisa:

*Que lindos olhos tem, Maria!*

Os olhos della olharam-me um instante, num palpitar de palpebras perturbado e inquieto. Mas desceu-os logo para o irmão que se havia acomodado á turca no pavimento do terraço. Desviou-os depois para o mar. Poisou-os de novo no livro. Subiram; voltaram; tornaram a descer, exitantes, nervosos, trémulos, poisando aqui, poisando ali, não se fixando em ninguem, não se detendo em nada.

O pequeno ergueu a face; contemplou-a mudamente. Depois, num murmuro de réza, espacando as syllabas, disse:

—Parecem dois passarinhos...

O poeta fizera o seu primeiro madrigal.

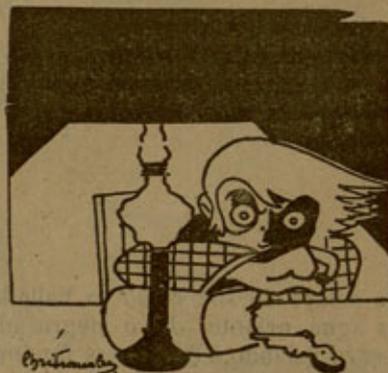
AUGUSTO GIL

## A festa Sabugosa



—Então nem sequer danças estes lanceiros?

—«Caes» lanceiros, eu cá sou da «perventiva»...



Bala, ponto final da existencia.

## O centenario de Alexandre Herculano

Deve sahir em breve o *In-Memorial* em que collaboram dos mais cotados escriptores nacionaes e estrangeiros.

O que será o *In-Memorial*? Uma obra que só por si seria tudo, afirma-se.

Uma deferencia particular permite-nos dar alguns excerptos desse famoso livro.

Elles ahí vão, com os nossos agradecimentos.

Quanto a mim, Herculano foi um pessimista. Não viu o sentido da vida...

Quiz a Perfeição esquecendo-se que Deus, sendo quem é, fez o homem tão imperfeito...

E quando as obras de Deus são assim, o que será a obra do homem?

As coisas são o que são e não o que deviam ser...

Ri de tudo, sé patife, mas com espirito, e o mundo admirar te-ha.

Eis uma philosophia perfeita...

DO SR. CONSELHEIRO JOSÉ LUCIANO DE CASTRO

Entre os nomes que fulgem no ceu doirado da nossa litteratura surge com notavel relevo o de Alexandre Herculano.

Historiador jamais excedido, romancista nun-

ca egualado, poeta notavel, elle deixou o seu nome ligado á Historia, ao Romance, á Poesia e ainda ao Direito.

Amigo intimo de D. Pedro IV e podendo subir aos mais altos logares, galardão do talento e do trabalho, preferiu Valle do Lobos e alli morreu.

Gloria ao Genio!

E que as creancinhas pronunciem com amor o seu nome.

DO SR. CONSELHEIRO AGOSTINHO CAMPOS

Director geral de Instrucção Publica

Triste terra! Alexandre Herculano... Escarneo inaudito! Ora pois... Centenariam-te hoje os dignos successores daquelles que te mettiam dó —ou nojo.

Mas só houve aqui uma gente sincera: a de Campolide. Foi coherente, foi logica. Mas os conselheiros, essa gente toda...

E toda a gente fala da obra d'elle, todos a que a não leram...

Ora bólas...

Mas... O Forjaz de Sampayo dirá da obra de Herculano.

DO SR. BRITO CAMACHO

Director da «Lucta»

Herculano foi um genio e a sua actividade affirmou-se na sciencia juridica. A elle é devida a definição de coisas publicas que apresentou no seio da commissão revisora do Projecto do Codi-

### Scenas do quartel (authenticas)



A PROVA DO RANCHO

— Leva lá a casa rapaz, a minha mulher é que tem paladar.



### Scenas do quartel (authenticas)



— Anda lá 45: se o nosso commandante sabe...

go Civil em sessão de 27 de novembro de 1861 e que foi adpotada com uma ligeira modificação: que podem ser ainda de uso publico as coisas apropriadas ou produzidas pelas corporações publicas e mantidas debaixo da sua administração...

DO SR. CONSELHEIRO BEIRÃO  
Presidente do Conselho e notavel civilista

Embora a mentalidade portugueza apresente como synthese desastrada o Conde de Gouvarinho, espiritos altissimos fogem á theoria estabelecida...

A figura austera e talentosa de Herculano é daquellas que marcam.

Mas o seu destino foi Valle de Lobos, e o espirito do conselheiro Accacio continuou pairando sobre a nossa terra ..

Triste paiz onde os mentores são... os Accacios.

DO SR. DR. LOBO D'AVILA LIMA

A alma portugueza soffre dum mal profundo que a Herculano inspirou a phrase immorredora: «Isto dá vontade de morrer.»

Espirito austero, doutra epoca, elle fugiu da onda de lama que subia; a nós homens doutro tempo compe-te nos detê-la e vencer, ou morrer heroicamente tendo nos labios como ultima prece o nome sagrado da Patria!

Ah! Em breve cantaremos a *Portugueza* ao clarão dos obuzes, e tenho fê que Herculano não

cerá celebrado por aquelles de quem fugiu mas pelos homens libertados de Portugal-Novo.

DO SR. ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA  
Director da «Alma Nacional»

A psychologia de A. Herculano está nesta phrase, synthese completa: «Isto dá vontade de morrer.» Numa epoca em que já campeava o espirito demagogico, elle não viu todavia o mal de sempre, que tanto ataca agora a nossa querida Patria, mas que,—louvado Deus—vai de vencida; e aqui em Coimbra o moço e sympathico rei recebeu uma recepção enthusiástica desta mocidade heroica e boa.

Viva Herculano na nossa memoria sempre, que elle hoje seria ainda monarchico!

Pois poderia agradar ao seu olhar de estheta um chefe de estado de chapéu de côco?

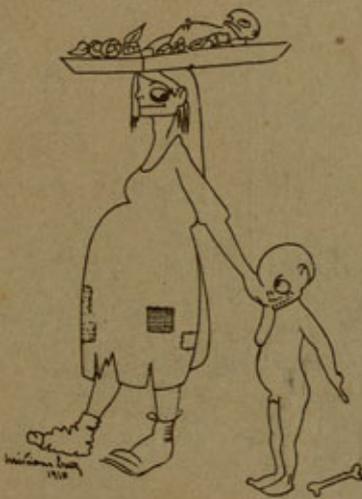
Meus senhores, tremo de commoções: Viva D. Manuel II! Viva Alexandre Herculano!

DO SR. SILVA GAYO  
Illustre escriptor

A Inquisição, esse terrivel tribunal, encontra em Herculano o analysta que, friamente, a golpes secos de bisturi, fibra a fibra vai mostrando o que foi essa horrivel instituto. A figura austera de crente da meia-edade, o cavalheirismo hespanhol, a alma heroica portugueza, o noivo, são-nos mostrados em dois traços magistraes...

Mas Herculano é pesado e não me agrada

## COMPENSAÇÃO



O ventre somma, mas a fome diminue.

## A festa Sabugosa



—Não percas a occasião de lhe fallar no meu despacho.

a mim, planta leve e airosa, descendente da Grecia e filho da França...

DO SR. JULIO DANTAS  
Da Academia Real das Sciencias

Alexandre Herculano, soldado da Liberdade, é grande. Amigo de D. Pedro IV, do qual o nosso soberano herdou o heroismo como herdara dos Orleans o valor intellectual (*A Illustração Portugueza: Quem é o Rei de Portugal?*—), é maximo.

Sublime estatura a sua, estatura de gigante. Arou a terra mãe lavrada pelos canhões da Liberdade, tendo se batido primeiro por ella.

Grande espirito, um dos maiores (?) da terra portugueza!

DO SR. MALHEIRO DIAS  
Director da «Illustração Portugueza»

Segundo as ultimas e mais veridicas investigações, A. Herculano não nasceu, como se tem affirmado, em vinte e oito de abril mas em 29 de março. Um documento, encontrado em Valle de Lobos, e cremos que em poder do sr. B. P., a quem devemos a finesa destas nótas, assim o parece demonstrar.

DO SR. BRITO ARANHA  
Do «Diario de Noticias»

Herculano se vivesse hoje seria republicano porque veria nisso um passo para a conquista do

Ideal, para o futuro regimen de Amor e Igualdade: a Anarchia.

DO SR. PESTANA JUNIOR  
Da «Revolta»

Alma de crente, alma christã descrente dos homens mas não de Deus, espirito iluminado: que os teus erros te sejam perdoados pelo Altissimo, e essas estrophes soberbas attestarão ás posterioridade o teu grande valor.

Nas horas do silencio, á meia noite,  
Eu louvarei o Eterno!  
Ouçam-me a terra, e os mares rugidores,  
E os abysmos do inferno.

DO REV.<sup>mo</sup> SR. SENNA FREITAS

Com todo o respeito e veneração pelos talentos que Nosso Senhor Jesus Christo lhe concedeu, permitta-se-nos discordar de Herculano emquanto ao casamento civil. Para nós, a união só é legitima quando o olhar sagrado de Deus, das alturas celestiais, o santifica. O contrario é sacrilegio.

DO SR. CONDE DE SAMODÃES

Eis os melhores trechos.  
E, para breve, *Palavras do Mestre*  
por obsequiosa deferencia do sr. Fernando de Lacerda.

ANTONIO NOGUEIRA

### O vintem preventivo



— O imposto da republica principiou antes desta existir.

### Myopia



A miseria resolve pôr um monoclo no olho da Providencia.

### O vintem preventivo

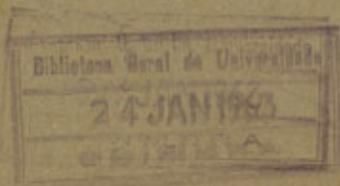


— Impossivel, cidadão; já sou irmão das almas.

# Estudos de expressão



Fructo prohibido



## PAPELARIA BORGES

Coimbra

CASA EDITORA DE BILHETES POSTAES  
ILLUSTRADOS

### Apparelhos e mais material para photographia

Para os Ex.<sup>mos</sup> Academicos faz preços  
excepcionaes nos grupos de cursos e em  
retratos que se encarrega de mandar re-  
produzir na Allemanha.

N. B. — *Ha já grande numero de assi-  
gnaturas para encommendas; e pode for-  
necer amostras de algumas, executadas  
com a maxima perfeição.*

## Pastelaria e Confeitaria Telles

Fabricação esmerada de finos doces  
de ovos, e de fructa de todas as qualida-  
des, em seccos, crystalisados e em calda.

VARIADA PASTELARIA EM TODOS OS GENEROS

Pudings de diversas qualidades, Pão  
de ló pelo systema de Margaride, Galan-  
tines diversas, Patés Saucisses.

Vinhos, Cognacs, Champagnes e Licores finos  
das principaes marcas

Cartonagens, Amendoas, Chocolates,  
Bombons, Drops, Queijos, Chás  
e artigos de novidade.

Unica casa que vende a finissima manteiga da  
QUINTA DE FONTELLO — Paços de Ferreira e os  
deliciosos rebuçados de fructas especialidade da  
Padaria FÁRIA do Porto.

156, Rua Ferreira Borges, 156 — COIMBRA

Telephone n.º 23

## A Elegancia de Coimbra

SAPATARIA DE

MANUEL TEIXEIRA

Rua Infante D, Augusto, 6 a 14

Esta casa, conhecida em todo o Paiz,  
não recomenda o seu fabrico.

Grandes Armazens  
do Chiado

E' o estabelecimento que melhor  
e mais barato vende em

COIMBRA

RUA FERREIRA BORGES

DROGARIA VILAÇA

COIMBRA

Completo sortido de drogas, productos chimicos  
e pharmaceuticos.

Fornecimento para pharmacias e laboratorios.

LOUIS FONTAINE

*Accordeur diplomé de la Maison Pleyel de Paris*

Pianos, afinações, concertos

VENDAS E COMMISSOES

Provisoriamente

28 Rua Sá da Bandeira, 28 — COIMBRA

# Grandes Armazens de Lisboa

11, AVENIDA NAVARRO, 31

Entrada pela Couraça da Estrella, 2

PREDIO TODO

COIMBRA

© mais vasto estabelecimento da provincia, com as mais sortidas secções de modas, chapéus, confecções, lanifícios, fanqueiro, retrozeiro, perfumarias, estofador e brinquedos. Ateliêrs de chapéus, modista e alfaiate.

SORTIDO MONSTRO.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Um dia por mez

FAZENDAS DE GRAÇA!

Pedir instrucções nos

**GRANDES ARMAZENS DE LISBOA**

## LIVRARIA MODERNA

A. GONÇALVES CUNHA

25 — Marco da Feira — 25

COIMBRA

Livros portuguezes e estrangeiros sobre todas as materias, **novos e usados com grandes abatimentos.**

Revistas, jornaes, illustrações. Musicas. Cordas e outros pertences para instrumentos. Papelaria. Bilhetes de visita. Postaes illustrados. Encadernações. Gravuras. Sellos para collecções. Tabacos. Perfumarias.

Compram-se quaesquer livros em grandes ou pequenas quantidades.

## ALFAIATARIA E CAMISARIA

Francisco M. de Sousa Nazareth e F.º

20 — Rua Ferreira Borges — 24

COIMBRA

Completo e variado sortido de case-miras para fatos e sobretudos, luvas col-larinhos, gravatas, suspensorios, ligas de camurça, cache-col em seda, veludo e lã. Camisas brancas e de côr.

Agencia da Companhia de Seguros Bonança, a mais poderosa e antiga de Portugal.

## GRANDE CAFÉ CONCERTO

Antigo café MARQUES PINTO

PROPRIETARIO

Manuel J. Telles

Praça do Commercio

COIMBRA

8

7-

e-  
l-  
e  
ā.

s  
e

